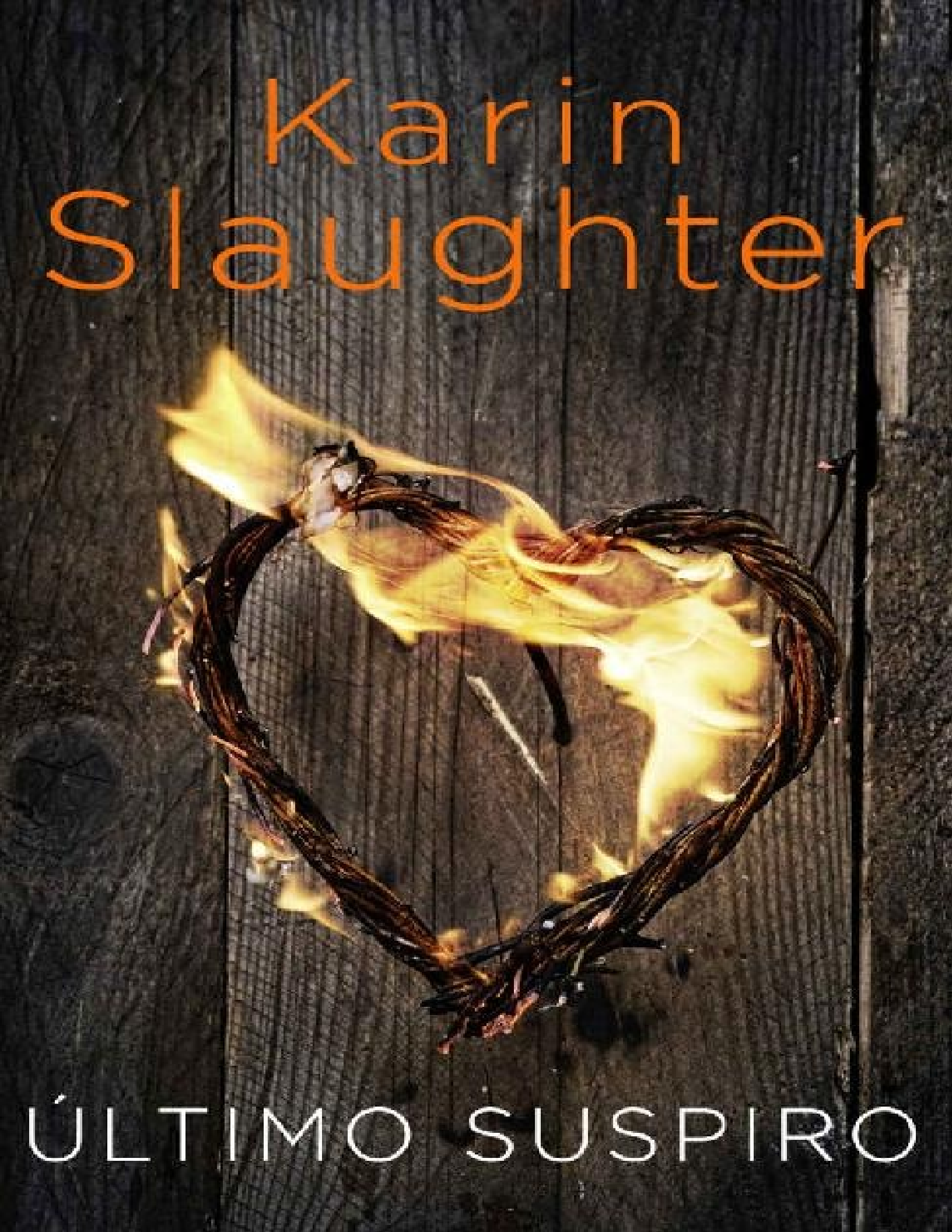
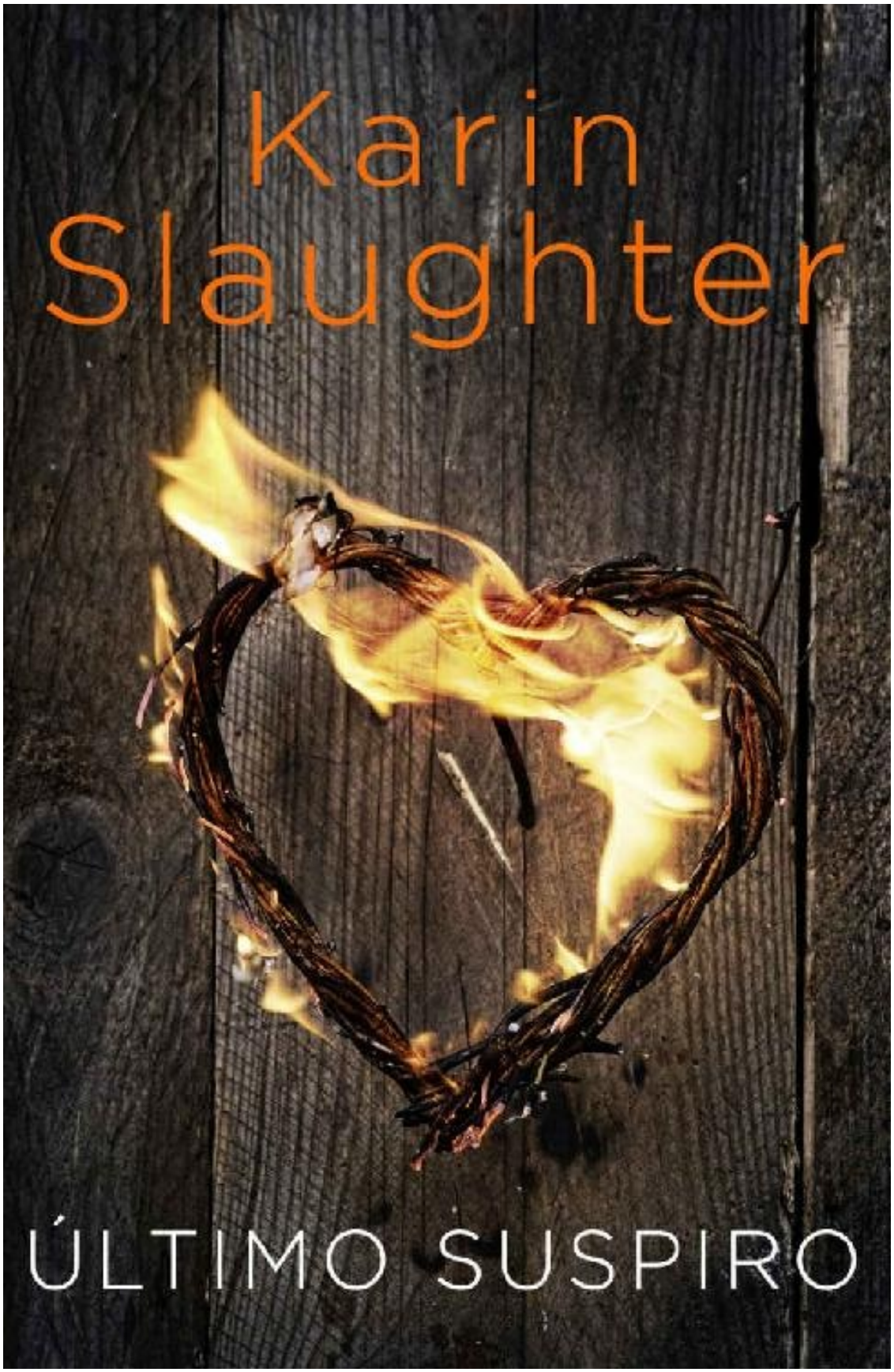
Karin Slaughter



ÚLTIMO SUSPIRO


Karin
Slaughter
ÚLTIMO SUSPIRO

ÚLTIMO SUSPIRO

Tradução
Monique D'Orazio

KARIN SLAUGHTER
AUTORA DE **FLORES PARTIDAS**

Harper Collins

Rio de Janeiro, 2018

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S641u

Slaughter, Karin, 1971-
Último suspiro [recurso eletrônico] / Karin Slaughter; tradução Monique D'Orazio. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
recurso digital

Tradução de: Last breath
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788595082175 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

18-50187 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

SUMÁRIO

8 DE JUNHO DE 2004
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
SINOPSE: A BOA FILHA

8 DE JUNHO DE 2004

CAPÍTULO UM

— CALMA AÍ, SRTA. Charlie. — A voz de Dexter Black saía áspera no telefone público da penitenciária. Era quinze anos mais velho que ela, mas “senhorita” servia para demonstrar respeito às suas respectivas posições. — Eu disse que vou pagar você assim que me tirar dessa confusão.

Charlie Quinn revirou os olhos com tanta força que sentiu tontura. Estava em pé do lado de fora de uma sala lotada de meninas escoteiras na Associação Cristã de Moças. Não devia ter atendido a ligação, mas havia poucas coisas piores do que estar rodeada por um bando de adolescentes.

— Dexter, você disse a mesma coisa da última vez que te tirei de encrenca e, no minuto em que saiu da reabilitação, você gastou todo o seu dinheiro em bilhetes de loteria.

— Eu poderia ter ganhado e aí eu teria te pagado a metade. Não só o que estou devendo, Srta. Charlie. A metade.

— É muita generosidade a sua, mas a metade de nada é nada. — Ela esperou que ele inventasse outra desculpa, mas tudo o que ouviu foi o murmúrio característico do Centro de Detenção Masculina do Norte da Geórgia. Presos sacudindo barras. Gritos de palavrões. Lamentos de marmanjos. Guardas mandando-os calar a boca.

— Eu não vou desperdiçar os minutos grátis do meu celular no seu silêncio — disse ela.

— Tenho uma informação — afirmou Dexter. — Algo que vai me render um dinheiro.

— Espero que não seja nada que você não queira que a polícia descubra pelo telefone grampeado da prisão. — Charlie limpou o suor da testa. O corredor era quente como um forno. — Dexter, você me deve quase dois mil dólares. Não posso ser sua advogada de graça. Tenho uma hipoteca e um empréstimo estudantil para pagar e gostaria de poder comer fora em um restaurante legal de vez em quando sem me preocupar com o limite do meu cartão de crédito.

— Srta. Charlie — repetiu Dexter. — Eu entendo o que você está me falando, lembrando que a ligação é gravada, mas o que estou dizendo é que tenho uma coisa que pode valer um dinheiro à polícia.

— Você deveria arranjar um bom advogado para representar você nas negociações, porque não vou ser eu.

— Espera, espera, não desliga — implorou Dexter. — Eu só estava me lembrando do que você me disse há muitos anos, quando começamos. Lembra?

Charlie revirou os olhos, mas não tanto quanto da primeira vez. Dexter tinha sido o primeiro cliente quando ela abriu o escritório, logo que saiu da faculdade de Direito.

— Você me falou que recusou uns empregões na cidade porque queria ajudar as pessoas — disse ele, e fez uma pausa dramática. — Não quer mais ajudar as pessoas, Srta. Charlie?

Ela murmurou alguns palavrões que os guarda na escuta iriam gostar.

— Carter Grail — disse ela, oferecendo o nome de outro advogado.

— Aquele velho bêbado? — Dexter parecia exigente para um homem vestindo um macacão laranja de prisão. — Srta. Charlie, por favor, será que…

— Não assine nada que você não entenda. — Charlie fechou o celular de flip e o jogou dentro da bolsa. Um grupo de mulheres em bermudas de ciclismo passou por ela. As frequentadoras da ACM no meio da manhã eram em geral aposentadas e jovens mães. Ela podia ouvir ao longe um *tum-tum-tum* abafado vindo da sala de exercícios. O ar cheirava ao cloro da piscina interna. *Tuncs* vindos das quadras de tênis atravessavam as janelas de vidro duplo.

Charlie apoiou as costas na parede e repassou a ligação de Dexter na cabeça. Ele estava na cadeia de novo. Por causa de metanfetamina de novo. Devia estar pensando em denunciar algum colega usuário ou um traficante e assim conseguir retirar as acusações contra ele. Se não tivesse um advogado cuidando do acordo junto ao promotor de justiça, seria melhor ele segurar a própria barra e comprar mais bilhetes de loteria.

Charlie se sentia mal com aquela situação, mas não tão mal como se sentiria se atrasasse o pagamento da prestação do carro.

A porta da sala de recreação se abriu. Belinda Foster parecia estar em pânico. Tinha 28 anos, a mesma idade de Charlie, mas com uma criança pequena em casa, um bebê a caminho e um marido de quem ela falava como se fosse outra criança incômoda. Assumir o dia das profissões com as escoteiras não tinha sido seu erro mais estúpido naquele verão, mas estava no top 3.

— Charlie! — Belinda arrumou o lenço de escoteira ao redor do pescoço. — Se você não voltar aqui, vou me jogar do telhado.

— Você só iria quebrar o pescoço.

Belinda abriu a porta e esperou.

Charlie passou a mão na barriga muito grávida da amiga. Nada tinha mudado na sala de recreação desde que seu celular havia tocado e lhe dado um descanso

da aglomeração. Todo o oxigênio estava sendo sugado por vinte escoteiras risonhas e de aparência saudável, com idades entre quinze e dezoito anos. Charlie tentou não estremecer ao vê-las. Em termos de idade, havia uma diferença de um pouco mais de uma década entre ela e a maioria das meninas, mas ela identificava um aspecto familiar em cada uma delas.

As nerds de matemática. As futuras alunas de Letras. As líderes de torcida. As patricinhas. As góticas. As bobas. As esquisitas. As geeks. Todas sorriam do mesmo jeito umas para as outras, com apenas o canto da boca, pois cada uma parecia capaz de dar o bote a qualquer momento: um corte de cabelo que ficou ridículo, a cor errada de esmalte, os sapatos errados, as meias-calças erradas, a palavra errada e, de repente, você estava excluída.

Charlie ainda se lembrava de como era ficar presa no purgatório do lado de fora das panelinhas. Não havia nada mais torturante nem mais solitário do que levar um gelo de um bando de adolescentes.

— Bolo? — Belinda lhe ofereceu uma fatia de bolo fina como papel.

— Hum — foi tudo o que Charlie conseguiu dizer. Seu estômago estava embrulhado. Não conseguia impedir que seu olhar percorresse sala de recreação parcamente mobilhada. As meninas todas eram jovens, magras e bonitas de um jeito que fazia Charlie não querer ficar entre elas. Minissaias curtas. Camisetas apertadas e camisas com um botão aberto além do que deveria. Pareciam assustadoramente confiantes. Jogavam os longos cabelos loiros de farmácia quando davam risada. Estreitavam olhos habilmente maquiados enquanto ouviam histórias. Faixas de escoteiro tortas. Coletes desabotoados. Algumas dessas garotas estavam cometendo sérias violações ao código de vestimenta das escoteiras.

— Não me lembro do que a gente falava quando tinha essa idade — disse Charlie.

— Que as meninas Culpepper eram um bando de vacas.

Charlie estremeceu ao nome das suas torturadoras. Ela pegou o prato de Belinda, mas só para manter as mãos ocupadas.

— Por que nenhuma delas está fazendo perguntas?

— A gente nunca fazia perguntas — respondeu Belinda, e Charlie sentiu um arrependimento instantâneo por ter desdenhado de todas as mulheres que falavam sobre suas profissões nas reuniões das escoteiras. As palestrantes pareciam tão velhas. Charlie não era velha. Ainda tinha sua faixa cheia de insígnias dentro de um armário em algum lugar de casa. Era uma advogada de arrebentar. Casada com um homem adorável. Estava na melhor forma da sua vida. Era para essas meninas acharem que ela era incrível. Deveriam inundá-la de perguntas sobre como tinha ficado tão descolada, em vez de darem risadas

maldosas em seus grupinhos, provavelmente discutindo quanto sangue de porco colocar em um balde para jogar na cabeça de Charlie.

— Não acredito na maquiagem que elas usam — comentou Belinda. — Minha mãe quase arrancava meus olhos quando eu tentava sair de rímel.

A mãe de Charlie tinha sido assassinada quando ela tinha treze anos, mas Lenore, a secretária de seu pai, havia lhe dado muitos sermões sobre as mensagens perigosas que eram transmitidas por jeans apertados demais.

Não que Lenore tivesse conseguido contê-la.

— Eu não vou criar a Layla desse jeito — disse Belinda. Layla era sua filha de três anos, que de alguma forma tinha virado uma criancinha atenciosa e angelical, apesar do duradouro caso de amor de sua mãe por cerveja, doses de tequila e caras desempregados que andam de moto. — Essas meninas, elas são doces, mas não têm noção do ridículo. Elas acham que tudo o que fazem está certo. E isso para não falar sobre sexo. As coisas que elas falam nas reuniões… — Ela fez um ruído desdenhoso pelo nariz, deixando no ar a melhor parte. — A gente nunca foi assim.

Charlie tinha visto o oposto, especialmente quando uma Harley-Davidson estava envolvida.

— Acho que a questão do feminismo é que elas têm escolhas, não que elas façam exatamente o que pensamos que deviam fazer.

— Bem, talvez, mas ainda estamos certas e elas continuam erradas.

— Agora você parece uma mãe falando. — Charlie usou o garfo para tirar uma porção de cobertura de chocolate do bolo. Pareceu cola quando tocou sua língua. Ela entregou o prato de volta para Belinda. — Eu tinha pavor de decepcionar a minha mãe.

Belinda terminou o bolo.

— Eu tinha pavor da sua mãe, ponto.

Charlie sorriu, depois colocou a mão na barriga, sentindo a cobertura rolar como um tronco de árvore no meio de um tsunami.

— Você está bem? — perguntou Belinda.

Charlie levantou a mão. O enjoo a acometeu tão de repente que ela não conseguiu nem perguntar onde ficava o banheiro.

Belinda conhecia aquela cara.

— Fica no fim do corredor, à…

Charlie saiu correndo da sala. Manteve a mão firme na boca enquanto ia testando as portas. Um armário. Outro armário.

Uma escoteira de aparência saudável estava saindo da última porta que ela testou.

— Oh — disse a adolescente, jogando as mãos para o alto e recuando para dar passagem.

Charlie correu para a cabine mais próxima e despejou o conteúdo do seu estômago dentro da privada. A força foi tamanha que seus olhos se encheram de lágrimas. Ela agarrou as beiradas do vaso com as duas mãos. Soltava grunhidos dos quais teria vergonha se algum ser humano pudesse ouvir.

Mas alguém ouviu.

— Senhora? — perguntou a adolescente, o que de alguma forma piorou tudo, pois Charlie não tinha idade suficiente para ser chamada de "senhora". — Senhora, está tudo bem?

— Sim, obrigada.

— Tem certeza?

— Tenho, obrigada. Você pode ir. — Charlie mordeu o lábio para não xingar a criaturinha prestativa como um cachorro. Ela procurou a bolsa. Estava do lado de fora da cabine. A carteira, as chaves, um pacote de chicletes e moedas soltas tinham caído da bolsa. A alça se estendia como se fosse um rabo pelo chão de ladrilhos de aparência oleosa. Ela fez menção de recolher a bolsa, mas desistiu quando o estômago contraiu de novo. Tudo o que conseguiu fazer foi se sentar no chão imundo do banheiro, afastar o cabelo do pescoço e rezar para seus problemas ficarem confinados em apenas uma extremidade do corpo.

— Senhora — repetiu a menina.

Charlie queria desesperadamente mandar a menina sumir dali, mas não podia arriscar abrir a boca. Ela esperou, de olhos fechados, ouvindo o silêncio, implorando para ouvir o som da porta se fechando quando a menina fosse embora.

Em vez disso, a torneira foi ligada. Água corria para dentro da pia. Toalhas de papel eram puxadas do dispensador.

Charlie abriu os olhos. Deu descarga. Por que diabos estava passando tão mal?

Não podia ser o bolo. Charlie era intolerante à lactose, mas Belinda nunca prepararia alguma coisa do zero. Coberturas enlatadas são 99% artificiais, o que não costumava lhe causar reação. Seria o frango do General Ho's que tinha comido no jantar da noite anterior? O rolinho de ovo que surrupiou da geladeira antes de ir para a cama? Os embutidos que devorou antes da corrida matinal? O burrito de café da manhã que tinha comprado no Taco Bell a caminho da ACM?

Meu Deus, ela comia como um garoto de dezesseis anos.

A torneira foi desligada.

Charlie pensou em pelo menos abrir a porta da cabine, mas uma rápida avaliação dos danos a fez mudar de ideia. Sua saia azul-marinho estava

levantada. A meia-calça rasgada. Havia respingos na sua blusa de seda branca que provavelmente nunca mais sairiam. O pior de tudo, tinha arranhado o bico do sapato novo: um salto alto azul-marinho que Lenore a havia ajudado a escolher para usar no tribunal.

— Senhora? — perguntou a adolescente. Ela segurava uma toalha de papel molhada sob a porta da cabine.

— Obrigada — Charlie conseguiu dizer. Pressionou o papel frio na nuca e fechou os olhos novamente. Será que era uma virose?

— Posso trazer alguma coisa para a senhora beber — ofereceu a garota.

Charlie quase vomitou de novo só de pensar no ponche de Belinda, que parecia xarope para tosse. Se a menina não ia embora, poderia muito bem servir para alguma coisa.

— Tenho dinheiro trocado na minha carteira. Você pode, por favor, comprar um refrigerante de gengibre na máquina?

A menina se ajoelhou no chão. Charlie viu a familiar faixa cáqui com insígnias costuradas. Fidelização de clientes. Planejamento de negócios. Marketing. Educação financeira. Melhor vendedora. Pelo visto, ela sabia se virar.

— As notas estão do lado de dentro — disse Charlie.

A menina abriu a carteira. A carteira de motorista de Charlie estava na parte de plástico transparente.

— Pensei que seu sobrenome fosse Quinn?

— E é. No trabalho. Esse é meu nome de casada.

— Há quanto tempo a senhora é casada?

— Quatro anos e meio.

— Minha avó diz que demora cinco anos pra gente odiar a pessoa.

Charlie não conseguia se imaginar odiando seu marido. Também não podia imaginar como continuar essa conversa por baixo da porta do banheiro. A vontade de vomitar novamente arranhava o fundo de sua garganta.

— Seu pai é Rusty Quinn — disse a garota, o que significava que ela estava na cidade havia mais de dez minutos. O pai de Charlie era famoso em Pikeville, devido aos clientes que ele defendia: ladrões de loja de conveniência, traficantes de droga, assassinos e todo tipo de criminosos. Como as pessoas da cidade enxergavam Rusty? Isso geralmente dependia de terem ou não a necessidade ou um parente que necessitava dos serviços dele.

A garota continuou:

— Eu ouvi que ele ajuda as pessoas.

— Ele ajuda. — Charlie não gostou de como as palavras ecoaram o lembrete de Dexter de que ela havia recusado uma renda anual de centenas de milhares de

dólares na cidade só para poder trabalhar para pessoas que realmente precisavam dela. Se havia algum etos guiando a vida de Charlie, era que ela não seria igual ao pai.

— Aposto que ele é caro — disse a garota, e perguntou em seguida: — A senhora é cara? Quero dizer, quando ajuda as pessoas?

Charlie pôs a mão na boca novamente. Como podia pedir a essa adolescente que trouxesse logo o refrigerante sem gritar com ela?

— Eu gostei de seu discurso — a menina continuou falando. — Minha mãe morreu em um acidente de carro quando eu era pequena.

Charlie esperou por mais contexto, mas não veio nada. A menina puxou uma nota de um dólar da carteira de Charlie e por fim, felizmente, foi embora.

Não havia nada a fazer no silêncio que se seguiu, além de ver se conseguia ficar em pé. Por sorte ela estava na cabine para deficientes. Agarrou os corrimões de metal e, trêmula, se levantou. Cuspiu no vaso algumas vezes antes de dar outra descarga. Quando abriu a porta da cabine, o espelho a saudou com a imagem de uma mulher pálida, com cara de doente, vestida em uma blusa de seda de 120 dólares suja de vômito. Seu cabelo escuro estava desgrenhado. Seus lábios tinham um tom azulado.

Charlie levantou os cabelos, segurando em um rabo de cavalo. Ligou a torneira e encheu a boca com água. Vislumbrou seu reflexo novamente quando se abaixou para cuspir.

Os olhos de sua mãe a encararam de volta. A sobrancelha arqueada de sua mãe.

O que está se passando nessa sua cabeça, Charlie?

Charlie tinha ouvido essa pergunta pelo menos três ou quatro vezes por semana quando sua mãe era viva. Podia estar sentada na cozinha fazendo a lição de casa, ou no chão do quarto tentando fazer algum tipo de trabalho manual, e sua mãe simplesmente se sentava na frente dela e fazia a mesma pergunta de sempre.

O que está se passando na sua cabeça?

A intenção não era puxar assunto e começar uma conversa. Sua mãe era uma cientista, uma acadêmica. Não era dada a papo-furado. Era genuinamente curiosa sobre os pensamentos que enchiam a cabeça da filha de treze anos.

Até Charlie conhecer o marido, ninguém mais tinha demonstrado um interesse genuíno como aquele.

A porta se abriu. A garota estava de volta com um refrigerante de gengibre. Era bonita, embora não de um jeito convencional. Não parecia se encaixar no grupo das colegas de aparência perfeita. Seus cabelos escuros eram longos e lisos, presos para trás em um dos lados com uma presilha prateada. Parecia bem

jovem, talvez quinze anos, mas seu rosto não estava maquiado. Sua camiseta verde de escoteira estava enfiada dentro do jeans desbotado, o que Charlie considerava injusto; no seu tempo, elas eram forçadas a vestir camisas brancas que pinicavam e saias cáqui com meias até os joelhos.

Charlie não sabia o que a fazia se sentir pior: ter vomitado ou acabado de empregar a frase “no seu tempo”.

— Vou colocar o troco na sua carteira — ofereceu a garota.

— Obrigada. — Charlie bebeu um pouco do refrigerante enquanto a menina guardava de volta o conteúdo da bolsa.

— Essas manchas na sua blusa vão sair com uma mistura de uma colher de sopa de amônia, um litro de água morna e meia colher de chá de detergente — disse a menina. — É só deixar de molho em uma bacia.

— Obrigada de novo. — Charlie não sabia se queria deixar sua roupa de molho em amônia, mas, a julgar pelas insígnias na faixa da menina, ela sabia do que estava falando. — Quanto tempo faz que você é escoteira?

— Eu comecei como lobinho. Foi minha mãe quem me matriculou. Achava que ia ser chato, mas a gente aprende um monte de coisas, como habilidades de negócios.

— Também foi a minha mãe que me inscreveu. — Charlie nunca tinha pensado que era chato. Ela adorava todos os projetos e as viagens de acampamento e especialmente comer os biscoitos que fazia seus pais comprarem. — Como você se chama?

— Flora Faulkner — disse a menina. — Minha mãe me batizou de Florabama, porque eu nasci na divisa da Flórida com o Alabama, mas eu prefiro Flora.

Charlie sorriu, mas só porque sabia que iria rir disso mais tarde com o marido.

— Podiam ter escolhido nomes piores.

Flora olhou para as mãos.

— Muitas das meninas são muito boas em pensar coisas maldosas.

Claramente isso era algum tipo de abertura, mas Charlie não achava nada para dizer. Ela vasculhou seu conhecimento de filmes de sessão da tarde com uma moral no fim. Só conseguiu se lembrar daquele filme em que Ted Danson era casado com a Glenn Close e ela descobria que ele estava molestando a filha adolescente do casal, mas era ela que andava sendo fria na cama, então provavelmente a culpa era dela. Aí todos iam fazer terapia e aprendiam a conviver com aquilo.

— Srta. Quinn? — Flora colocou a bolsa de Charlie no balcão. — Quer que eu traga uns biscoitos salgados?

— Não, estou bem. — Incrivelmente, Charlie estava *mesmo* bem. Seja lá o que tinha revirado seu estômago, havia passado. — Por que você não me dá um minuto para eu me limpar e depois eu encontro você na sala de recreação?

— Tudo bem — respondeu Flora, mas não saiu.

— Mais alguma coisa?

— Eu estava pensando… — Ela olhou para o espelho sobre a pia, depois de volta para o chão. Havia um aspecto frágil na garota que Charlie não tinha notado antes. Quando Flora ergueu os olhos novamente, estava chorando. — A senhora pode me ajudar? Quero dizer, como advogada?

Charlie ficou surpresa com o pedido. A menina não se parecia em nada com seus costumeiros delinquentes juvenis que tinham sido pegos vendendo maconha atrás da escola. Sua mente percorreu todos os problemas de garotas brancas e boazinhas: gravidez, DSTs, cleptomania, notas ruins nas provas. Em vez de tentar adivinhar, Charlie perguntou:

— O que está acontecendo?

— Não tenho muito dinheiro, pelo menos não ainda, mas…

— Não se preocupe com essa parte. Só me diga o que você precisa.

— Eu quero ser emancipada.

Charlie sentiu sua boca formar um círculo de surpresa.

— Tenho quinze anos, mas vou fazer dezesseis no mês que vem. Pesquisei sobre isso na biblioteca e sei que essa é a idade legal para ser emancipada no estado da Geórgia.

— Se você pesquisou, então sabe quais são os critérios.

— Eu tenho que estar casada ou em serviço ativo nas forças armadas ou preciso peticionar perante um tribunal para me emancipar.

Ela realmente tinha feito a lição de casa.

— Você mora com seu pai?

— Com meus avós. Meu pai morreu de overdose na prisão.

Charlie assentiu, porque sabia que isso acontecia mais vezes do que qualquer um queria admitir.

— Tem alguém na sua família que poderia abrigar você?

— Não, só sobramos nós três. Eu amo o vô e a vó, mas eles são… — Flora deu de ombros, mas esse gesto era a parte mais importante.

— Eles estão machucando você? — perguntou Charlie.

— Não, senhora, nunca. Eles… — Outra vez, ela deu de ombros. — Acho que eles não gostam muito de mim.

— Muitos jovens da sua idade sentem o mesmo.

— Meus avós não são pessoas fortes — continuou ela. — Fortes em caráter.

Charlie se apoiou na pia do banheiro. Havia deixado “molestador de crianças” fora da lista de possíveis problemas de uma adolescente.

— Flora, emancipação é um pedido muito sério. Se você quer a minha ajuda, precisa me dar os detalhes.

— Já ajudou alguém com isso antes?

Charlie balançou a cabeça.

— Não, então, se você não se sentir confortável…

— Não tem problema — respondeu Flora. — Era só curiosidade. Acho que isso não acontece muito.

— É assim por um motivo — disse Charlie. — Em geral, o tribunal tem muitas reservas em tirar uma criança de casa. Você precisa providenciar uma justificativa, e, se realmente pesquisou a lei, sabe que existem outros dois critérios importantes: é necessário provar que você consegue se sustentar sem seus pais e tem que fazer isso sem receber ajuda do governo.

— Eu trabalho em uma lanchonete. E os pais da minha amiga Nancy disseram que eu poderia viver com eles até terminar o colégio, e depois, quando eu for para a faculdade, posso viver num dormitório.

Quanto mais Flora falava, mais determinada parecia.

— Você já se meteu em problemas? — perguntou Charlie.

— Não, senhora. Nunca. Eu tenho média 10. Já estou fazendo aulas para antecipar a colocação. Estou no programa de mérito e sou voluntária no laboratório de leitura. — Seu rosto ficou vermelho de elencar suas virtudes. Ela colocou as mãos nas bochechas. — Desculpa, mas a senhora perguntou.

— Você não tem que pedir desculpas. Isso é muita coisa de que se orgulhar — disse Charlie. — Escute, se os pais da sua amiga estiverem dispostos a abrigar você, talvez você consiga elaborar um acordo sem envolver os tribunais.

— Eu tenho dinheiro — insistiu Flora. — Eu posso pagar a senhora.

Charlie não ia aceitar dinheiro de uma garota de quinze anos com problemas.

— A questão não é o dinheiro. É sobre o que é mais fácil para você. E para seus avós. Se isso for para o tribunal…

— Não estou falando desse tipo de dinheiro — disse Flora. — Depois que minha mãe morreu no acidente de carro, a empresa dona do caminhão teve que criar um fundo fiduciário do qual eu pudesse me sustentar.

Charlie esperou, mas a garota não ofereceu detalhes.

— Que tipo de fundo?

— Serve para pagar coisas como o lugar onde eu vivo e despesas médicas, mas a maior parte vai ficar retida até eu ir para a faculdade, mas tenho medo desse dinheiro não estar lá quando eu estiver pronta para ir.

— Por que não estaria?

— Porque meus avós estão gastando.

— Se o fundo diz que eles só podem usar o dinheiro para…

— Eles compraram uma casa, mas depois venderam para ficar com o dinheiro e alugaram um apartamento, depois me levaram ao médico dizendo que eu estava doente, mas eu não estava, e então compraram um carro novo.

Charlie cruzou os braços.

— Isso é roubo contra você e fraude contra o fundo. Os dois são crimes graves.

— Eu sei. Eu pesquisei isso também. — Flora olhou para as mãos novamente. — Eu não quero que eles se metam em encrenca. Não posso mandá-los para a cadeira. Não assim. Eu só quero ser capaz de… — Ela fungou. Lágrimas rolaram por seu rosto. — Eu só quero ir para a faculdade. Quero poder ter escolhas. Era isso que minha mãe iria querer para mim. Ela nunca quis que eu ficasse presa onde eu não quero ficar.

Charlie suspirou alto. Sua mãe pensava da mesma forma, sempre a encorajando a estudar mais, fazer mais, usar os dons da sua inteligência e iniciativa para ser útil no mundo.

— Ela era boa para mim — disse Flora. — Minha mãe. Ela era bondosa e cuidava de mim, e estava sempre do meu lado, não importava o que acontecesse. — A menina enxugou os olhos com as costas da mão. — Me desculpe. Ainda sinto saudade dela, só isso. Sinto que preciso honrar a memória dela, fazer de tudo para que coisas boas resultem do que aconteceu.

Foi a vez de Charlie olhar para as próprias mãos. Ela sentiu um nó na garganta. Tinha pensado mais em sua mãe nos últimos cinco minutos do que no último mês inteiro. A falta que sentia dela e o desejo de poder dizer mais uma vez a sua mãe o que tinha em sua mente eram dores que nunca passavam.

Charlie teve que limpar a garganta antes de perguntar a Flora:

— Há quanto tempo você pensa em emancipação?

— Desde que meu avô fez a cirurgia — disse a menina. — Ele machucou a perna há três anos, quando caiu de uma escada. Não pôde voltar ao trabalho.

— Ele é viciado em analgésicos? — sugeriu Charlie, porque a cadeia de Pikeville estava cheia de homens assim. — Seja honesta comigo. São os remédios?

A menina assentiu com uma relutância visível.

— Não diga a ninguém, por favor. Não quero que ele vá para a prisão.

— Isso não vai acontecer por minha causa — prometeu Charlie. — Mas você precisa entender que, quando colocar esse processo em andamento, ele vai se tornar público. Você não vai mais ser uma menor com proteção da lei. Registros de tribunais estão aí para todo mundo ver. E essa nem é a parte difícil. Para

elaborar uma petição embasando seu pedido de emancipação, vou ter que falar com seus avós, seus professores, seu empregador, os pais da sua amiga. Todo mundo vai saber o que você está fazendo.

— Eu não estou tentando fazer isso às escondidas. Você pode conversar com quem quiser, hoje até, agora mesmo. Não quero que ninguém se meta em encrenca do tipo ir para a cadeia. Só quero sair de casa e poder ir para a faculdade, fazer alguma coisa com a minha vida.

Sua sinceridade era de partir o coração.

— Seus avós podem criar caso. Você vai ter que ser franca sobre por que deseja ir embora da casa deles. Não precisa mencionar os comprimidos, mas precisará dizer a um juiz por que acha que eles não são bons guardiões para você e por que prefere ficar sozinha a ter que viver com eles. — Charlie tentou desenhar o cenário para ela. — Todos vocês vão se encontrar na audiência. Você terá que dizer a um juiz, abertamente, na frente de quem quiser ouvir, que você não tem condições de se reconciliar com eles e que não os quer na sua vida em papel nenhum.

Flora pareceu titubear.

— E se eles não quiserem contestar? E se concordarem com isso?

— Isso certamente facilitaria as coisas, mas…

— Meu avô tem outros problemas.

A mente de Charlie foi direto para a questão do abuso.

— Ele está machucando você?

Flora não respondeu, mas também não desviou o olhar.

— Flora, se ele estiver machucando você…

A porta se abriu. Ambas se assustaram com o olhar furioso de Belinda.

— O que vocês estão fazendo escondidas aqui dentro? — Ela tentou usar uma voz suave, mas não conseguiu disfarçar sua aflição. — Tenho uma sala inteira cheia de meninas que não fazem nada além de beber ponche e falar como o meu bolo é seco.

Flora olhou para Charlie.

— Não é o que você está pensando. — Havia uma nota de desespero na voz da menina. — É sério. Não é isso. Pode falar com quem a senhora precisar. Por favor. Vou fazer uma lista. Ok?

Antes que Charlie pudesse responder, Flora saiu do banheiro.

— O que foi isso? — perguntou Belinda.

Charlie abriu a boca para explicar, mas ficou presa no tom de desespero de Flora, insistindo que não estava acontecendo o que ela pensava. Mas e se estivesse? Se a menina estivesse sendo abusada pelo avô, isso mudava tudo.

— Charlie? O que foi? Por que está se escondendo aqui?

— Eu não estou me escondendo, eu estava…

— Você vomitou?

Charlie só conseguia se concentrar em uma coisa de cada vez.

— Você que fez aquela cobertura?

— Não seja boba. — Belinda estreitou os olhos, como se Charlie fosse uma pintura abstrata. — Seus peitos parecem maiores.

— Eu pensei que você tinha aprendido a lidar com esses sentimentos na sua irmandade.

— Cale a boca — disse Belinda. — Você está grávida?

— Muito engraçado. — A única coisa religiosa na vida de Charlie era o hábito de tomar a pílula anticoncepcional. — Estou com um sangramento bem leve há dois dias, com cólicas, quero comer doces e matar todo mundo. Acho que é só uma virose.

— É melhor que seja virose. — Belinda esfregou a barriga redonda. — Aproveite sua liberdade antes de tudo mudar.

— Do jeito que você fala, parece aterrorizante.

— Você vai ver. Assim que começar a ter bebês, esse marido perfeito e amoroso que você tem vai começar a te tratar como uma vaca leiteira. Confie em mim. É como se eles achassem que tem algo estranho com a gente. E eles acham. Você está presa, e eles sabem que você precisa deles, mas podem ir embora a qualquer momento e encontrar alguém mais jovem e mais durinha com quem se divertir.

Charlie não ia ter essa conversa de novo. A única coisa que parecia mudar em suas amigas que tinham filhos é que elas começavam a tratar os maridos como idiotas.

— Me fale sobre a Flora.

— Quem? — Belinda parecia ter esquecido a menina assim que ela saiu do banheiro. — Ah, ela. Sabe aquele filme que vimos mês passado, *Meninas malvadas*? Ela seria a personagem da Lindsay Lohan.

— Então é parte do grupo, mas não a líder, e fica desconfortável com a maldade?

— É mais como uma sobrevivente. Essas desgraçadas estão um nível acima da crueldade. — Belinda inspirou o ar que vinha da cabine de deficientes. — Você comeu bacon no café da manhã?

Charlie procurou pastilhas na bolsa, mas encontrou apenas chicletes e concluiu que o cheiro de menta a faria sentir náusea outra vez.

— Você tem algum doce aí?

— Acho que tenho umas balas. — Belinda abriu o zíper da bolsa. — Ugh, eu deveria limpar isto. Cereal. Como isso veio parar aqui? Tem algumas pastilhas.

Biscoito Oreo, mas você não pode…

Charlie apanhou a bolsa das mãos dela.

— Eu pensei que você não podia comer nada com leite?

— Você acha mesmo que essa porcaria branca aqui tem leite? — Charlie mordeu um biscoito recheado. Instantaneamente sentiu um conforto no cérebro. — E os pais dela?

— Pais de quem?

— Bê, me acompanha. Estou perguntando sobre Flora Faulkner.

— Ah, bem, a mãe dela morreu. O pai também. São os pais dele que a estão criando. Ela é uma máquina de venda de biscoito. Acho que foi para a cerimônia em Atlanta no último…

— Como são os avós dela?

— Estou fazendo isso há muito pouco tempo, Charlie. Não sei muita coisa sobre nenhuma dessas garotas além de que elas parecem achar que é fácil fazer bolo e dar uma festa para vinte adolescentes nojentas que não gostam de nada que a gente faz para elas e acham que somos velhas gordas e idiotas. — Havia lágrimas em seus olhos, mas nos últimos tempos Belinda tinha lágrimas nos olhos frequentemente. — É a mesma coisa que ficar em casa com Ryan. Pensei que ia ser diferente ter algo para fazer, mas elas acham que eu sou um fracasso, assim como ele.

Charlie não ia aguentar outro ataque de choro de Belinda falando do marido naquele momento.

— Você acha que os avós da Flora estão fazendo um bom trabalho?

— Como assim, criando ela? — Belinda se olhou no espelho, usando o mindinho para limpar cuidadosamente as lágrimas debaixo dos olhos. — Não sei. Ela é uma boa menina. Vai bem na escola. É uma escoteira incrível. Eu a considero bem inteligente. E doce. E muito atenciosa, tipo, me ajudou a tirar o bolo do carro quando cheguei aqui, enquanto o resto daquelas vagabundas preguiçosas ficou imóvel se coçando.

— Bem, essa é a Flora. E os avós dela, como seres humanos?

— Não gosto de dizer coisas ruins sobre as pessoas.

As duas riram. Se Belinda não dissesse coisas ruins sobre as pessoas, metade do seu dia seria passado em silêncio.

— Eu conheci a avó dela no mês passado — prosseguiu Belinda. — Cheirava como um barril de uísque às oito da manhã, mas dirigia um Porsche azul safira. Um Porsche! E eles tinham uma casa no lago, mas agora vivem naquele prédio de concreto em frente ao Shady Ray’s.

Charlie se perguntou onde o Porsche tinha ido parar.

— E sobre o avô?

— Eu não sei. Algumas das meninas estavam zoando ela por ele ser bonito ou algo do tipo, mas ele deve ter uns dois mil anos, então talvez elas só estivessem sendo maldosas. Mas tiravam sarro do seu pai o tempo todo, não tiravam?

Não, as pessoas não zombavam de Charlie, elas a ameaçavam. E a mãe dela tinha sido assassinada porque o pai ganhava a vida tirando homens maus da prisão.

— Mais alguma coisa sobre o avô?

— Isso é tudo o que eu sei. — Ela estava verificando sua maquiagem no espelho de novo. Charlie não queria pensar em clichês como o da grávida radiante, mas Belinda era uma pessoa diferente agora. Sua pele não tinha marcas e suas bochechas estavam sempre coradas. Sempre fora muito implicante, mas havia abandonado as obsessões com pequenas coisas. Por exemplo, parecia não se importar que sua barriga do tamanho de uma melancia estivesse pressionada no balcão e a água da pia a estivesse molhando. Ou que seu umbigo ficasse para fora como o cabo de uma maçã.

Um dia, Charlie ficaria assim, com o filho do seu marido crescendo em sua barriga. Ela seria mãe — esperava que uma mãe como a sua, interessada nas filhas, que as incentivava a ser mulheres inteligentes e úteis.

Um dia.

No momento certo.

Ela e o marido já haviam conversado sobre isso antes. Teriam um bebê assim que estivessem com os financiamentos estudantis sob controle, o escritório de advocacia dela estivesse firme, eles terminassem de pagar os carros e o nerd que era seu marido estivesse pronto para abrir mão do quarto extra, onde ele mantinha sua coleção de *Jornada nas Estrelas* um pouco cara demais.

Charlie tentou fazer uma estimativa de quanto custaria a Emancipação de Florabama Faulkner. Custos processuais. Requerimentos. Audiências. Isso sem mencionar os honorários de Charlie. Ela não poderia, em sã consciência, tirar dinheiro do fundo fiduciário de Flora, não importava quanto restasse lá.

Se Dexter Black pagasse o que devia, serviria para cobrir as despesas.

Ela ouviu a voz do pai na cabeça…

E, se os sapos tivessem asas, não bateriam o traseiro quando pulam.

— Por que está fazendo todas essas perguntas? — perguntou Belinda.

— Porque acho que Flora precisa da minha ajuda.

— Espera, isso é como naquele filme do John Grisham, em que o menino dá uma nota de um dólar pedindo para a Susan Sarandon ser a advogada dele?

— Não — disse Charlie. — Isso é aquele filme em que a advogada idiota vai à falência porque faz tudo de graça.

CAPÍTULO DOIS

CHARLIE DEU UM PONTAPÉ na máquina de venda no porão do fórum. O vidro tremeu. Ela chutou novamente. O pacote amarelo brilhante de balas balançou na espiral metálica, mas não caiu.

Seu sapato já estava arruinado por causa do episódio no banheiro. Ela levantou o pé para dar outro chute.

— Isso é propriedade do governo.

Ela se virou. Ben Bernard, um dos assistentes do promotor local, descia lentamente a escada. O colarinho de sua camisa estava desgastado. A gravata estava torta. Ele observou o pacote de balas preso. Um grande adesivo no vidro alertava que sacudir a máquina poderia resultar em multas e detenção.

— Quanto você realmente quer isso? — perguntou ele.

— O suficiente para chupar você no depósito se pegar essa bala para mim.

Ben segurou a máquina com as duas mãos e deu uma sacudida violenta. O marido dela não era nenhum Arnold Schwarzenegger, mas claramente estava motivado. Depois de duas tentativas o pacote caiu no funil. Ben se abaixou e o puxou com um floreio.

Charlie estava a fim, mas alertou:

— Acho melhor eu confessar que estava com a cabeça na privada vinte minutos atrás.

— Bem, de qualquer maneira, eles colocaram um cadeado na porta depois da última vez. — Ele pressionou a mão na testa dela. — Está se sentindo bem?

— Acho que é TPM. — Ela abriu o pacote com os dentes. — Escute, eu preciso te perguntar uma coisa.

Ben parecia mastigar a língua. Os dois tinham seus respectivos trabalhos havia quatro anos, mas ele era assistente de promotoria e ela era advogada criminal e ainda não tinham chegado a um acordo de como ajudar um ao outro sem prejudicar o lado profissional.

— Não é um processo criminal — assegurou ela. — Pelo menos, não a minha participação nele. Encontrei uma menina que quer se emancipar dos guardiões.

Ben suspirou.

— Eu sei, não é um grande problema — retrucou Charlie enquanto tentava tirar o papel de uma bala. — Eu estava lá em cima preenchendo a solicitação dos documentos de um fundo fiduciário. Os guardiões são os avós. Parece que estão metidos em coisas ruins.

— Que coisas ruins?

— Remédios, eu imagino. E álcool. E o dinheiro desse fundo. Pelo jeito, eles vão acabar com tudo antes de ela se tornar maior de idade.

— Então, ela tem como pagar você?

— Nhé… — Charlie deu de ombros, abrindo o que esperava que fosse um sorriso confiante.

— Dexter Black — disse Ben.

— Não é meu cliente.

— Sim, eu notei quando Carter Grail o levou ao escritório para conversar. Alguma ideia de quando ele vai te pagar?

— Amor, se os meus clientes me pagassem, nós provavelmente iríamos tirar longas férias num lugar como a Costa Rica e você se queimaria muito no sol, o que aumenta o risco de melanoma, que é a forma mais letal de câncer de pele, e então eu teria que me matar porque não posso viver sem você.

— Tá, isso faz muito sentido.

Charlie podia ver que ele estava tentando.

— Não tenho total certeza de que ela não esteja sofrendo abuso.

— Merda.

— Bem, ela não me disse que estava sofrendo abuso. Na verdade, ela negou, mas… — Charlie deu de ombros outra vez. Não era vidente nem nada do tipo, mas teve um mau pressentimento ao ouvir negação de Flora. Notou um brilho fugaz nos olhos da menina, como se ela estivesse encurralada em um canto e não soubesse como sair. — Mesmo que não seja verdade, ela está com problemas, e eu sinto que preciso pelo menos tentar ajudá-la.

Ben não hesitou.

— Então, de qualquer forma, eu tenho que apoiar sua decisão.

Charlie não tinha ideia de como havia conseguido se casar com um homem tão maravilhoso.

— Vamos conseguir pagar nossos empréstimos estudantis um dia.

— Só com nossa aposentadoria.

Ben segurou uma bala. Charlie abriu a boca para que ele a colocasse ali.

— Qual o nome da menina?

— Florabama Faulkner.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Está falando sério?

— Ela não teve nem chance. — Charlie mastigou algumas vezes antes de deixar a bala num canto da boca. — É criada pelos avós. Me deu os nomes deles, mas eu consegui o endereço nos arquivos das escoteiras.

— Isso soa vagamente ilegal.

— Eu fiz um juramento de ser uma irmã para todas as escoteiras, então é basicamente como espionar a minha irmã.

— Vou te distrair com minhas mãos enquanto tento não pensar em você vestindo o uniforme de escoteira. — Ben pegou o caderninho de espiral que sempre guardava no bolso do terno. Ele mostrou a capa para a esposa: o Capitão Kirk sério pensando nos assuntos da nave. Tirou a caneta de dentro da espiral e abriu o caderno em uma página em branco.

— Leroy e Maude Faulkner — disse Charlie. — Estão vivendo em frente ao Shady Ray's.

Ele não escreveu nada.

— Prédio de blocos de concreto?

— Isso.

— Não é um bom lugar para se criar uma criança.

— Eles viviam no lago. Imagino que esse fundo, unido ao vício em remédios, os ajudou a tomar algumas decisões ruins. Belinda disse que a avó uma vez apareceu em um Porsche, trêbada.

— Que tipo de Porsche? — Ben balançou a cabeça. — Não importa. Entendo o que você está dizendo.

— Flora quer ir para a faculdade, deixar a mãe orgulhosa, honrar sua memória. Isso provavelmente não vai acontecer se ela continuar com os avós.

— Provavelmente não. — Ben escreveu os nomes e fechou o caderninho. — Circulam rumores no gabinete de que esse prédio inteiro está sob vigilância. Os policiais estão sendo bastante reservados a respeito, mas eu vi algumas fotos na parede do escritório de Ken. Viciados moram lá junto com um punhado de cidadãos comuns, aterrorizados, que não podem arcar com coisa melhor. Há um laboratório de metanfetamina na vizinhança.

— Ninguém consegue encontrá-lo? — Costumavam encontrar laboratórios de metanfetamina em trailers ou porões que acabavam de ir pelos ares.

— Pelas fotos eu percebi que eles desconfiam que a droga está sendo feita nos fundos de uma van de carga.

— Parece estúpido e perigoso.

— A polícia vai pegá-los no momento em que a van explodir. — Ele colocou o caderninho de volta no bolso. — Tem certeza de que você está bem?

— Só estou pensando muito na minha mãe. A mãe da Flora morreu quando ela era pequena. Despertou algumas coisas em mim.

— O que posso fazer para que você se sinta melhor?

— Já está fazendo. — Charlie passou os dedos pelos cabelos dele. — Eu sempre me sinto melhor quando estou com você.

Ambos riram da resposta cafona, mas sabiam que era verdade.

— Ouça — disse ele —, eu sei que não posso te manter longe daquele prédio, mas não vá lá sozinha, está bem? Peça para encontrá-los em um lugar neutro, como um café ou uma lanchonete. Seja lá o que estiver acontecendo naquele lugar, só pode ser algo perigoso. O condado não estaria gastando dinheiro de vigilância se não fosse.

— Entendido. — Charlie arrumou a gravata do marido. Podia sentir o coração dele batendo. Beijou levemente seu pescoço e sentiu a pele dele se arrepiar, alerta. Subiu a boca e sussurrou em seu ouvido: — Eu prometo que voltaremos ao assunto do armário.

— Chuck — ele sussurrou de volta —, isso seria um tesão se você não tivesse vômito no cabelo.

Charlie passou em casa para tomar um banho e trocar de roupa antes de partir para o edifício de blocos de concreto. Ela havia entendido quando Ben dissera que ela deveria ficar longe daquele lugar, mas ele provavelmente sabia que isso não iria acontecer. Assim, ir era o mesmo que honrar a promessa feita no casamento: a promessa de que ela faria o que bem entendesse.

Ficou feliz em trocar suas roupas de advogada séria e adulta por jeans e uma camiseta de basquete dos Duke Blue Devils. Considerando tudo que ela e Ben deviam à faculdade de Direito, era surpreendente que não fossem forçados a se vestir como homens-sanduíche até quitarem os empréstimos.

Charlie pegou um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia e meio pacote de Doritos para almoçar enquanto ouvia a caixa postal do telefone do escritório. Ela tinha uma audiência na sexta-feira e uma petição de última hora que precisava ser protocolada. Um juiz estava pedindo o resumo de uma jurisprudência que não ajudaria o seu cliente. E, porque a sua vida ainda não estava difícil o suficiente, tinha uma chamada perdida da companhia do cartão de crédito que provavelmente não era um agradecimento caloroso pela cliente valiosa que ela era.

Procurou em seu arquivo e encontrou a conta do mês anterior, o que, de acordo com sua anotação na fatura, havia sido paga com um dia de atraso, mas isso não costumava motivar uma ligação da operadora do cartão. Ainda havia mil e quinhentos dólares disponíveis de limite.

Charlie ligou para o número deixado na mensagem. Estava procurando o cartão na carteira quando o celular tocou. Com o telefone de casa em uma orelha, atendeu o celular na outra.

— Senhorita Charlie — disse Dexter. — Por favor, não desligue.

— Acho que você pretendia ligar para Carter Grail.

— Pera aí, não faz assim. Você me disse para ligar para aquele cara.

— Porque você me deve dois mil. — Charlie ouviu a música de espera da Visa, uma versão para saxofone de "Losing My Religion", do REM.

— Então, Srta. Charlie, vou te pagar na terça.

Charlie pensou no Dudu de *Popeye*, que sempre prometia que ia pagar a conta dos hambúrgueres na terça-feira, e percebeu que ainda estava com fome.

— Dexter, ficarei feliz se você me pagar, mas não posso oferecer nenhum aconselhamento jurídico até que esse dia chegue.

— Mas olha, vai te ajudar também, porque, como eu disse, se eu for pago você vai ser paga.

— Não posso barganhar com você dessa forma. Eu teria interesse velado no desfecho das suas… merda. — O cartão não estava no compartimento certo da carteira.

— Senhorita Charlie?

— Estou aqui. — Vasculhando tudo, sentiu um frio na barriga até encontrar o cartão escondido entre notas de dólar no compartimento central da carteira.

O banheiro na ACM. O conteúdo da sua bolsa espalhado no chão.

Flora devia ter colocado o cartão de volta no lugar errado.

— Só preciso que você me diga se eu posso fazer esse lance — continuou Dexter — e se vou ficar bem se não falar, tipo, tudo, porque, olha, a pessoa com quem estou lidando, bem, digamos que ela não brinca em serviço.

— Não posso negociar de má-fé. — Charlie viu a armadilha em que tinha se metido, porque agora estava justamente fazendo uma consulta jurídica. — Não vou negociar para você e fim de papo, Dexter. Não posso te ensinar a burlar a lei. E, se eu fosse a sua advogada, não poderia te levar para encontrar um juiz sabendo que você iria mentir, e não permitiria que você assinasse um acordo sabendo que pretende ofuscar as coisas.

— Ofuscar — repetiu ele. — Conheço essa palavra do *Arquivo X*. Você viu esse episódio? O cara enfiava um negócio de metal no nariz das pessoas e sugava a cor da pele delas.

— "Teliko" — disse Charlie, porque seu marido era um nerd e eles tinham todas as temporadas da série em VHS e DVD. — Dexter, existe alguma coisa que eu possa fazer para te ajudar que não envolva ir contra a lei ou te aconselhar a ir contra a lei, ou perder minutos do meu plano de celular, ou as três coisas?

—Hummm…

Charlie bocejou. Sentia-se exausta.

— Dexter?

Ele esperou mais alguns segundos, depois perguntou:

— Qual era mesmo a pergunta?

Ela desligou o telefone.

Estática enchia a linha de seu telefone fixo na outra orelha. A gravação avisava que o tempo para conseguir falar com um atendente na operadora do cartão era de apenas dezesseis minutos.

Colocou o telefone de volta no gancho.

Enfiou a conta do cartão na bolsa para cuidar disso depois. Olhou para o sofá e pensou em como seria agradável tirar um cochilo. E depois se lembrou da situação de Flora. Charlie costumava ter a agenda cheia, mas havia deixado aquele dia tranquilo pois planejara encontrar um grupo de escoteiras ansiosas para lhe fazer toneladas de perguntas sobre como conseguir uma vida tão incrível quanto a dela. Se pretendia encontrar um jeito de ajudar Florabama Faulkner, aquele era o único dia em que poderia fazer isso.

Pegou o Doritos a caminho da porta e dirigiu com o pacote entre as pernas, manuseando cuidadosamente os salgadinhos e fazendo uma lista mental do que precisava fazer.

Primeiro falaria com os avós da menina para conferir se a situação era tão ruim quanto ela afirmava. A questão do abuso ainda carecia de resposta. Talvez Flora tivesse sido honesta no banheiro e não houvesse nada de impróprio acontecendo. Ou talvez estivesse disposta a sacrificar a verdade para manter o avô fora da prisão. Ou talvez Charlie tenha assistido a filmes para televisão demais. Quer fossem os remédios, a negligência ou o abuso, o fato de Flora estar trabalhando ativamente para manter seus guardiões longe da cadeia dizia muito sobre o caráter dela.

Depois de ver os avós, ela precisaria checar a situação de moradia de Nancy. Esse era o nome da menina cujos pais haviam se oferecido para acolher Flora. Charlie tinha o endereço, graças à lista feita pela menina naquela manhã na ACM.

O último item de sua lista era conversar com o chefe de Flora na lanchonete para ter certeza de que ela tinha um emprego com o qual pudesse se manter. Ou talvez essa não fosse a última coisa a fazer. Se houvesse tempo extra, poderia dar alguns telefonemas para conversar com alguns dos professores de Flora. As primeiras experiências profissionais de Charlie tinham sido em casos juvenis. Ela sabia que os professores viam muito mais do que a maioria das pessoas da vida das crianças, até mesmo mais do que os pais.

Era muita coisa para encaixar em um dia, mas investigar, conversar com as pessoas, extrair a verdade, essa era a parte difícil. O resto era apenas papelada.

Charlie sentiu o estômago roncar. Além da fome, o enjoo continuava. Refez as contas na cabeça, lembrando-se de que o leve sangramento, as cólicas, os seios doloridos e a fome motivada pela TPM apontavam para a mesma direção de todos os meses: sua menstruação desceria a qualquer momento.

Comeu um punhado de Doritos enquanto passava por uma carreta cheia de frangos. Os frangos a encararam, mas os pensamentos dela estavam totalmente voltados para o que Belinda tinha dito sobre como estar grávida mudava tudo.

Charlie achava que esta era a questão: as coisas mudavam quando se tinha um bebê, mas, pelo que tinha percebido, era como qualquer outro grande evento da vida — ou tornava o casal mais próximo ou o afastava. Ryan, o marido de Belinda, serviu no Iraque como técnico de alguma coisa. Ou seja, esteve no deserto, mas não no meio do combate. Por um tempo parecia que ele só voltava para casa para gritar com a televisão e engravidar Belinda. A guerra o transformou. Não apenas a guerra, mas a suspeita corrosiva de que a luta que estava travando era tão útil quanto correr em areia movediça. O senso de inutilidade era apenas parte do problema. A outra parte era que ele ficava muito tempo fora de casa, e suas longas ausências tinham dado a Belinda tempo para se acostumar a tomar todas as decisões. Quando ele voltou com ideias diferentes sobre como as coisas deveriam ser, a tensão se espalhou sobre cada aspecto do casamento deles.

Na opinião de Charlie, o maior problema era a necessidade que ambos tinham de ser úteis. Tanto Belinda quanto Ryan queriam ter um propósito, dar uma direção à família, e eles sofriam por não conseguir compartilhar as responsabilidades.

Ela riu de sua observação à la Oprah. Sua mãe era a culpada por essa linha de pensamento, pois ela repetia o tempo todo o mantra:

Se você não estiver sendo útil, está sendo inútil.

E ela estava sendo útil? Flora estava muito ansiosa para seguir a vida que sua mãe tinha vislumbrado. Charlie tinha o mesmo sentimento de urgência. Será que estava honrando a mãe? Será que sua vida tinha um propósito?

Com toda a certeza não tinha foco.

Estava tão perdida em seus pensamentos que passou direto pelo prédio de blocos de concreto.

— Me-e-e-erda — ela esticou a palavra enquanto olhava para trás e avistava o edifício cinzento pelo retrovisor. Deu meia-volta na rodovia e estacionou diante do prédio de dois andares escondido em uma ravina atrás de uma grade de proteção meio destruída. Para sua surpresa, viu que o prédio tinha nome. Uma

placa discreta dava boas-vindas aos visitantes do “Ponderosa”. Cordas se entrelaçavam ao redor da fachada em homenagem ao seriado *Bonanza*, mas não havia lugar para Little Joe pendurar o chapéu. A não ser que ele quisesse fumar maconha.

A maioria das vagas de estacionamento estava preenchida com carros velhos detonados. Não era bom sinal, considerando que a maioria das pessoas estaria no trabalho àquela hora do dia. Charlie dirigiu até o fim do estacionamento pensando na remota chance de encontrar o Porsche de que Belinda tinha falado, mas sua perua Subaru era o carro mais esportivo que havia por ali. Escolheu uma vaga perto da saída, pensando que era o mais indicado caso precisasse de uma fuga rápida. Lembrou-se de que Ben dissera que o prédio estava sob vigilância. Saber que policiais estavam em algum lugar por ali lhe dando cobertura a fazia se sentir mais segura.

Ou, se enxergasse sob outra ótica, eles a estavam observando entrar em um local conhecido por abrigar traficantes e drogados.

Ela deu uma boa olhada no caixote deprimente que era aquele prédio. Doze apartamentos no total, seis no térreo e seis no primeiro andar. Paredes de concreto pintadas de cinza, uma sacada enferrujada circundando o andar superior, portas de madeira comidas por cupins com números de plástico desbotados, um telhado baixo cujo forro estava apodrecendo. Cada porta tinha uma janela ao lado, e abaixo de cada janela havia um ar-condicionado barulhento. Um caminho íngreme levava até uma piscina de aparência imunda. Tochas havaianas apagadas circundavam a cerca de arame. O lugar a lembrava dos hotéis de beira de estrada perto de aeroportos nos quais sua mãe os obrigava a ficar em todas as férias por serem mais baratos e mais próximos do transporte público. Suas memórias mais nítidas da Disney eram os pesadelos que tinha imaginando que as rodas de um avião fossem atingir sua cabeça enquanto dormia.

O que você acha que a gente conseguiria se processasse?, seu pai havia perguntado quando ela lhe contou a razão de seus gritos.

Charlie colocou a bolsa sobre o ombro ao sair do carro. O ar quente a atingiu como um tapa na cara, e antes mesmo de se virar para trancar a porta ela já estava suando. O cheiro de frango frito, maconha e urina de gato — vindo de um bando de gatos ou de um monte de metanfetamina — atingiu suas narinas.

De acordo com os registros das escoteiras, os Faulkner residiam no apartamento 3 no piso térreo, bem no centro, o que era o pior de todos os mundos. Vizinhos de todos os lados, sempre ouvindo cada passo do que acontecia no andar de cima. Cruzando o estacionamento, ela ouviu o baixo

característico de “Freek-A-Leek”, de Petey Pablo, cada vez mais alto conforme avançava pela calçada quebrada, até que, sem aviso prévio, parou.

O silêncio fez arrepiar os cabelos da nuca de Charlie. Teve a nítida sensação de estar sendo observada enquanto andava pelo caminho irregular que levava ao apartamento 3. A porta de madeira estava empenada, pintada de um vermelho-escuro que não escondia o preto que havia por baixo.

Ela bateu duas vezes na porta, esperou um pouco e bateu de novo.

As cortinas farfalharam. A mulher por trás da janela parecia mais velha do que Charlie, mas de um jeito sofrido, como se tivesse passado alguns anos em um canteiro de obras ou, mais provavelmente, na prisão. O delineador era uma linha preta grossa. Sombra azul nos olhos. A base espessa em seu rosto lembrava a camada de poeira de Doritos que ficara grudada no volante de Charlie. Seu cabelo era loiro-oxigenado na altura dos ombros.

Viu Charlie e franziu o cenho antes de fechar as cortinas.

Charlie ficou na calçada quente, o silêncio cortado apenas pelo barulho de um ar-condicionado. Olhou para o relógio. Estava se perguntando se seria ignorada quando ouviu sons atrás da porta.

Depois de uma série de barulhos de correntes e ferros girando e deslizando, a porta se abriu. Lufadas de ar frio acariciaram o rosto de Charlie. O ar-condicionado barulhento competia com “Hey Ya!”, do OutKast, tocando em algum lugar na sala escura. A mulher na porta vestia jeans e uma camiseta vermelha cortada estampada com o mascote dos Georgia Bulldogs. Em uma das mãos havia uma garrafa de cerveja pela metade, na outra, um cigarro. As unhas, longas demais e com pontas afiadas, estavam pintadas de vermelho vivo. Ao observá-la, Charlie se lembrou das garotas cafonas da família Culpepper que a perturbavam incessantemente durante o ensino médio. A mulher tinha aquele *jeito* de quem estava sempre pronta para a briga caso as coisas chegassem a um “agora ou nunca” e iria arrancar olhos, puxar cabelos ou morder muito forte o braço ou as costas de alguém caso isso fosse necessário para ganhar.

— Estou procurando Maude ou Leroy Faulkner — disse Charlie.

— Sou Maude. — Até sua voz soava má, como uma cascavel abrindo um canivete.

Charlie balançou a cabeça. Tinha que haver duas Maudes diferentes.

— Quero dizer a avó da Flora.

— Sou eu.

O queixo de Charlie quase encostou no chão.

— Sim. — Maude deu uma tragada no cigarro. — Eu tinha dezessete anos quando tive a Esme. Esme tinha quinze quando teve a Flora. Você consegue fazer as contas.

Charlie não queria fazer as contas. Avós usavam coques e óculos bifocais e assistiam a programas de auditório. Não usavam camisetas cortadas que mostravam o piercing no umbigo e bebiam cerveja no meio do dia enquanto ouviam OutKast tocando alto no rádio.

— Você vai ficar aí gastando meu ar-condicionado ou vai entrar?

Ela entrou. Fumaça de cigarro pairava como uma camada de renda amarelada no ar. Não havia luz, exceto a que entrava pela parte gasta das cortinas na janela da frente. Seus pés afundaram no tapete peludo marrom. Uma microcozinha bagunçada fazia parte da sala. O banheiro ficava no final de um curto corredor, e havia um quarto de cada lado. Roupas se espalhavam por toda parte, e havia caixas de papelão fechadas e uma máquina de costura sobre uma mesa bamba encostada na parede da cozinha. Um grande aparelho de televisão tinha sido amontoado em um canto ao lado da janela da frente. A TV estava no mudo enquanto uma mulher gritava com outra em uma novela qualquer.

— Leroy? — chamou.

Charlie piscou até seus olhos se ajustarem à escuridão. Em frente à TV havia um sofá azul-escuro e uma poltrona reclinável da mesma cor, pequena demais para o homem grande que estava sentado nela. Um suporte de metal encapsulava sua perna esquerda. Ele provavelmente tinha sido bonito em algum momento da vida, mas agora uma cicatriz longa e rosada corria pela lateral esquerda de seu rosto cinzento. Seu cabelo liso e castanho caía até os ombros. Ele parecia estar dormindo ou desmaiado, com os olhos fechados e a boca escancarada. Sua camiseta vermelha da Universidade da Georgia combinava com a da mulher. Sua bermuda jeans estava cortada curta o bastante para não atrapalhar o suporte metálico, o que significava que também era curta o suficiente para oferecer uma bela visão a quem quer que cruzasse a porta.

— Meu Deus, Leroy. — Maude socou o braço dele. — Enfia essa bola de volta para dentro. Temos visita.

Raiva lampejou em seus olhos remelentos, então ele viu Charlie e o olhar foi rapidamente substituído por outro de arrependimento. Murmurou um pedido de desculpas enquanto se mexia na poltrona e fazia alguns ajustes discretos nas partes baixas.

Maude abriu o maço e acendeu um novo cigarro.

— Babaca idiota.

— Desculpe — disse Leroy novamente para Charlie.

Ela não sabia se sorria ou se corria para a porta. Bolas à parte, havia algo desconcertante a respeito do avô de Flora. Se ele tinha sido bonito na juventude, era aquele tipo asqueroso de beleza que te deixa em dúvida se o cara vai te convidar para dançar ou te seguir até o estacionamento e tentar te estuprar.

Ou as duas coisas.

— Pois bem, mocinha. — Maude soprou fumaça para o teto. — Que diabos você quer?

— Sou Charlotte Quinn. Eu falei com…

— A menina do Rusty? — Leroy sorriu. Seu lábio inferior cedeu onde os dentes deveriam estar. Dada sua provável idade, ela supunha que ele tinha passado de fase: dos comprimidos para a metanfetamina. — Acho que na última vez que te vi sua mãe ainda estava viva. Chegue mais perto para eu dar uma olhada em você.

Charlie se aproximou, embora cada músculo em seu corpo lhe dissesse para não o fazer. Não era apenas repulsa. Havia um cheiro químico repugnante emanando dele que ela reconhecia de seus clientes que estavam em processo de desintoxicação no centro de detenção.

— Como você conhece meu pai?

— Tive uns problemas na juventude. Aí me endireitei e isso aconteceu. — Ele indicou a perna. — O velho Russ me ajudou na briga com as companhias de seguros. Um bom homem, seu pai.

Charlie não estava acostumada a ouvir as pessoas elogiando seu pai, por isso se permitiu um momento de orgulho.

— Ferrou aqueles cretinos para mim — disse Leroy, e o orgulho de Charlie diminuiu um pouco. — Fala o que é que tu precisa.

— Uma cerveja? — Maude bebeu o resto da garrafa que segurava. — Alguma coisa mais forte?

— Não, obrigada. — Charlie pronunciou as palavras para as costas da mulher, que abria a porta da geladeira. Dezenas de garrafas de cerveja tilintaram umas nas outras.

Maude escolheu uma, depois usou a barra da camiseta para girar a tampa. Inclinou a cabeça para trás e bebeu metade do conteúdo antes de olhar para Charlie novamente.

— Você vai só ficar aí parada ou vai começar a falar?

— Se Rusty precisa de ajuda… — Leroy levantou as mãos, indicando o apartamento. — Não podemos fazer muito por ele.

— Não, não é isso. Estou aqui em nome da Flora.

Maude lançou um olhar para Leroy.

— Falei que a sua princesinha não estava tramando nada de bom.

A faceta amigável do homem desapareceu. Ele se sentou mais ereto na poltrona e inclinou o corpo na direção de Charlie.

— Você é uma das professoras?

— Por que diabos uma professora estaria aqui? — quis saber Maude. — A escola está em férias de verão desde…

— Os professores trabalham durante o verão.

— Não, eles não trabalham. Eles mal trabalham durante o ano.

Charlie entrou no assunto.

— Sou uma amiga. — Ela percebeu como isso soava estranho. Não havia muitas adolescentes de quinze anos com amigas de 28. — Uma companheira de escotismo.

— Pensei que essa era a… como chama aquela vadia? Melinda? — perguntou Maude.

— Belinda. Ela é a líder. Eu fui falar na reunião delas hoje de manhã.

— Merda — disse Leroy. — Você é advogada, não é? Veio "em nome de Flora".

Maude pegou a linha de raciocínio.

— Que merda aquela menina colocou na sua cabeça? — perguntou ela para Charlie.

Leroy pulou de volta na conversa:

— Um monte de besteira, isso eu posso te garantir agora.

Charlie não ia deixar a equipe vovó e vovô jogarem com ela.

— Não pareceu besteira para mim.

Maude deu uma risada pelo nariz.

— Ela falou sobre o fundo? Você está tentando colocar as mãos sujas no dinheiro dela?

Leroy riu também.

— Malditos advogados. Sempre tentando roubar o que não é deles. — Ele apontou o dedo para Charlie. — Essas coisas que eu disse sobre o seu pai: ele pode ir pra cadeia por causa daquilo. Não pense que eu não iria me voltar contra ele.

A ameaça não chegou nem perto do alvo. Charlie sabia que seu pai brincava como bem entendia com a lei, mas nunca seria tão idiota a ponto de ser pego, ainda mais por um perdedor como Leroy Faulkner.

— Sua neta quer pedir a emancipação legal — anunciou.

Nenhum dos dois falou por um instante, até que Leroy pigarreou.

— Emancipação, como se ela achasse que é uma escrava?

— Não, seu idiota — retrucou Maude. — Significa que ela vai ser adulta aos olhos da lei. Que não vamos mais ser os guardiões dela.

Ele coçou a cicatriz na bochecha. Sua expressão era dura o suficiente para arrepiar a pele de Charlie.

— Só por cima do meu cadáver aquela menina vai ser emancipada — continuou.

— Ela deve querer ir morar com a Nancy — falou Maude. — Ou com o Oliver, mais provavelmente.

— Oliver? — perguntou Charlie.

— O irmão da Nancy. Eles namoram desde que ela tinha catorze anos.

Charlie foi pega de surpresa. Flora tinha deixado de mencionar o namorado.

— Ele tem dezenove anos — acrescentou Maude. — Só quer a menina para uma coisa.

— Essa coisa não vai valer porra nenhuma depois que ele terminar. — Leroy olhou para a TV. — Menina burra.

Charlie sentiu a boca seca. Tentou analisar o que o homem dissera, decifrar o que ele queria dar a entender sobre o valor de Flora. Será que era apenas um imbecil machista que achava que o valor de uma menina estava embrulhado entre suas pernas, ou era um cretino superpredador que não queria que outra pessoa arruinasse seu brinquedo?

Maude, de sua parte, pareceu alheia ao comentário.

— Oliver já tem uma ficha criminal do tamanho do meu pau — disse ela. — Não tem emprego e não tem nenhuma perspectiva de arrumar um. Porra, se for para ir ficar com aquele merda, ela poderia muito bem continuar aqui.

Leroy apontou um dedo na direção de Charlie.

— Você pode voltar e contar a ela que isso não vai acontecer.

— Falou e disse — concordou a mulher. — Eu não vou deixar aquela criança correr solta. Vai ser exatamente como foi com a mãe dela, só que pior, porque ela vai deixar escorrer aquele dinheiro como se fosse água.

— O que aconteceu com o Porsche? — quis saber Charlie.

Outro silêncio prolongado seguiu-se à pergunta.

— Que Porsche? — Maude encarou Charlie ao mesmo tempo que colocava a garrafa de cerveja na boca. O fundo de vidro apontou para cima. Bebendo, sua garganta parecia a de um ganso sendo preparado para fazer *foie gras.*

Leroy se mexeu na poltrona. Charlie percebeu que ele estava tentando ganhar impulso suficiente para se levantar. Quando ela ameaçou, por reflexo, estender as mãos para levantá-lo, ele se colocou em pé.

— Vamos tomar um ar fresco, pode ser? — disse ele.

— Cuidado — Maude alertou o marido, mas não tentou impedi-lo.

O homem andava duro, balançando a perna enrijecida como se fizesse parte da guarda da rainha enquanto se movia em direção à porta. Ele deixou Charlie sair primeiro e a seguiu na mesma marcha desajeitada.

Charlie apertou os olhos diante do sol implacável. Seus olhos lacrimejaram. Tinha deixado os óculos de sol no carro.

— Por aqui — disse Leroy.

Ela o seguiu pela calçada quebrada até a lateral do prédio que dava para uma floresta. Era sobre esse tipo de coisa que Ben a tinha alertado: ser conduzida a um lugar isolado por um homem que fazia disparar tantos sinais de alerta em sua cabeça que parecia que ela estava dentro da sirene de um carro de bombeiros.

Ainda assim o seguiu. A perna de Leroy estava destruída. Ela poderia facilmente fugir, dominá-lo ou chutá-lo no joelho.

A não ser que ele tivesse uma arma.

— Aqui. — Ele estava sem fôlego quando finalmente chegaram à área coberta na beira da piscina. Havia duas mesas de piquenique apodrecendo, cada uma com duas latas cheias de bitucas de cigarro. Em vez de sentar, ele se apoiou na beira de uma das mesas. Massageou o quadril esquerdo com o punho fechado e sibilou um lento sussurro de dor. A cicatriz rosada no rosto ficava mais pronunciada na luz forte do sol. O ferimento devia ter levado um zilhão de pontos. O lado direito do rosto tinha quase sido cortado em dois.

— A Flora é uma boa menina — disse ele —, mas às vezes enfia umas coisas na cabeça e a gente não consegue impedir que ela as faça.

— Não parece que ela tenha feito isso por mero capricho. — Charlie não sabia o quanto poderia dizer. Não tinha provas de que Leroy molestasse a neta, mas um drogado era um drogado, e ela havia aprendido do jeito difícil que não podia confiar em alguém que tivesse perdido o livre arbítrio para o vício.

— A mãe dela, Esme, era do mesmo jeito — continuou Leroy. — Simplesmente teimosa. Foi o que a matou, pelo menos na minha opinião. No dia em que morreu, Esme entrou em uma briga com a mãe, depois pegou Flora, entrou no carro, saiu cantando pneus pela rodovia, e a próxima notícia que tivemos foi a ligação do hospital.

— Flora estava no carro com a mãe?

— Tinha oito anos. — Leroy acariciou a cicatriz como um talismã. — Os caras do resgate disseram que a encontraram embalando a cabeça da mãe no colo, chorando e berrando, pois metade da coisa estava à mostra. A cabeça, quero dizer. O semirreboque a pegou pela lateral e quase arrancou a cabeça dela. Mexe com a pessoa, sabe, ver a mãe morrer desse jeito. — Ele parecia embaraçado. — Bem, acho que você deve ser a única outra menina na cidade que sabe exatamente como é.

Charlie fez um lento sinal afirmativo com a cabeça. Após várias tentativas, o homem finalmente tinha acertado em cheio.

— Bem. — Leroy pescou um maço de cigarros no bolso frontal da bermuda. — Acho que você descobriu bem depressa que eu não sou o melhor modelo.

Charlie deixou o silêncio falar por si mesmo.

— Eu vou para a reabilitação amanhã cedo. — Ele captou o olhar dela. — Sim, aposto que você já ouviu isso antes, mas eu nunca falei essas coisas. Juro de pé junto. Estou cansado de tudo, é isso. Não estou fazendo pela Flora, apesar de que Deus sabe como eu a amo. Não estou fazendo por Maude e nem porque é a coisa certa. Sério, só estou de saco cheio de me sentir uma merda o tempo todo.

Charlie pensou que aquele era um motivo melhor do que a maioria dos dependentes poderia enumerar. Se bem que ele era um dependente químico, então podia estar mentindo. Se ela estivesse em seu lugar, se sua neta dos ovos de ouro fosse ser levada embora, era provável que fizesse exatamente o que Leroy estava fazendo: cantar aquela velha canção sobre abandonar os vícios e como amanhã seria um novo dia.

Leroy traduziu bem seu olhar.

— Sei, você acha que é balela, não acha?

— Eu acho.

Charlie o observou tragar metade do cigarro antes de soltar uma nuvem de fumaça no ar que estaria limpo se não fosse por isso.

— Você pode perguntar ao seu pai sobre mim — disse ele. — Eu era um cara bom até isto. — Ele bateu na lateral do suporte de metal. — Não o melhor dos caras, mas era decente. Pagava minhas contas em dia. Cuidava da minha família. Garantia que tivesse comida na mesa, um teto sobre a nossa cabeça. Um bom teto, não essa espelunca aqui.

Leroy deu outra tragada olhando para o prédio deprimente.

— Lá dentro fica quente como o rabo de um escorpião quando bate o sol do meio-dia. Eu só fico lá, assando, assistindo aos meus programas e pensando… Que tipo de vida é essa? Que tipo de exemplo eu estou dando?

Charlie estudou as linhas no rosto envelhecido. Normalmente era muito boa em ler as pessoas, mas não conseguia extrair nada de Leroy Faulkner. Até o semblante dele era ambíguo. O lado com a cicatriz mostrava o que ele dizia que era: um cara decente. O outro lado mostrava o drogado que parecia disposto a fazer qualquer coisa para conseguir a próxima dose.

— Quando a gente perde a mobilidade — prosseguiu ele —, começa a pensar: “Bem, qual é o sentido?” Levei alguns anos, mas estou vendo que o sentido é que eu preciso acordar todo dia de manhã, fazer a barba, tomar banho, vestir uma roupa e me erguer como um homem. — Deu mais um tapinha no suporte metálico. — E daí se eu preciso de ajuda para ficar em pé? Não tem muita gente

por aí que consegue tudo sozinha hoje em dia, sabe? A gente vê esses meninos voltando do Oriente Médio, com uma perna faltando, sem as duas ou um braço, tão ruins da cabeça que não conseguem nem pensar direito ou mijar sozinhos. Quem sou eu para ficar na fossa em cima da minha bunda como um bebê porque eu caí de uma escada?

Charlie ainda não conseguia decidir se ele estava dizendo a verdade ou tentando enrolá-la. Mas, na verdade, nenhum dos cenários importava, pois ela estava ali por Flora, e Flora havia deixado claro o que queria.

— Espero que a reabilitação funcione para você — disse ela. — De verdade. Mas Flora não pode esperar para ver como isso vai acabar. Ela ainda é uma criança, e não tem mais muito tempo até se tornar adulta.

— Eu sei disso. — Ele olhou para o edifício de novo. — Ela está naquela idade em que a estrada se divide, sabe o que eu quero dizer? Ou ela vai acabar como você ou vai acabar como a Maude. Ou acabar na cadeia, se não se ligar no que está fazendo. Ainda mais com aquele tal Oliver. O moleque é torto como o pai dele. Se ele vacilar, vai acabar vendo o sol nascer quadrado.

Charlie decidiu tirar proveito do humor expansivo de Leroy.

— Eu poderia voltar para o meu escritório agora e preparar a papelada para você renunciar os seus direitos parentais.

— Pode esquecer, boneca. — Leroy apagou a bituca do cigarro em uma das latas. — Ela é minha neta, sangue do meu sangue. Não vou deixar ninguém tirá-la de mim.

— Certamente você percebe que ela estaria melhor não vivendo aqui.

— Eu também estaria. E Maude. Que merda isso tem a ver?

— Flora só tem mais dois anos até se tornar adulta aos olhos da lei. Se você deixá-la ir embora agora, essa estrada que se divide vai se transformar em uma linha reta para a faculdade.

Ele riu.

— Vocês Quinn sempre sabem como transformar uma frase.

— Você a está machucando?

Leroy virou a cabeça bruscamente.

— Foi isso o que ela disse?

— Você não respondeu à pergunta.

— E nunca vou.

Charlie tentou oferecer uma saída.

— Você precisa deixá-la ir, Leroy. Não vai querer que eu faça essas perguntas em um tribunal, sob juramento, na frente de um juiz.

Ele olhou para ela, talvez pela primeira vez. Na verdade, a descrição correta é que ele a comeu com os olhos. Desceu a vista pela gola em V de sua camiseta,

depois se demorou descaradamente nos seios. Acariciou a cicatriz no rosto com a ponta dos dedos. Lambeu os lábios.

— Você é uma mulher bonita. Sabia disso?

Charlie lutou contra a vontade de cruzar os braços. Teve a sensação súbita, nervosa e trêmula de estar aprisionada.

Leroy percebeu seu mal-estar. Ele era o tipo de cara assustador no bar que não sabe aceitar "não" como resposta. Essa era sua verdadeira natureza. Ele se inclinou mais para a frente, olhando para a camiseta dela.

— Gosto de uma garota boa de briga.

Ela sentiu o maxilar travar. Se ele estava tentando intimidá-la, tinha escolhido as palavras erradas. O medo evaporou e foi substituído pela raiva — de si mesma por quase deixar Leroy atingi-la e dele por ser um tremendo cretino. Ela não estava aprisionada. Era uma mulher adulta formada em uma das dez melhores faculdades de Direito do país.

Também inclinou o corpo para a frente, seu rosto a centímetros do dele.

— Ei, idiota, uma briga é exatamente o que você vai conseguir. Vou ajudar Flora nesse processo. E vou fazer tudo o que eu puder para garantir que ela saia de perto de você.

Leroy foi o primeiro a romper o contato visual. Olhou de novo para o edifício. Maude tinha saído do apartamento e estava parada na escadaria, observando-os.

— Seja lá o que você tenha planejado para mim, é para mim — disse ele. — Agora, você vai ter que arrancar a menina das mãos frias e mortas de Maude, porque ela não vai deixá-la ir embora.

Charlie reconheceu a tentativa de manipulação.

— Realmente acha que um juiz vai acreditar que a sua esposa não sabia o que estava acontecendo no quarto ao lado?

— Você está escolhendo um caminho ruim aí, moça. Pode me ferrar o quanto quiser, mas se tentar brincar com a Maude… — Ele balançou a cabeça. — Vai se lembrar deste momento em que eu te avisei.

— E você vai se lembrar deste momento quando eu te chamar para se levantar e o oficial de justiça te mandar colocar a mão na Bíblia e jurar que nunca encostou o dedo na sua neta.

Ele manteve o olhar na esposa.

— Você tem provas do que está dizendo? Vai fazer essa mesma pergunta para a Flora, depois que ela jurar sobre a Bíblia?

Charlie não podia afirmar se a certeza dele vinha de saber que era inocente do crime ou de saber que Flora o protegeria a todo custo.

Só havia mais uma carta que ela poderia jogar na mesa.

— E se eu for à polícia e disser que você é um drogado e que sua esposa anda desviando dinheiro do fundo fiduciário de Flora? — perguntou ela.

Leroy deu uma risada estridente.

— Eu diria para você ir ao cemitério perguntar para a sua mãe o que acontece quando os clientes do seu pai se sentem ameaçados.

CAPÍTULO TRÊS

CHARLIE PEGOU O CAMINHO mais longo até seu escritório, o que acrescentou cinco minutos muito necessários ao trajeto. No momento em que deixou Leroy Faulkner perto das mesas de piquenique, suas mãos começaram a tremer. Os enjoos daquela manhã retornaram. Precisou encostar o carro na beira da estrada e colocar a cabeça para fora da porta, temendo que os Doritos fizessem nova aparição. Foi apenas a sorte e a força de vontade que os mantiveram no estômago.

Ela já tinha sido ameaçada por clientes antes. Eram ossos do ofício quando se defendiam criminosos. A maior parte das ameaças até aquele momento foi vazia e normalmente vinha de um cliente desesperado com sua possível temporada na cadeia. Quase sempre eram bobas, clientes ligando do telefone público grampeado no centro de detenção.

Aquela, no entanto, era a primeira que a deixara assustada de verdade.

Sua mãe.

Assassinada diante de seus olhos.

Um cliente descontente de seu pai com uma arma.

Charlie tremia tanto que seus dentes tiritavam na sua cabeça.

Ainda podia ver Maude em pé em frente ao apartamento, virando outra cerveja, fumando outro cigarro, seguindo Charlie até o carro com os olhos semicerrados. Ou pelo menos observando-a procurar o carro. Charlie tinha esquecido onde havia estacionado, então teve que ir e voltar até achar o Subaru no fundo do estacionamento. O suor formava gotículas sobre seu lábio superior quando deu partida no motor. Olhou pelo retrovisor depois que pegou a estrada e viu Maude ainda acompanhando seu progresso.

A vovó fazia as garotas Culpepper parecerem amadoras.

Felizmente, seu enjoo havia parado quando ela estacionou atrás do edifício do escritório de seu pai. Os cinco minutos adicionais no trajeto trouxeram alguma calma, se não mais clareza. Ainda precisava falar com os pais de Nancy. Eram quase três e meia da tarde, provavelmente os Patterson voltariam do trabalho por volta das cinco. Charlie teria de encontrar forças para ir conversar com eles pessoalmente. Um telefonema seria mais fácil, mas era o caminho dos covardes.

Ela precisava ver a casa, avaliar a vontade dos pais e a capacidade de cuidarem de Flora para que pudesse julgar honestamente se a menina tinha um lugar seguro para ficar.

Seu desejo de ajudar Flora a despeito do perigo era um defeito congênito, provavelmente herdado de seu pai. Ao longo dos anos, Rusty Quinn havia representado réus de todos os lados do espectro, de clínicas de aborto aos fanáticos que tentavam explodi-las; de trabalhadores em situação irregular a fazendeiros pegos tentando contratá-los por baixo dos panos. Os efeitos colaterais na família foram substanciais. Quando Charlie tinha treze anos, jogaram uma bomba na casa deles. Oito dias depois, sua mãe e a irmã foram baleadas por clientes de Rusty que achavam que podiam fazer suas dívidas exorbitantes de honorários advocatícios desaparecerem.

Ela devia ter aprendido uma lição com as perdas de seu pai; porém, se tinham servido para alguma coisa, era para fazê-la querer lutar com mais afinco.

Como ele frequentemente dizia:

Você não está fazendo seu trabalho direito se ninguém está gritando com você.

Charlie estacionou em sua vaga habitual atrás do escritório que dividia com o pai e saiu do carro. A cada passo em direção ao edifício, ela encontrava um lembrete visual de como os inimigos de seu pai podiam ser perigosos: o portão de segurança que exigia um código de seis dígitos para ser aberto, a cerca de três metros e meio de altura com arame farpado no topo, múltiplas câmeras de vigilância, barras grossas nas janelas, a grade de segurança na porta de aço nos fundos, o painel de alarme iluminado ao lado.

Inseriu o código. Em seguida, usou a chave para destravar a barra gigante que travava a porta nos dois lados do batente de aço.

A primeira coisa que sentiu foi o cheiro dos Camel sem filtro do pai. Depois, a umidade esquisita que permeava os carpetes, e então pãezinhos de canela.

Ela seguiu o cheiro até a cozinha do escritório. Lenore estava em frente ao refrigerador. Era quase trinta anos mais velha do que Charlie, mas vestia uma minissaia cor-de-rosa e sapatos de salto alto combinando. Seus olhos estavam voltados para a televisão pendurada na parede, assistindo à novela. Charlie sentiu-se apenas levemente envergonhada por conhecer os personagens de vista.

— Você está com uma cara péssima, querida — disse Lenore.

— Estou sem apetite — respondeu Charlie, ao mesmo tempo que dava uma olhada nos pãezinhos de canela sobre a mesa. — Você conhece Maude e Leroy Faulkner?

— Queria não conhecer. — Lenore encostou a mão na testa de Charlie. — Você não está com febre. Andou passando mal?

Charlie não respondeu, mas a testa franzida de Lenore indicava que ela havia chegado a essa conclusão.

— Fique longe dos Faulkner. O homem é nojento e aquela vagabunda é capaz de esfaquear você.

— Bom saber. — Charlie sentou-se à mesa. Pegou a pontinha do plástico em volta dos pãezinhos de canela. Lenore sempre os fazia com suco de maçã e leite de amêndoas em respeito à restrição à lactose de Charlie.

— A neta dela quer ser emancipada dos avós — disse Charlie.

— Ela vai pagar você?

Charlie riu.

Lenore pegou o filme plástico, retirando-o habilmente sem estragar a cobertura. Pegou um prato no escorredor ao lado da pia.

— E quanto a Dexter Black?

— O que tem ele? — O nome do homem já era quase como o de Voldemort. — Você não vai me contar nada que eu já não saiba.

— Quando foi que isso me impediu? — Lenore abriu uma gaveta. Encontrou uma espátula e deslizou um pãozinho para o prato de Charlie. — Eu vi nos seus registros de chamadas que tinha uma mensagem da Visa.

— Droga. — Charlie havia esquecido a mensagem no telefone em casa. Procurou na bolsa e pegou a fatura. Tinha que retornar a ligação deles, mas de repente se sentiu cansada demais para fazer qualquer coisa. Encarou as páginas, bocejando tão forte que seu maxilar estalou.

— Querida, você está bem? — perguntou Lenore.

— Estou… merda. — Ela descobriu qual o problema com o cartão. A parcela mínima era de $121,32. De acordo com sua letra, havia pagado $121,31. Ia receber multa por causa de um maldito centavo. Passou os olhos pela fatura até encontrar a data limite de pagamento. Um dia tarde demais. — Se eu tivesse visto isso ontem, poderia ter pagado sem multa.

Lenore olhou a fatura por cima de seu ombro.

— Não na semana passada, querida. Há duas semanas. Hoje é dia 23.

— Não, não é.

Lenore apontou para o calendário de parede.

Charlie olhou para a data até seus olhos saírem de foco.

— Merda.

— Isso vai fazer você se sentir melhor. — Lenore empurrou o prato para Charlie e se sentou. — Quer saber sobre Leroy Faulkner?

Charlie teve que forçar seu olhar para longe do calendário de parede.

— O quê?

— Leroy Faulkner, o marido da Maude. Ele é um dos clientes recorrentes do Rusty. Começou nos anos 1980.

Charlie dobrou a fatura do cartão ao meio, decidindo procrastinar o problema para o dia seguinte.

Ou talvez o outro.

Ou a semana seguinte.

Lenore continuou, alheia:

— Leroy em geral se metia em pequenos crimes, roubando roçadeiras e cortadores de grama nos chalés de turistas, mas depois subiu de nível com um carrinho de golfe John Deere, o que o fez passar de ladrãozinho a criminoso.

Em silêncio, Charlie repassou as palavras de Lenore na mente para entender o que a outra estava lhe dizendo. No fim, não estava surpresa com o progresso de Leroy. A maioria das pessoas não acabava na prisão por serem inteligentes.

— O que aconteceu com a perna? — perguntou.

— Ele trabalhava com manutenção na fábrica de jeans antes de ela ir para o México. Subiu em uma daquelas escadas de madeira velhas para trocar uma lâmpada, mas a escada quebrou. Leroy caiu direto no chão, em pé. Uma das suas pernas era mais longa que a outra e levou todo o peso da queda. Esmigalhou os ossos até o quadril.

— Que altura tinha a escada?

— Nove metros.

— Meu Deus.

— É, não foi bonito. Eu vi as radiografias do hospital. O pé foi dobrado para trás na altura da panturrilha como uma concha.

Charlie pensou no suporte na perna de Leroy. Será que sua deficiência física era grande demais para ele perseguir a neta? Flora era jovem, mas parecia saber se cuidar. Tudo o que precisava fazer era sair correndo. Por outro lado, se fosse atacada pelo avô, o homem que tinha assumido o papel de pai quando o dela morreu, ela podia não sentir que era capaz de fugir.

— Sobre o ferimento dele. Eu queria saber se…

Lenore levantou um dedo para fazê-la parar. A audição da mulher era precisa como a de um morcego. Mais três segundos se passaram antes que Charlie ouvisse o zumbido, o estalo e o clique que anunciava seu pai andando pelo corredor.

— Que visão deliciosa! — Ele levou a mão ao peito ao vê-las. — Duas mulheres lindas na minha cozinha. E pãezinhos de canela! — Rusty se serviu de um doce. — Digam-me, meninas, o que o dicionário comeu no jantar?

— Sopa de letrinhas — respondeu a filha. — Eu estava perguntando para a Lenny sobre Leroy e Maude Faulkner.

Rusty ergueu uma sobrancelha e deu uma mordida no pão doce. Ele não tinha pudores de falar de boca cheia.

— Da última vez que lidei com aqueles dois, Maude tinha aberto o rosto de Leroy com um canivete.

Charlie sentiu um caco de vidro perfurar seu coração.

— Alguma razão especial?

— A magia de embriaguez, eu presumo. Leroy se recusou a dar queixa depois que recuperou a sobriedade. — Rusty pegou o guardanapo de papel que Lenore enfiou na cara dele. — É uma relação de amor e ódio. Eles amam se odiar.

— Acha que algum dia eles se voltariam um contra o outro? — perguntou Charlie.

— Sem dúvida, mas no dia seguinte fariam as pazes. — Ele ria ao dar outra mordida no pãozinho. — Aqueles dois são o que podemos chamar de "pimenta no dos outros é refresco". Nunca dá para saber quem está fodendo com quem.

Havia muito Charlie adquirira imunidade à linguagem eloquente do pai. Não queria, mas olhou para o calendário novamente. Sentia uma tênue camada de suor na nuca. Esforçando-se para continuar com o problema em mãos, perguntou para Rusty:

— O que você sabe sobre a neta deles?

— Ela perdeu a mãe em um acidente terrível.

— Eles são capazes de cuidar dela? Quer dizer, tipo, sem machucá-la?

Ele lançou para ela um olhar curioso.

— O que você está perguntando?

Ela não sabia como perguntar ao pai se Leroy Faulkner era pedófilo. Mesmo que ele soubesse, provavelmente estava impedido de falar pelo sigilo entre advogado e cliente.

— Você acha que ela está segura com os avós?

— As pessoas tomam decisões ruins quando são deixadas à própria sorte.

— Então, ela não está segura?

— Eu não disse isso. — Rusty pegou outro pão doce. — Mas te conto uma coisa. Quando a mãe daquela menina morreu, o fato de que houvesse um fundo contribuiu bastante para convencê-los de que deveriam criá-la. Como amarrar uma costeleta de porco no pescoço de uma criança pro cachorro brincar com ela.

Charlie não ficou surpresa com a notícia.

— O que acontece quando o dinheiro acabar?

— Exato.

Mais uma pergunta sem resposta. Ela tentou limitar as opções.

— Eles só fingem amá-la por causa do dinheiro? Ou eles realmente a amam, mesmo sem o dinheiro?

— “Às vezes, a questão é complicada e a resposta é simples.”

Charlie bufou, porque a conversa sempre ia ladeira abaixo quando ele começava a citar o Dr. Seuss.

— Quanto dinheiro você conseguiu para o Leroy depois do acidente?

— Arbitragem forçada — respondeu Rusty, o que significava que o processo não havia sido julgado por um juiz e um júri, mas por um árbitro profissional que provavelmente trabalhava para a empresa processada. — A maior parte do dinheiro foi para os médicos, o hospital e a clínica de reabilitação. Não sobrou muita coisa depois disso. O advogado ganancioso dele sugou todo o resto.

Charlie olhou para o outro lado quando pedaços de massa caíram da boca do pai.

Rusty deu outra mordida.

— Algo mais, ursinha?

Ela ergueu a mão.

— Você já ajudou bastante.

Ele era imune ao sarcasmo.

— O prazer foi todo meu, minha amada filha.

E saiu, estalando os dedos e murmurando, até o pãozinho entalar na garganta e ele ter um acesso de tosse digno dos últimos estágios da tuberculose.

— Por que você o aguenta? — perguntou Charlie para Lenore.

— Na verdade eu não aguento. — Então contou para Charlie algo que Rusty não contaria: — Seu pai cobrou a metade do preço para ajudar, mas Leroy saiu com algo em torno de cinquenta mil dólares, o que é muito, mas não um absurdo.

— Leroy recebe pensão por invalidez?

— Eu duvido. Ele não se enquadraria nos critérios porque é um criminoso condenado. Nesse caso, o governo não paga nem alimentação, nem moradia, nem nada.

— Suponho que a Maude não tenha emprego.

— Ela tem dinheiro de sobra para comprar cerveja. E ela frequenta o Shady Ray’s mais do que o seu pai, então tem algum tipo de renda.

— Você a conhece?

— Só de passagem. — Ela piscou para Charlie. — Eu também frequento Shady Ray’s mais do que o seu pai.

— Maude obtém o dinheiro da cerveja com o corpo.

— Acho que existe um certo tipo de homem que pagaria para dormir com ela, mas não consigo imaginar que existam pervertidos em número suficiente nesta cidade insignificante para ela conseguir uma renda que dê para se manter.

Charlie não poderia discordar. Nem conseguia ver Maude Faulkner se prostituindo. Gerenciando um prostíbulo, quem sabe, mas não fazendo o trabalho sujo ela mesma.

O que significava que o dinheiro da cerveja provavelmente era desviado do fundo de Flora para a faculdade.

— Querida, você está bem?— perguntou Lenore.

Involuntariamente, os olhos de Charlie tinham se desviado para o calendário outra vez.

— Eles me ameaçaram. Leroy, na verdade, mas Maude com certeza estava no jogo.

— É por isso que você está tão pálida?

Ela se obrigou a olhar para a travessa meio vazia de pães de canela. Sua boca se encheu de água com a ideia de saborear as guloseimas açucaradas e quentinhas, mas seus braços estavam cansados demais para se mover.

— Charlotte?

Lento e relutante, seu olhar voltou para o calendário. Ela fitava os números, querendo que os dias voltassem para trás. Não tinha a ver com a fatura do cartão. Ela havia perdido uma semana inteira. Como isso aconteceu?

— Como Belinda estava esta manhã?

— Zangada — respondeu ela, porque não havia descrição melhor. — Ela também ficou zangada da primeira vez que engravidou.

— Não está zangada por causa da gravidez. Está zangada porque o marido dela é um imbecil.

— Ela disse que os homens mudam quando as mulheres têm filhos.

— Ryan sempre foi um cretino. Era o que fazia dele um bom soldado. — Lenore segurou a mão de Charlie. — O que foi, querida?

— Como era a minha mãe quando estava grávida?

Lenore sorriu.

— Animada. Um pouco amedrontada. Radiante. Nunca acreditei nessa besteira de que mulheres grávidas brilham. Quero dizer, elas são lâmpadas, por acaso? Mas com sua mãe isso era verdade. Ela brilhava de alegria.

Charlie sorriu de volta. Tinha pensado a mesma coisa sobre Belinda de manhã.

Lenore continuou:

— Sua irmã foi um acidente feliz, mas com você tudo foi planejado. Ela contou ao seu pai exatamente quando iria acontecer, como você iria se chamar, quais matérias você iria adorar na escola, o que ia ser quando crescesse.

— Ela acertou?

— Não seja ridícula. Sua mãe sempre estava certa sobre tudo — retrucou Lenore. E acrescentou: — E ela amou você e sua irmã até o último suspiro.

Charlie tinha testemunhado o último suspiro de sua mãe. Ela sabia que aquelas palavras eram verdadeiras.

— Nem todos os homens são idiotas — continuou Lenore.

— Eu sei. — Charlie mexeu no pãozinho de canela até um pedaço descolar.

— Ben é um ser humano maravilhoso.

— Eu também sei disso.

— Então. — Lenore se recostou na cadeira. Estudou Charlie. — Vamos falar sobre como sua menstruação está uma semana atrasada?

Charlie enfiou o pão doce na boca para não ter que responder.

CAPÍTULO QUATRO

JO E MARK PATTERSON moravam em uma parte recém-urbanizada da cidade onde estacionamentos de trailers e fazendas de galinha tinham sido substituídos por casas gigantescas de cinco ou seis quartos em loteamentos de 12 mil metros quadrados. Era uma expansão urbana das mais expansivas, lugar de pessoas ricas o bastante para viver em Atlanta, mas bem-sucedidas o bastante para viajar até a cidade uma ou duas vezes por mês para verificar os investimentos antes de voltar para uma vida mais limpa e fácil no interior. Ben e Charlie costumavam fazer piadas mordazes sobre as horrendas Super-Mansões, mas a verdade é que tinham inveja dos muitos quartos, das garagens para quatro carros e especialmente das piscinas.

Os Patterson tinham uma garagem para apenas três carros, o que estranhamente a fez sentir pena deles. Da rua, a casa, a parte de baixo tijolinhos e a parte de cima de revestimento de madeira imitando as casas inglesas do século XVI, parecia conservada e limpa, mas, quando Charlie parou no longo caminho da entrada, notou que um pouco da tinta estava descascando dos beirais. Todas as portas de garagem estavam fechadas. Uma BMW antiga estava parada na frente. Estava torcendo para ter chegado cedo o suficiente para se deparar acidentalmente com Oliver, o suposto namorado de Flora Faulkner, mas presumiu pelo adesivo MINHA FILHA É UMA ALUNA COM HONRAS NA ESCOLA PIKEVILLE que Jo Patterson era dona de casa em tempo integral.

Verificou de novo seu caderno, pois já tinha esquecido o nome da filha dos Patterson.

Nancy.

Charlie buscou na bolsa a caneta suja de Doritos. Ela havia posto na lista que precisava conversar com os professores de Flora, mas devia ir mais longe e falar também com os pais de Nancy Patterson. E também poderia acrescentar Oliver Patterson na mistura. Era provável que ele já tivesse saído da escola havia muito tempo, mas os professores costumam se lembrar dos maus alunos, e Charlie supunha, pelo fato de ele já ter uma ficha criminal, que tivera também uma passagem memorável pelo ensino médio.

Um ronco baixo de motor ecoou pela rua quando ela saiu do Subaru. Viu um Porsche Boxter azul safira passar diante da casa. Se tivesse que adivinhar, diria que o jovem magrelo atrás do volante contava com uns dezenove anos e uma ficha criminal do tamanho do pau de Maude Faulkner. O rapaz, que só poderia ser Oliver Patterson, tinha um tufo de cabelo loiro brilhante e um nariz achatado que claramente havia sido quebrado várias vezes. Oliver a viu e ergueu os óculos de sol esportivos na cabeça. Estreitou os olhos, seus lábios franzidos. Estava tentando passar uma imagem de durão, mas Charlie só conseguia pensar que ele parecia um macaco-prego.

Os pneus cantaram quando ele fez um retorno na frente da casa e partiu em velocidade pelo caminho por onde tinha vindo.

— Beleza — murmurou Charlie, perguntando-se qual era a daquele show. Se Oliver Patterson realmente era o namorado de Flora, a menina precisava de uma lição sobre o que era ir de mal a pior.

Ela colocou a bolsa no ombro e caminhou para a casa. De perto, a pintura descascada entregava a madeira apodrecida e grandes buracos onde o revestimento tinha caído. Alguns dos tijolos estavam lascados. Havia grandes rachaduras na calçada quando ela se aproximou da porta da frente. Mato brotava nas fendas. O gramado era irregular, como a pelagem de um cão sarnento. As folhas dos arbustos da varanda se curvavam por causa de algum tipo de fungo. Um dos painéis da sacada estava quebrado; outros tinham manchas entre as camadas duplas de vidro. Algumas telhas tinham caído no pátio. Os degraus da varanda estavam podres. Até a pintura na porta da frente tinha desbotado, de vermelho para quase rosa.

Charlie já havia lidado com sua parcela de gente rica. Ou os Patterson eram uma família de dinheiro antigo e não sabiam como cuidar das coisas, ou eram emergentes que tinham empobrecido rápido demais.

Ela lembrou que Leroy dissera que Oliver era tão torto quanto o pai e se amaldiçoou por não ter pesquisado sobre a família. Sua curiosidade inata, a alegria de fuçar os assuntos alheios, era fundamental para seu trabalho como advogada criminal. Normalmente, ela sabia mais sobre seus clientes e potenciais testemunhas do que eles sabiam sobre si mesmos. Não dessa vez. Nem sabia o que Mark Patterson fazia para ganhar a vida. Ou não fazia, se esse fosse o caso. Estava distraída demais naquele dia, acreditando demais em tudo o que lhe diziam.

A campainha estava colada com fita adesiva, então ela bateu quatro vezes e esperou. E bateu novamente, porém mais forte, pensando que um som mais tímido passaria despercebido na casa gigantesca.

Charlie viu outro carro passar. Um vizinho, supôs ela, enquanto observava uma Mercedes nova estacionar em frente à casa do outro lado da rua. Uma mulher saiu com o paletó sobre um braço e uma pasta pendurada no outro, personificando o estereótipo da mãe que trabalha. Ela encarou Charlie abertamente, franzindo o nariz como se conseguisse farejar o motivo de ela estar na entrada da casa do vizinho.

— Olá?

Charlie deu um salto para trás, quase caindo dos degraus. A porta da frente se abrira. Uma mulher pequena de uns quarenta anos, vestida em calças pretas e regata verde-neon, estava parada com uma garrafa de água em uma das mãos e uma espingarda na outra.

— Merda! — Charlie levantou as mãos, embora o cano da arma estivesse apontado para baixo.

— Ah, desculpe. Não está carregada. Pelo menos acho que não está carregada. — A mulher colocou a espingarda ao lado da porta e enxugou a testa com uma toalha. Tinha aquele leve brilho de suor de gente rica que faz pilates ou ioga, ou algum tipo de alongamento que levava muito tempo e dinheiro para aprender.

Ela continuou depois de um tempo:

— Pensei que você fosse nossa vizinha do outro lado da rua. Estava lá em cima malhando e vi o carro dela. É uma vagabunda. Bate na porta todo dia falando merdas sobre isso ou aquilo, como se fosse da conta dela. — Fez um gesto para Charlie entrar. — Você deve ser a advogada — disse sem esperar resposta. — Eu sou Jo Patterson. Flora nos disse que você viria. Uma jovem tão maravilhosa. Sabia que ela bateu o recorde estadual de vendas de biscoito? Além disso, é melhor amiga da Nancy. Aquelas duas são como unha e carne. Nós a adoramos loucamente. Você quer um chá gelado?

Charlie sentiu que precisava sacudir a cabeça para assimilar a grande quantidade de informação de modo razoável e linear.

— Não, obrigada.

— Vamos para os fundos. É só uma questão de tempo antes de aquela vadia bater na porta.

Charlie adorou a ideia de segui-la até os fundos, especialmente porque sempre quis ver como era dentro de um daqueles casarões. Jo puxava enormes portas de correr com painéis de madeira ao caminhar pelo corredor, murmurando desculpas sobre a bagunça. Nem mesmo em seus sonhos mais audaciosos Charlie conseguia se imaginar tendo tantos cômodos, muito menos decorando todos eles. Aparentemente, Jo Patterson tinha o mesmo problema. Havia uma sala íntima com nada além de dois pufes e uma velha TV de tubo com um videogame embaixo. A sala de jantar era desprovida de mesa e cadeiras. O lustre

estava meio torto, como se alguém tivesse tentado se pendurar nele. Até mesmo o lavabo apresentava sinais de negligência. O papel de parede tinha descolado na junção da parede com o teto. Alguém tinha tentado arrancá-lo, mas conseguiu apenas deixar a aparência pior.

— Há quanto tempo vocês moram aqui? — perguntou Charlie.

— Cinco, seis anos? — Ela fechou a porta do que devia ser um escritório. Havia uma escrivaninha de metal como numa escola, arquivos também de metal com cadeados pesados e caixas e mais caixas transbordando de papéis. — Estamos redecorando, mas eu venho dizendo isso há um tempo já, simplesmente porque não consigo tomar uma decisão. Existem opções demais, se é que você me entende.

Charlie adoraria tomar as decisões se isso significava uma máquina lava-louças nova que não transbordasse quando ela colocava mais de quatro pratos no compartimento inferior.

— Aqui vamos nós — falou Jo, indicando uma grande sala e cozinha. Luz do sol entrava pelas janelas gigantescas. O teto abobadado tinha pelo menos dez metros de pé-direito, com vigas de madeira à vista que faziam o espaço parecer aconchegante. Pelo menos o fundo da casa tinha sido decorado. Era a única parte que parecia habitada. Sofás fundos de couro. Poltronas reclináveis. Uma televisão gigante de tela plana pendurada sobre uma lareira de pedra. Havia uma cozinha americana que se integrava com a sala e fazia os olhos de Charlie marejarem de inveja — não porque ela fosse uma cozinheira, mas porque queria uma cozinha que fizesse as pessoas chorarem de inveja.

Se eles não quisessem adotar Flora, ela se ofereceria de substituta com prazer.

— Não gostamos de jardim— disse Jo, como se Charlie tivesse perguntado sobre o quintal enlameado. — É uma mania da vizinhança, porque há uma porcaria de cláusula na convenção da associação dos proprietários sobre os jardins e quintais e nós pensamos: “E daí?”, mas pelo visto não se pode fazer coisa nenhuma por aqui sem ter permissão. Mas, ei, você é advogada, não é? Poderia ajudar a tirá-los do nosso pé? Eles são só um bando de vacas reclamonas sem nada melhor para fazer.

Charles precisou sacudir a cabeça de novo para encontrar sentido na solicitação.

— Não sou especializada em direito imobiliário, mas posso dar o nome de alguém que é.

— Não precisa. — A dona da casa fez um aceno, indicando que Charlie deveria segui-la para a cozinha. — Eles só vão nos cobrar por isso.

Charlie não comentou que também teria cobrado deles.

— Com açúcar ou sem?

Ela não havia pedido o chá, mas queria uma razão para continuar na cozinha babando nos aparelhos de aço inoxidável.

— Sem.

— Flora é incrível. Não conseguiríamos amá-la mais nem se tentássemos. — Ela puxou a porta de vidro da geladeira sofisticada e o vidro sacudiu. Teve que fazer força para fechar a porta. — Nancy conheceu Flora no primeiro dia de escola, e elas se deram bem imediatamente. Sempre se deram. Unha e carne. — Encontrou dois copos limpos no lava-louças caro, ao lado da pia embutida arranhada. — Eu fiquei muito preocupada quando Mark nos trouxe de Roswell pra cá, mas tudo acabou dando certo. Ele trabalha no mercado imobiliário. É nisso que está agora, procurando uma propriedade nova para alguns investidores de Atlanta que querem construir um restaurante Applebee's na rota 40 norte. Um Applebee's! Consegue imaginar? O que vem em seguida? Um Olive Garden? Um Red Lobster? Este lugar vai bombar!

Charlie se sentou diante do balcão alto. Sentiu o frio do granito liso sob suas mãos. Uma adega vazia ronronava perto dela. Sua inveja regrediu um degrau. Em uma inspeção mais cuidadosa, a cozinha parecia bem usada. Havia marcas de arranhões nas paredes. Faltava um pedaço na coifa de madeira. Dois botões vermelhos estavam ausentes no fogão.

Alheia às críticas silenciosas, Jo serviu o chá.

— E também tem algumas pessoas querendo construir um shopping naquela propriedade do moinho velho na 515. Sabe de qual eu estou falando? — perguntou, mas não precisava de incentivo para continuar. — Eu consigo super ver um spa naquele lugar. Adoro aqui, mas, senhor do céu, tem sido difícil para as minhas unhas, e acho que metade das pessoas daqui estaria muito melhor se tivesse a oportunidade de fazer uma massagem decente. Mas olhe só para mim, falando de mim mesma. Em que posso te ajudar?

Charlie estranhou o momento de silêncio.

— Sobre a Flora? — insistiu Jo. — O que você precisa que eu diga?

Ela levou um momento para retomar o papel de advogada.

— Flora está buscando emancipação.

— Bem, ela nos disse isso. Lembra aquele filme da Drew Barrymore em que ela era criança e fazia a mesma coisa?

— É um pouco diferente…

— *Diferenças irreconciliáveis*! — A mulher estalou os dedos. — Deus, eu teria ficado louca tentando lembrar o nome do filme. O que será que aconteceu com a Shelley Long? Ela era tão boa em *Cheers*.

Charlie precisava manter o assunto.

— Para conseguir a emancipação, o que acontece é que todos nós temos de convencer o juiz de que Flora é capaz de ser uma adulta: cuidar de si, ser responsável, se sustentar sem ajuda do governo. Acho que estaríamos muito mais perto de ganhar se pudéssemos provar que ela tem uma boa casa para onde ir.

— Não tem como ser melhor do que isto. — Jo abriu os braços com orgulho, como se a casa não estivesse desmoronando ao seu redor. — Mas nós não iríamos adotá-la, certo? Ela iria viver aqui. Quase como uma inquilina. Mas não, tipo, tendo que assinar um contrato de sublocação nem nada. Como se fosse um de nossos filhos, mas sem ser realmente nossa filha.

— Exatamente — respondeu Charlie, porque Flora ainda era uma criança e não tinha como se orientar pelo mundo completamente por conta própria. — Então, o que eu preciso de imediato é que você e o seu marido assinem uma declaração afirmando que estão dispostos a acolher Flora na casa de vocês até ela fazer dezoito anos.

— Ah, claro que sim, e mais do que isso. — Ela empurrou um copo de chá sobre o balcão. — Vamos ficar com ela até que ela se case. E depois ela pode viver no porão, se quiser. Nós a adoramos loucamente. Eu falei outro dia: estamos aqui para oferecer o que ela precisar. Qualquer coisa.

— Qualquer coisa — repetiu Charlie, porque havia algo de estranho, quase treinado, no tom de Jo. — E quanto ao seu filho, Oliver. Ele ainda vive aqui?

— É claro. Ele ainda é meu bebê.

— Você espera que eles se casem?

— Ah, quando se trata dessas crianças, quem sabe? — A mulher riu. — Oliver fica tão bobo perto da Flora… Ele tinha o cabelo longo até aqui… — disse, com a mão no ombro. — E sempre tinha espinhas por causa do cabelo oleoso que encostava no rosto e eu dizia: “Ollie, lave esse cabelo e não vai mais ter espinhas”, e ele batia a porta do quarto e dizia: “Mãe!” Mas então Flora apareceu e ele cortou do mesmo jeito que Mark, mas não conte ao Ollie que ficou igual ao pai, porque ele vai… — Ela estendeu o lábio fazendo beicinho, depois deu uma risada do fundo da barriga. E continuou rindo. E rindo. Depois de um tempo, ela estava rindo tanto que Charlie se perguntou se havia algo realmente engraçado naquela situação que ela estava deixando escapar.

Por exemplo, por que a casa estava caindo aos pedaços?

Por que o único cômodo decorado era o único cômodo onde visitas ficavam?

Por que eles não contratavam um paisagista para arrumar o quintal?

Por que não contratavam um faz-tudo para cuidar da manutenção da casa?

E, principalmente, por que Oliver dirigia um Porsche que, de acordo com Belinda, Maude Faulkner é que dirigia no mês anterior?

Ela se recostou na cadeira. Havia uma porta aberta saindo da cozinha que aparentemente levava ao porão, o que não era um problema, mas a placa de gesso não estava pintada, o que significava que o porão estava inacabado.

— Minha nossa. — Jo limpou lágrimas imaginárias de seus olhos. — Espero que eles se casem. Todos nós adoramos a pequena Flora loucamente.

Charlie cruzou os braços.

— Me fale mais sobre Oliver.

— Ele é uma alma antiga, gentil e sensível. — Ela pôs a mão no peito, sem dar sinais de que percebia que estava se contradizendo. — Mesmo quando era menino, sempre procurava maneiras de ajudar as pessoas. Isso é o que ele quer fazer. Todos nós, na verdade. Queremos ajudar Flora, mas Oliver sente essa necessidade mais intensamente. — Inclinou-se sobre o balcão, mão ainda no coração. — Uma vez, quando Ollie era um garotinho, me lembro de ele me perguntar: "Mamãe, por que os mendigos cheiram tão mal?" E eu respondi, tipo: "Querido, é porque eles não têm um lar com um chuveiro e um lugar para lavar suas roupas." Depois, o vi conversando com um morador de rua no centro de Atlanta, se oferecendo para trazê-lo para a nossa casa para que ele tomasse um banho e lavasse as roupas. É claro que eu não poderia deixar isso acontecer, mas, mesmo assim, dá para ter uma ideia de como ele tem um coração doce.

Charlie refletiu sobre o tom de voz treinado da mulher. Tinha a impressão clara de que estava na primeira fila para o melhor show da cidade.

Ela continuou:

— E Nancy é nosso orgulho e alegria. Inteligente como ninguém. Não é uma inteligência muito acadêmica, mas ela pega as coisas bem depressa. Temos tanto orgulho dos nossos anjinhos. Aí está o meu garotão!

Charlie se virou esperando ver o cachorro da família, mas, no lugar, encontrou um homem mais velho com um cabelo grisalho, uma covinha enorme no queixo e uma pele bronzeada que parecia artificial.

— Mark Patterson. — Ele estendeu a mão, mostrando um conjunto de dentes brancos demais, um pesado Rolex dourado e uma camada de pelos na parte de trás do braço que combinava com o fato de ter um macaco-prego como filho. — Você deve ser a advogada. Flora nos falou para esperar você. O que podemos fazer para ajudar?

Charlie apertou sua mão, que estava úmida de suor.

— Me falem como vai ser a situação de moradia da Flora quando ela vier para cá.

Os olhos dele desviaram para a esposa.

— Bem, ela seria como uma filha. Faríamos tudo o que pudermos por ela. Entendo que a emancipação significa que ela será considerada adulta perante a

lei, mas Flora só tem dezesseis anos…

— Quinze — murmurou a esposa.

— Claro, quinze agora, mas ela vai ter dezesseis quando vier morar aqui. Ainda uma menina, é o que quero dizer. Uma adolescente. — E acrescentou: — Uma boa adolescente. Digo, Flora é sensacional, mas ainda é uma adolescente.

Charlie pegou seu bloco de notas.

— Ela teria o próprio quarto?

— É claro. Temos bastante espaço aqui.

— Mas pode ser que ela queira ficar com Nancy — acrescentou Jo. — Unha e carne.

Charlie pensou que, se bebesse algo sempre que ouvia “unha e carne”, estaria bêbada àquela altura, o que não era má ideia.

— Posso ver onde Flora moraria? — perguntou.

O casal trocou outro olhar, e a mulher respondeu:

— Está uma bagunça lá em cima, mas eu adoraria mostrar em um outro dia. Ou tirar algumas fotos e enviar para você. Fotos seriam uma boa opção?

Ela se perguntou quantos quartos vazios encontraria no andar de cima. E como conseguiria arrancar a verdade daquele casal.

— E um carro?

— Um carro?

— Como vocês disseram, Flora fará dezesseis anos em breve. Ela vai precisar de um carro para dirigir.

Novamente os olhos de Jo desviaram-se para o marido. A resposta óbvia seria dizer que o fundo pagaria pelas necessidades de transporte de Flora, mas Mark apareceu com outra opção:

— Nancy vai ganhar um carro tão logo complete dezesseis anos, mês que vem. Um Honda um pouco gasto que pretendo comprar de um antigo cliente. Imagino que elas dividirão. Afinal, elas sempre vão para toda parte juntas. São unha e carne.

A coisa de unha e carne era como um mantra para aquela família. Na verdade, parecia um pouco ensaiado.

— E quanto à alimentação? — quis saber Charlie. — Roupas? Mensalidades escolares?

— Não é um problema — disse Mark. — Flora já é como uma filha para nós. Teremos prazer em prover o sustento dela. Ela é uma garota incrível. Não conseguiríamos amá-la mais nem se tentássemos.

Ela viu Jo se encolher diante do comentário, que usava exatamente as mesmas palavras que a esposa havia empregado antes.

Era como se seguissem um roteiro.

— Elas são mesmo como irmãs siamesas, não são? — perguntou Charlie a Mark.

— Exatamente. — Ele sorriu, como se tivesse passado em um teste. — Como irmãs siamesas.

— Enfim — disse Jo, tentando remediar. — Os Faulkner, os avós dela, não são boas pessoas. Eu sinto muito dizer isso, mas estamos falando sobre o futuro da Flora aqui, a faculdade dela, a vida que ela terá como uma jovem adulta. Eles tentam, mas o caráter… — Ela se deteve, provavelmente prestes a repetir a mesma frase que Flora tinha dito a Charlie no banheiro da ACM naquela manhã.

Em vez disso, ela disse:

— Eu sei que Flora não vai dizer uma palavra contra a vovó e o vovô, mas Leroy tem um problema com drogas, e Maude… bem, você já conheceu a Maude. Viu como ela é. Eu não a afrontaria nem por todo o chá da China, mas nós amamos demais a Flora. Ela é uma garota incrível. Não conseguiríamos…

— Amá-la mais nem se tentassem? — perguntou Charlie.

— N-não — gaguejou Jo.

O marido pulou de volta na conversa.

— Imagino que a minha esposa queria dizer que não conseguiríamos viver com a culpa se deixássemos Flora continuar naquela situação horrível.

— O que tem de tão horrível?

Mark franziu o nariz bronzeado com nojo.

— Aquele condomínio é horrível. Fica na beira da rodovia.

— Acho que é tudo o que eles podem pagar. Ser pobre não é crime, é? — Observou atenta as expressões deles, congeladas como estátuas de mármore. — A menos que vocês estejam falando da pensão?

— Pensão? — perguntou Mark, sua voz cada vez mais aguda. — Por que os avós dela abririam uma pensão?

Ela quase riu daquela tentativa patética de se fazer de desentendido.

— Flora me disse que contou a vocês sobre o fundo fiduciário.

A mentira fez os dois relaxarem um pouquinho.

Jo deu uma risada desconfortável, a segunda de seu arsenal, que vinha logo atrás daquela gargalhada do fundo da barriga.

— Bem — disse Mark —, não estávamos pensando no fundo porque, obviamente, é para a faculdade da Flora e para ajudá-la a começar a vida. Ela é uma garota muito inteligente. Na realidade, ela poderia entrar em qualquer faculdade. — Ele indicou a casa. — Eu não quero parecer grosseiro, mas, obviamente, nós não precisamos do dinheiro.

— Obviamente.

Jo riu de novo, mas apenas duas vezes, um “ha-ha”, como se estivesse lendo a piada em um jornal.

— Mais uma coisa… — Charlie adorava dizer *mais uma coisa*, porque geralmente era *a* coisa. — Lamento dizer isso, mas Leroy disse coisas desagradáveis a seu respeito, Mark. Algo sobre você ser torto?

— Puxa vida. — A mulher deu a risada número um, do fundo da barriga. — Estamos no meio de uma piada aqui: um empreiteiro e um advogado entram em um bar…

Mark se juntou a ela, até mesmo segurando a barriga.

Charlie olhou para os dois até as gargalhadas silenciarem.

— Ah — suspirou o homem, limpando as lágrimas do riso forçado. — Bem, você sabe o que as pessoas pensam dos empreiteiros. São todos cimento do mesmo saco.

— Pensei que você fosse incorporador imobiliário?

— Empreiteiro, incorporador. Dá na mesma.

— Sério? Um parece muito mais especulativo do que o outro. E financeiramente mais arriscado.

— Estamos indo bem — disse Jo. — Mark é muito bom no que faz.

— Isso é ótimo. — Charlie esperou, olhando o homem como se estivesse esperando que ele continuasse.

A boca dele estava tão seca que os lábios colavam nos dentes quando ele sorria.

— Mais alguma coisa?

— Não. Obrigada. — Ela fechou o caderno, tampou a caneta e fingiu não notar quando ambos soltaram a respiração em uníssono. — Só vou precisar colocar o que vocês disseram numa declaração juramentada, afirmando que nunca vão tirar nada do fundo.

Eles trocaram outro olhar, os olhos arregalados.

— Uma carta, você quer dizer? — A voz da mulher estava mais aguda.

— Não. — Charlie bebeu um gole de chá, apenas para fazê-los esperar. — Preciso de uma declaração juramentada de vocês dois, dizendo que nunca vão receber dinheiro nenhum, direta ou indiretamente, do fundo em nome da Flora. — Sorriu. — E claro que vocês vão precisar comparecer à audiência e dizer a mesma coisa, o que não deve ser problema algum, não é mesmo?

Mark mordeu o lábio inferior.

— Uh-hum.

Charlie apertou o cerco.

— Porque seria perjúrio se vocês dissessem que não iriam mexer no dinheiro, mas depois mexessem.

— Perjúrio — repetiu Mark.

— Bem. — Jo limpou a garganta. — Eu não sou advogada, mas, pelo que entendi, Flora será emancipada. — Deu um leve sorriso para Charlie. — Ela é quem vai controlar o dinheiro, não nós. Pode fazer com ele o que quiser.

— Exato, mas, se vocês recebessem dinheiro, como se ela pagasse aluguel, ou as contas da casa, ajudasse com a hipoteca, o supermercado ou qualquer coisa assim, isso configuraria recebimento de dinheiro do fundo. É por isso que fico contente em saber que ela não vai ser inquilina, pois seria interpretado como um incentivo para vocês, ou seja, como se o único motivo para acolherem a Flora fosse explorar o dinheiro que ela tem. E, como ela ainda é menor de idade e não foi emancipada, o juiz recusaria esse tipo de acordo. Então é por isso que precisamos deixar claro que vocês estão dizendo a verdade: Flora seria como uma filha. Não uma árvore de dinheiro para tirar vocês de qualquer dificuldade financeira em que porventura se encontrem. — Charlie colocou o caderninho na bolsa. — Certo?

Mark fez outro “Uh-hum”.

— O problema — continuou Charlie — é que o juiz deve atribuir uma assistente social e um administrador legal para acompanhar isso tudo, pois tirar uma criança dos parentes biológicos, emancipá-la como adulta, tudo isso supondo que ela receba todos os cuidados de uma família boa e amorosa, é uma questão muito séria. O juiz vai querer se certificar de que todo mundo está cumprindo o que prometeu. A assistente social vai fazer inspeções. O administrador vai supervisionar as retiradas de dinheiro para garantir que tudo esteja sendo feito às claras. E, claro, todos estariam preocupados com a questão do perjúrio, porque se está sujeito à pena de cinco anos de prisão, além de uma multa de até 250 mil dólares.

— Bom-bom-bom — disse Mark. — Bom. Saber.

— É sim — confirmou a esposa, seus lábios trêmulos ensaiando um sorriso. — E não tenho nenhum problema em assinar isso aí. Nossa intenção é não tocar em um centavo do dinheiro.

Mark acompanhou rapidamente:

— Jo está certa. Temos todas as intenções de garantir que Flora tenha o dinheiro para a faculdade.

Eles deveriam saber que não dava para fazer uma advogada de trouxa.

— Intenções não são acordos estabelecidos perante a lei. O juiz não está à procura de intenções. Ele quer testemunhos com valor legal.

— Bem… — começou a mulher.

— Obviamente, a questão aqui não é o dinheiro — interrompeu Mark. — Flora é muito importante para nós. Não conseguiríamos amá-la mais. — Seus

olhos se movimentavam como o carro de uma máquina de escrever. — Como você disse. Antes, quero dizer. Foi o que você disse. Não conseguiríamos amá-la mais nem se tentássemos.

Charlie sorriu tão falsamente como ele.

— Obviamente.

CAPÍTULO CINCO

CHARLIE ESTACIONOU O CARRO em frente ao restaurante quase vazio, decorado predominantemente com a cor vermelha e estruturas cromadas em estilo anos 1950. Uma rápida ligação para o fórum, que deveria ter feito antes, havia revelado que Mark Patterson tinha uma dívida de milhões de dólares. O Range Rover que ela vira estacionado na entrada quando saiu da casa estava prestes a ser reavido. O pagamento da mansão estava atrasado. Ele devia uma quantia tão alta para uma escola particular de Roswell que eles haviam transferido a dívida para uma agência de cobranças.

Obviamente eles queriam Flora por causa do dinheiro. Se tinham pensado em um acordo para receber dinheiro adiantado, ou um aluguel mensal, ou algo ainda mais perigoso, era uma questão que Charlie precisava responder antes que desse qualquer outro passo.

Também havia outras perguntas.

Flora dissera que queria se afastar dos avós antes que eles esgotassem todo o dinheiro do fundo. Pra que ter o trabalho de se emancipar se era para cair nas garras de mais adultos que queriam o seu dinheiro, com a mesma avidez? Ela achava que conseguiria manter os Patterson em uma rédea mais curta depois que fosse declarada legalmente adulta?

Havia apenas uma maneira de descobrir: perguntar para a própria Flora, mas Charlie se viu tomada pela inércia assim que parou o carro.

Por que a menina não tinha sido sincera com ela para começo de conversa? Tinha medo de dizer a verdade, ou a estava fazendo de boba?

Através das janelas, assistiu Flora conversar com seu último cliente. Sua aparência era a mesma daquela manhã: uma boa menina, uma adolescente comum. Séria. Honesta. Um pouco frágil, mas também determinada.

O cabelo estava preso em um coque. Ela vestia um avental branco por cima do jeans e da camiseta verde de escoteira. Seu cliente era um velho magro, de rosto vincado e o cabelo lambido para trás: o tipo de cara que tinha muitas histórias chatas para as garotas bonitas. Flora parecia disposta a ouvir. Sorria e assentia, depois assentia e sorria, então cuidadosamente colocou a conta em cima da mesa e saiu andando.

O cara do penteado lhe deu uma palmada na bunda.

Charlie levou um susto.

Flora obviamente já havia lidado com aquele tipo de coisa antes. Ela sorriu, balançando o dedo para o velho sujo, antes de retornar ao trabalho. Ele praticamente babava quando ela se inclinou para tirar os pratos e limpar uma mesa recém-desocupada.

O celular de Charlie tocou. Era o número do escritório de Ben. Provavelmente ele tinha descoberto pela equipe de vigilância que ela havia passado pelo edifício de blocos de concreto.

Ela esperou que o telefone parasse de tocar, sentindo a culpa corroer pouco a pouco a sua consciência.

Quando voltou o olhar ao restaurante, Flora estava dando risada, de boca aberta e olhos fechados. Havia uma segunda garçonete, da idade de Flora, que provavelmente dissera algo engraçado. Essa parecia ser toda a contribuição que a menina tinha a dar ao trabalho. Havia acabado de fazer uma bagunça ao encher os frascos de ketchup, e seu avental tinha tantas manchas vermelhas que ela parecia ter saído diretamente de um assassinato em série. Os cabelos loiros oxigenados e a tatuagem de cobra no antebraço também não a favoreciam em nada.

Charlie balançou a cabeça ao ver a cobra. Antigamente, só motoqueiros e bandidos tinham tatuagens, mas agora eram tão comuns que deixaram de ser a afirmação de algo. A menos que a afirmação fosse: “Olha, sou igual a todo mundo.”

Sentiu um aperto no estômago. Ela estava fazendo aquilo de novo: agindo como uma velha. Ou não como uma velha. Talvez estivesse agindo como uma *mãe*.

Colocou a mão na barriga e pensou em Scarlett O’Hara vendo Rhett ir embora em *E o vento levou*.

Não era tão simples assim deixar que o amanhã fosse simplesmente outro dia.

Tentou eliminar esses pensamentos e voltar a atenção para a cena que se desenrolava dentro do restaurante.

Penteado tinha se levantado da mesa. Flora lhe deu o mesmo sorriso alegre até ele virar as costas para ir embora. O olhar de nojo no rosto de Flora era comum a muitas das mulheres cujos salários dependiam de sua capacidade de flertar com homens por quem não sentiam absolutamente nenhuma atração.

Charlie não podia ficar sentada no carro pelo resto do dia lamentando a situação das mulheres do mundo. Desligou o motor e se dirigiu ao restaurante.

Sentiu uma lufada de ar frio envolver seu corpo ao empurrar a porta de vidro da entrada. O lugar cheirava a batatas fritas, o que lhe deu fome, mas então viu

um frasco de maionese, que fez voltar o enjoo. Tirou o foco da comida e o fixou no cromado reluzente das superfícies. Havia lugares piores para comer. Os bancos revestidos de vinil vermelho eram fundos e convidativos. Os alto-falantes tocavam Beach Boys. O único cliente no restaurante era um homem grande no balcão, exibindo um cofrinho enorme. Charlie supôs pela forma como ele estava vestido que a perua de encanador estacionada em frente era dele.

A jovem garçonete tatuada estava servindo uma xícara de café, então olhou para cima e sorriu para a nova cliente. Seu crachá dizia *Nancy*. Ela indicou com a cabeça uma mesa vazia na frente.

— Já vou atender você.

Charlie observou o restaurante, mas Flora não estava ali.

— Vou usar o banheiro primeiro.

Seguiu pelo corredor na mesma direção em que Flora tinha desaparecido. Havia três portas do lado esquerdo, cada uma marcada com suas respectivas finalidades. RAPAZES. BONECAS. DEPÓSITO. A porta dos fundos estava entreaberta. A luz do sol cortou o piso de ladrilhos pretos e brancos como uma navalha. Charlie sentiu cheiro de fumaça de cigarro. Ouviu uma risada.

— Não, seu idiota — disse Flora, sua voz agora parecendo pertencer a alguém bem mais velha do que antes. — Eu não vou fazer isso. É nojento.

— Por quê? — perguntou uma voz de homem. Era aguda, como a de um macaco-prego. — Você não me ama?

— Se *você me* amasse, nem iria tocar nesse assunto.

Charlie fechou os olhos. Aos quinze anos, ela havia tido conversas semelhantes com garotos.

— Olha — continuou a menina. — Só relaxa por mais alguns dias. Aquela advogada vai falar com os seus pais e depois nós dois estaremos vivendo na mesma casa e vai ser mais fácil.

— Não se a sua vó se meter.

— Eu sei lidar com a minha avó.

Ele deu uma risada curta.

— Se você diz…

— É claro que digo. — Flora fez uma pausa. — Vamos, amor, não seja assim.

Então Charlie ouviu o som inconfundível de lábios e línguas se unindo, o que era assustador, porque bisbilhotar Flora dando uns amassos no namorado era algo que Penteado faria.

Recuou e entrou no banheiro das BONECAS.

O cheiro de água sanitária fez seu nariz arder. Uma das garçonetes, provavelmente Flora, tinha feito um bom trabalho ao limpar o lugar. A pia praticamente brilhava. Até o chão estava limpíssimo.

Charlie piscou quando seus olhos começaram a borrar. A tontura era inconfundível. O estômago revirou outra vez. Ela apoiou a mão na parede. Não ia vomitar os pãezinhos de canela de uma hora atrás, mas só por via das dúvidas entrou em uma cabine. A tampa do vaso já estava levantada depois de ter sido limpa. Charlie ficou ali, olhando seu reflexo na superfície plana da água, esperando.

Ia vomitar?

Sim, ia vomitar.

Ela se abaixou. Seu estômago contraiu. A garganta fez um barulho gorgolejante como os gansos de *foie gras*, mas nada aconteceu.

Esperou alguns segundos para ter certeza e se levantou de novo, dirigindo-se à pia.

O espelho mostrou uma mulher em pânico, às vésperas de ter sua vida completamente mudada.

Para melhor? Para pior?

Sua mão retornou à barriga, não pela náusea, mas porque se perguntava o que havia ali.

Ela poderia ir à farmácia, comprar um daqueles testes. Faria xixi em um palitinho e sua resposta sairia em minutos.

Será que realmente queria saber?

Puxou o cabelo para trás e o prendeu em um rabo de cavalo. Na sua bolsa havia um batom. Enquanto aplicava um pouco de cor nos lábios pálidos, a porta se abriu.

— Tudo bem aí, Srta. Quinn? — perguntou Flora.

— Você vive me encontrando em momentos ruins — disse Charlie, olhando para o reflexo da garota no espelho. — Aquele era Oliver, seu namorado?

A menina se apoiou na parede e também falou para o espelho.

— Eu não diria que ele é meu namorado.

— Seja lá o que for, não faça nada com ele que você não queira fazer.

— Não vou.

Ela parecia muito segura de si.

— Seus avós disseram que falei com eles? — quis saber Charlie.

— Minha vó ligou. Ela está com bastante raiva de você.

— Ela deixou isso bem claro quando a vi. — Charlie não podia fingir que as coisas não tinham mudado desde quando Flora a pegou vomitando em um banheiro público. — Também falei com os Patterson.

Flora se encostou na parede, cruzou os braços e esperou.

— Você sabe que eles querem o seu dinheiro, não sabe?

A garota olhou para o chão. Charlie devolveu o batom à bolsa.

— Não posso ajudar se você não for honesta comigo.

— Eu *fui* honesta — insistiu Flora. — Preciso me afastar do meu avô e da minha avó. Eles vão torrar o dinheiro do meu fundo e…

— Você tem algum tipo de acordo com os Patterson?

Não houve resposta.

— Eu preciso saber a verdade, Flora.

Ela então cedeu, confirmando lentamente com a cabeça.

— Querida, os Patterson não são boa gente. Eles estão dando um golpe em você.

— Não tem como levar um golpe se você sabe o que está acontecendo.

— Isso não é totalmente verdade. — Charlie também cruzou os braços. — O que vai acontecer daqui a um ano quando eles quiserem mais dinheiro?

— Eu não vou dar.

— Eles vão expulsar você. E depois?

— Depois eu vou viver em outro lugar.

— Flora… — Charlie não queria entrar em minúcias, então se manteve no mais simples: — Como advogada, não posso levar alguém ao tribunal para testemunhar se eu sei que a pessoa vai mentir.

Flora pareceu estar em dúvida.

— Como alguém pode provar o que a pessoa sabe e o que ela não sabe?

— Eu vou saber. — Charlie soltou um longo suspiro diante da expressão confusa da garota. — Pode ser difícil de acreditar, mas os advogados seguem um código de ética e responsabilidade. Posso perder minha carteira profissional se violar o código.

A menina não se abalou.

— Você é algum tipo de covarde?

Charlie não ia dar uma resposta infantil a uma criança.

— Me desculpe, mas eu acho que sou.

Os olhos de Flora lampejaram de raiva.

— Seu pai não é covarde.

— Não, mas ele me ensinou uma lição muito dura sobre as consequências de nossas escolhas. — Ela podia ver que a menina ainda não estava entendendo. — Meu pai tomou algumas decisões sobre que tipo de advogado ele seria, e houve muitas ramificações negativas para a família dele. — Não sabia como ser mais clara. — A nossa casa foi incendiada.

Flora pareceu surpresa. Ela havia crescido em Pikeville, então obviamente sabia do tiroteio. O fato de a casa ter sido incendiada apenas uma semana antes costumava ser ofuscado pelo assassinato a sangue-frio.

— Alguém lançou um coquetel Molotov pela janela da frente da nossa casa — explicou Charlie.

— O que é um coquetel Molotov?

— Nesse caso foi uma garrafa de vidro cheia de gasolina com um pano pendurado para fora.

A garota parecia confusa.

— Simplesmente explodiu quando atingiu a casa?

— Não, eles acenderam o pano com fogo antes de lançarem a garrafa pela janela. A garrafa quebrou, a gasolina se espalhou por toda parte, o pano em chamas incendiou a gasolina, e quando os bombeiros apareceram a casa não era nada além de um buraco de carvão fumegante.

— Caramba. — Flora não parecia tão horrorizada quanto Charlie esperava. — Como em *Amor sem fim*.

— Não, nada como em *Amor sem fim.* Mais como o inferno sem fim. — Ela tinha esquecido como era ter aquela idade. Tudo era trágico ou romântico. Charlie acrescentou: — Felizmente, não estávamos em casa. O fogo se espalhou tão depressa que a casa estava arruinada em menos de dez minutos.

Flora apertou os lábios.

— Eu realmente sinto muito que isso tenha acontecido com você, Srta. Quinn. Parece bem duro.

Não tão duro como o que tinha acontecido oito dias depois.

— Flora, eu lamento por você e quero ajudar, mas as decisões que tomo como advogada, a forma como eu defendo os meus clientes e que fronteiras eu escolho ou não escolho cruzar podem ter ramificações de longo alcance. Minha família depende de mim. Especialmente agora. — Charlie olhou para baixo. Sem pensar, ela havia pressionado a palma sobre a barriga. — Há mais coisas acontecendo do que você pode imaginar.

— Eu sinto muito, Srta. Quinn. Existe alguma coisa que eu possa fazer?

Charlie fraquejou ao perceber o desejo persistente da menina em ajudar.

— Obrigada, mas ainda restam opções para você e para mim. Não vou prometer nada, mas, se você estiver disposta a se abrir, tenho certeza de que posso trabalhar com o juiz para conseguir um novo administrador para o seu fundo. Seus avós estão enganando o sistema, e nós podemos acabar com isso. Não vai trazer de volta o dinheiro que foi perdido, mas pode pôr um fim à sangria.

— Mas você teria que explicar ao juiz o motivo. — Ela notou imediatamente o problema na estratégia. — Não posso fazer isso, Srta. Quinn. Eu teria que expor meus avós perante a lei e eles iriam para a prisão e eu seria mandada para um orfanato. É mais vantajoso pagar o Mark e a Jo.

Charlie não tinha tanta certeza se os Patterson iriam abrigar Flora sem o dinheiro.

— Isso não me parece uma boa opção.

— Se eu não viver com eles, para onde eu vou? Para um orfanato? — Ela balançou a cabeça com veemência. — Alguns colegas da escola estão em lares provisórios. Eles aparecem com pancadas na cabeça, piolhos, meio famintos, e às vezes coisa pior. Eu ficaria melhor na minha casa, perdendo todo o meu dinheiro, do que tendo que dormir toda noite com uma faca debaixo do travesseiro. Isso se eu tiver um travesseiro.

Não havia como contra-argumentar. Ficar perdida no sistema de lares provisórios de Pikeville era o mesmo que se enfiar em um buraco negro. As coisas poderiam ficar especialmente ruins para adolescentes como Flora. Havia centenas de meninos e meninas mais velhos, empilhados em condições de vida precárias por todo o condado, pois ninguém estava disposto e nem tinha meios para os acolher.

Ainda assim, ela tentou argumentar.

— Podemos dar um passo de cada vez. Eu posso falar com…

Flora não disse nada, mas duas lágrimas rolaram por seu rosto.

— Não é uma causa perdida — tentou Charlie, mas, se a garota não estivesse disposta a enfrentar os avós por causa das fraudes, não havia muitas alternativas. — São só mais dois anos. Talvez eu possa falar com eles e explicar…

— Não. — As lágrimas agora rolavam livremente. — Tudo bem, Srta. Quinn. Eu aguentei até aqui, posso aguentar por mais dois anos.

Charlie sentiu como se tivesse engolido uma pedra. Como de costume, havia algo que ela não sabia. Estava acostumada a mentirem para ela. Ajudar criminosos não era uma recompensa em si. Mas ela passou todo aquele dia com a sensação distinta de que havia um detalhe importante, ou talvez muitos detalhes, que Flora estava escondendo.

Então perguntou à menina sem meias-palavras:

— Como assim? Você pode aguentar o que por mais dois anos?

Flora enxugou os olhos.

— Não importa.

— Flora. — Charlie se virou para ela e a agarrou pelos ombros estreitos. — Me diga o que está acontecendo.

— Não é nada. — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro com tanta força que as lágrimas voaram de seus olhos.

— Flora…

Ela fungou, olhos ainda fixos no chão.

— Você se lembra, quando tinha a sua mãe, de quando você tinha um dia muito ruim, ou algo de horrível acontecia, ou simplesmente se estava muito triste, e então colocava a cabeça no colo dela e ela acariciava o seu cabelo e tudo melhorava, não importava o quanto fosse ruim?

Charlie não conseguia desfazer o nó na garganta.

— Você sente todos os músculos do seu corpo relaxando, porque sabe que quando coloca a cabeça no colo dela está segura. — Flora limpou o nariz com as costas da mão. — Ninguém consegue fazer isso por você além da sua mãe, sabe?

Charlie só conseguia assentir com a cabeça.

— Às vezes, eu sinto uma falta enorme disso. Mais do que do cheiro dela. Mais do que dela cantando. Só aquele sentimento de estar segura.

— Eu sei. — Charlie também sabia que, se seguisse a garota por aquele caminho triste e solitário, acabaria chorando no chão.

Ela acariciou os cabelos de Flora.

— Querida, me diga o que realmente está acontecendo entre você e seus avós.

— Eu estou bem.

— Você claramente não está bem — disse, e afagou outra mecha do cabelo da menina. A pele de Flora estava quente, e seu rosto estava vermelho e manchado. — Me diga o que está acontecendo. — Charlie esperou, mas Flora não disse nada. Ela então fez a mesma pergunta que havia feito naquela manhã, a mesma pergunta que a tinha incomodado desde então. — Seu avô está machucando você, Flora?

A menina engoliu em seco e desviou o olhar.

— Flora, eu posso te ajudar, mas…

— É a minha avó. — Flora piscou, tentando limpar os olhos. — Não é nada que eu não possa aguentar.

Por um momento, Charlie ficou atordoada demais para falar. Nunca suspeitaria que Maude abusasse da neta.

— O que ela está fazendo com você? — perguntou finalmente.

Flora forçou-se a engolir de novo. Sua relutância era evidente, mas por fim ela cedeu. Tirou a camiseta de dentro da calça e enrolou a barra, então baixou o cós do jeans. Havia um hematoma escuro em seu quadril, mais ou menos no formato de um punho pequeno.

Charlie queria colocar a mão sobre a lesão e, de alguma forma mágica, absorver a dor para dentro de seu próprio corpo. Em vez disso, perguntou:

— Maude fez isso?

A menina arregaçou a manga curta da camiseta. Havia marcas ovais em seu bíceps onde alguém havia cravado os dedos.

— Ah, Flora — sussurrou Charlie.

— Eu só quero fugir — disse em voz baixa, quase imperceptível no banheiro minúsculo. — Não quero ninguém com raiva de mim. Tudo o que quero é me sentir segura.

Charlie pensou em todas as coisas que deveria dizer — que como advogada tinha a obrigação de denunciar o abuso, que elas iriam para a delegacia naquele minuto registrar uma ordem de restrição, que ela moveria céus e terra para tirar Flora daquele prédio horrível de blocos de concreto—, mas cada uma das soluções apresentava um terrível problema subjacente: para onde Flora iria?

Não para a casa dos Patterson. Eles provavelmente bateriam a porta na cara dela.

Não para o sistema de lares provisórios.. Uma pessoa bondosa e ingênua como Flora provavelmente desapareceria no miasma de negligência — ou algo pior.

Ainda mais se outros adolescentes na mesma situação descobrissem sobre o dinheiro no fundo fiduciário.

— Flora…

A porta se abriu, e Nancy enfiou a cabeça para dentro do banheiro.

Flora se endireitou mais que depressa e colocou um sorriso no rosto, fingindo que estava tudo bem, provavelmente da mesma maneira que fingia todos os dias da sua vida quando alguém lhe perguntava sobre seus terríveis avós.

— Que foi?

— Oliver está indo embora, se você quiser se despedir.

Flora começou a sair. Charlie a segurou pelo braço, depois se retraiu ao constatar a dor que ela parecia sentir. Afinal, quantas vezes Flora tinha sido agarrada por Maude? Jogada de um lado para o outro do cômodo? Levado socos no estômago?

— Tudo bem, Srta. Quinn — disse a menina. — Eu vou arranjar uma solução para isso. Cuide da sua família.

— Não — insistiu Charlie. — Eu quero ajudar você. Eu *posso* ajudar você.

Ela fez que sim, mas não parecia convencida.

— Me deixe falar tchau para o Ollie.

— Então volte. Volte logo em seguida e vamos conversar sobre isso, tudo bem?

Flora hesitou, mas assentiu de novo antes de sair.

Charlie engoliu em seco, tentando aliviar o nó na garganta. O hematoma no quadril da menina era horrível, um tipo de soco inesperado que Charlie sentia no próprio corpo. Quem faria isso com uma pessoa gentil e doce como Flora? Quem conseguia bater em uma criança?

Ainda mais outra mulher. Uma mãe. Uma avó.

Ela sentiu nojo.

Iria ajudar essa menina. Iria encontrar um jeito de fazer a coisa certa por ela, pois era o que os adultos tinham que fazer. Era por pessoas como Flora Faulkner que Charlie tinha voltado para Pikeville em vez de usar seu diploma muito caro em Direito para ganhar zilhões de dólares em uma empresa grande de Atlanta ou Nova York. Queria ajudar pessoas comuns, simples, que se encontravam em lugares ruins e que não tinham mais ninguém qualificado ou inteligente por perto, ou mesmo alguém que simplesmente se importasse em tirá-los das encrencas.

Charlie empurrou a porta do banheiro, uma expressão determinada nos lábios, um meio sorriso, pois ela estava fazendo o que sua mãe sempre lhe dissera para fazer: sendo útil.

Pousou a mão espalmada sobre a barriga outra vez. Tinha em mente a imagem de Scarlett O'Hara descendo pela descarga do banheiro.

O dia seguinte não seria apenas outro dia.

No dia seguinte tudo seria diferente, porque dentro de poucas horas Charlie iria à farmácia comprar um teste que transformaria tudo pelo resto de sua vida.

Ela foi arrebatada pela necessidade urgente de falar com o marido. Nunca escondia nada de Ben, pelo menos não as coisas importantes. E aquilo era muito importante, o tipo de momento que os dois recordariam pelo resto da vida. Ela tinha que fazer a coisa certa. Tudo precisava ser perfeito.

Sentou-se no balcão e repassou o plano mais detalhadamente. Primeiro, falaria com Flora para decidir qual seria o próximo passo. A menina estava sofrendo abusos. Providências imediatas precisavam ser tomadas para garantir sua segurança.

Uma vez que a situação de Flora estivesse sob controle, Charlie passaria na farmácia na interestadual 15, a caminho de casa, para comprar o teste e fazer xixi no palito. Veria o sinal positivo, ou a carinha feliz, ou o que fosse. Não armaria uma emboscada para Ben na entrada da garagem. Em vez disso, esperaria até que ele tivesse trocado de roupa, vestido seu moletom e se sentado no sofá. Não, no quarto. Ela o seguiria até o andar de cima quando ele fosse tirar as roupas de trabalho. Ou o esperaria no quarto vestindo alguma coisa escandalosa e sexy, deitada como uma escrava de Orion à espera do Capitão Kirk, e depois lhe mostraria o teste.

Ela fechou os olhos por alguns segundos, e em seguida apagou a imagem da mente, pois nada daquilo poderia acontecer até que ela descobrisse como ajudar Flora.

Não havia possiblidade de deixar a menina voltar para o ambiente de abusos. Não era apenas a obrigação legal de denunciar Maude Faulkner, mas também

dever moral. O que significava que Flora não dormiria no prédio de blocos de concreto naquela noite.

Então, para onde iria?

Charlie e Ben a abrigarem em casa não era uma opção. Mesmo se Charlie quisesse, havia uma linha clara que ela não poderia cruzar como advogada da garota. Talvez houvesse alguém na escola disposto a levá-la para casa enquanto os tribunais resolviam as coisas. Talvez Leroy Faulkner realmente fosse conseguir se reestruturar. Se algum professor ou administrador pudesse cuidar de Flora enquanto o avô passasse pela desintoxicação, então, quando ele saísse do tratamento, poderia se mudar para longe de Maude e cuidar adequadamente da neta.

Charlie respirou fundo para se acalmar. Eis a solução: não pensar a longo prazo. Pensar a curto prazo. Se alguém da escola não se voluntariasse, com certeza os Patterson poderiam ser persuadidos, ou compelidos, ou até mesmo ameaçados, se fosse preciso, a acolher Flora sem o incentivo monetário, caso fosse apenas por alguns meses enquanto Leroy acertasse a vida.

Ela sentiu um sorriso repuxar suas bochechas. Sempre se sentia mais feliz quando havia um plano para pôr em prática. Pensou além da cozinha, imaginando por que Flora estaria demorando tanto. Provavelmente estava retransmitindo para Oliver a conversa do banheiro. Talvez ele, do jeito que era, pudesse ser algum tipo de aliado em garantir que Flora tivesse um lugar para ficar enquanto Leroy estivesse em tratamento. Se os Patterson ainda quisessem dinheiro, Charlie poderia encontrar um jeito de pagá-los. A casa em ruínas não seria aprovada pelas regras estritas de segurança exigidas pelo sistema de assistência social, mas talvez ela conseguisse encontrar um lugar temporário, um garantidor de recursos, antes que um assistente social tivesse tempo de inspecionar a situação de moradia.

Caso não fosse possível, ela mesma poderia conseguir o dinheiro. Certamente haveria uma pedra em algum lugar de onde ainda não tinha tirado leite.

Respirou fundo mais uma vez. Estava inexplicavelmente eufórica. Tudo começava a se encaixar. Precisava ligar para Ben imediatamente. Não para contar o que estava acontecendo dentro de seu corpo, mas para ouvir a voz dele e deixá-lo ouvir a felicidade em sua voz. Uma espécie de prenúncio do que estava por vir. Olhou dentro de sua bolsa, mas o celular estava no carro.

Charlie desceu do balcão. Estava com a mão na porta, pronta para sair, quando viu Dexter Black caminhando pelo estacionamento.

— Inacreditável — murmurou, sua euforia anterior esvaindo-se por entre os dedos. Aquele idiota estava enchendo a paciência o dia todo. Como ele a havia encontrado?

Ela abriu a porta, pronta para enfrentá-lo, mas Dexter continuou andando em direção à lateral do restaurante.

Para que ela não pensasse que ele não a havia notado, ele lhe deu uma piscadela maliciosa.

— Que diab… — Charlie sentiu sua testa enrugar. Olhou para seu carro, depois de novo para Dexter, e, por fim, avistou a perua de encanador no estacionamento, antes de voltar a olhar para o restaurante vazio.

O encanador de cofrinho à mostra não estava mais no balcão, então por que a perua continuava ali? E por que todas as janelas do carro eram pretas? E por que havia uma enorme antena de rádio saindo do para-choque traseiro?

— Merda — murmurou. Maude disse que Oliver já tinha antecedentes. Havia poucas coisas pelas quais garotos de dezenove anos eram apanhados que não envolvessem drogas. O namorado de Flora provavelmente era o idiota que Dexter tinha esperanças de trocar por sua liberdade. Charlie tinha elaborado um plano tão perfeito, tão feliz, e agora tudo estava saindo dos eixos por causa de seu cliente mais irritante. Tudo o que Flora não precisava era ser pega nos rolos de um idiota.

Deu meia-volta. Atravessou o restaurante às pressas, consciente de que policiais provavelmente também estavam de olho nela.

— Moça? — Nancy a chamou, sentada em um banquinho atrás da caixa registradora.

— Você pode chamar a Flora?

— Ela não tem celular.

— Não, ir pelo corredor e chamá-la pela porta dos fundos. Mas não saia.

— Por que não posso sair?

— Porque você não precisa se colocar no meio do que está acontecendo lá fora.

— Oliver está sendo idiota?

— Deus do céu. — Estava perdendo tempo. Ela caminhou pelo corredor. A porta ainda estava aberta e escorada. Dava para ouvir o murmúrio distante de vozes, provavelmente uma transação em andamento entre Dexter Black e Oliver, o namorado nojento.

Flora seria apanhada no meio de tudo aquilo.

Em vez de sair, Charlie abriu a porta do banheiro em uma tentativa de negação plausível. Era uma profissional do Direito. Não podia interferir em uma operação policial. Poderia, no entanto, ficar no corredor e tentar manter a menina longe de problemas.

Ela chamou para a porta dos fundos.

— Flora?

Chamou e esperou, o coração batendo tão forte que doía. Quantas garotas se viam na prisão porque os namorados idiotas tinham dito para elas ficarem com as drogas, pois os tribunais pegariam mais leve com elas? Quantas vezes Charlie tinha ouvido a mesma maldita história de uma mulher que iria enfrentar a próxima década de sua vida atrás das grades?

— Flora? — Ela tentou uma terceira vez — Flora? Pode vir aqui um instante? Preciso da sua ajuda.

Charlie esperou de novo. E esperou.

Ela deu um passo pelo corredor. Outro passo.

Ouviu o barulho de pneus cantando.

Uma garota gritou.

Então a polícia:

— No chão! No chão!

Charlie saiu correndo, o coração saindo pela boca. Deslizou até sair pela porta dos fundos e parou. Os policiais pareciam um enxame de vespas, rifles mirando lasers vermelhos, os uniformes pretos da SWAT e coletes à prova de balas. Pareciam estar caçando Osama bin Laden.

Mais berros. Mais gritos. Mais pneus cantando.

Dexter Black foi jogado sobre o capô da viatura. Oliver Patterson foi atirado contra a parede. Outra pessoa estava já imobilizada no chão, de pernas afastadas, braços e pernas presos por quatro policiais diferentes.

Um dos policiais ficou de pé. Charlie viu um lampejo do verde das escoteiras quando o agente acionou o microfone no ombro e disse aos chefes:

— Temos a suspeita sob custódia.

— Suspeita? — sussurrou Charlie.

Aquela não era uma suspeita.

Aquela era Flora.

CAPÍTULO SEIS

CHARLIE ANDAVA DE UM lado para o outro na sala de inquérito de identificação enquanto esperava Flora ser fichada. No restaurante, ao ver a menina ser forçada a entrar em uma viatura, havia gritado a plenos pulmões para ela manter a boca fechada, mas temia que a instrução houvesse caído em ouvidos moucos. Flora era inteligente, mas tinha quinze anos e era mais prestativa do que deveria. Provavelmente não entenderia que o policial gentil estava tentando manipulá-la.

A única sorte era que Charlie havia testemunhado a ação da equipe da SWAT revistando os bolsos da menina. Eles encontraram o maço de notas das gorjetas, um pacote de chiclete e sua permissão de aprendiz para dirigir. Quando alguém sugeriu que revistassem o restaurante para encontrar a bolsa dela, Charlie sugeriu que mostrassem o mandado de busca e apreensão. E então fingiu não perceber o olhar trocado entre Flora e Nancy quando um dos policiais disse que eles teriam o mandado antes do anoitecer. Charlie era uma advogada. Não podia se permitir ser cúmplice de ocultação ou destruição de provas.

Sem mencionar que talvez ela precisasse responder por assassinato, caso pusesse as mãos em Dexter Black. Ele havia ligado duas vezes naquele dia, uma delas sem a escuta policial. Poderia ter mencionado que iria armar para uns adolescentes.

Não *adolescentes*.

Uma adolescente.

Flora.

Oliver Patterson foi liberado sem acusações. Dexter estava livre para fazer o que bem entendesse até a próxima vez que seu traseiro aterrissasse na prisão. Nancy não foi formalmente interrogada. A operação inteira foi a captura de Flora Faulkner. Por que haviam destacado uma equipe da SWAT para algemar uma menina de quinze anos era algo que Charlie nem podia imaginar. Ela estava surpresa por não terem trazido o Humvee blindado fora de serviço que a força policial ganhou no ano anterior.

A porta se abriu.

Flora vestia um macacão alaranjado de prisioneira, grande demais para seu corpo pequeno. Seus pulsos estavam sem algemas. Ela envolveu o corpo com os

braços magricelos. Os tênis Nike branco e rosa pisavam com incerteza sobre o chão. Os olhos arregalados, as pupilas dilatadas. Ela estava claramente em estado de choque.

O primeiro instinto de Charlie foi o de abraçar a menina, deixá-la colocar sua cabeça no colo, fazer um afago em seus cabelos e dizer que tudo ia ficar bem.

Em vez disso, a guiou para uma das cadeiras. Ajudou Flora a se sentar. Colocou a mão em suas costas, acalmando-a, desejando que ela permanecesse forte. Se no restaurante o cérebro de Charlie estava repicando como uma bola de pingue-pongue, agora estava tão focado que ela praticamente vibrava com a urgência de garantir que Flora saísse inteira daquilo.

— Você está bem? — perguntou à menina.

Flora fez que sim.

— Você falou com algum deles? Respondeu a alguma pergunta?

O lábio dela começou a tremer. Estava mexendo no pingente em seu pescoço, uma cruz minúscula que Charlie não havia notado antes.

— Flora, olhe para mim. — Ela teve que forçar a garota a virar a cabeça. — Você respondeu a alguma pergunta ou falou com alguém?

— Não, senhora.

— Viu um cara de terno barato?

— Acho que sim — disse Flora. — Quer dizer, o terno era feio. Não sei quanto custa.

— Aquele provavelmente é Ken Coin. Ele é o promotor de justiça. Você não disse nada para ele?

— Não, senhora. — Os olhos dela transbordaram de lágrimas. — Eu vou para a cadeia?

— Não se depender de mim. — Charlie manteve um braço protetor sobre os ombros estreitos da menina. Seu coração batia forte no peito. Estava tão preocupada com Flora que parecia estar falando com a própria filha. — Ouça, o homem de terno, Ken Coin, ele é sorrateiro como uma serpente, então tenha muito cuidado perto dele, está bem? Ele vai tentar te enganar, ou vai mentir sobre provas ou tentar dizer que seus amigos falaram coisas ruins a seu respeito, mas não acredite nele. Tudo o que você precisa fazer é ficar sentada em silêncio e deixar que eu fale.

As lágrimas de Flora começaram a cair.

— Estou com medo.

— Eu sei que está, querida. — Charlie esfregou-lhe as costas. Seu peito arfava de indignação e desejo de justiça. Queria escancarar a porta com um chute, acabar com qualquer homem que entrasse no seu caminho e levar Flora para um lugar seguro. — Você vai ficar bem. Vou representar você.

— E quanto às ramificações?

— Agora é diferente — disse Charlie. — Não temos muito tempo antes de a polícia chegar. Sou sua advogada. Estou tornando isso oficial. Tudo o que você me disser é confidencial. Entende?

Flora assentiu, ainda batendo os dentes.

— Há alguma coisa que você precise me dizer?

— Eu não fiz nada.

— Eu sei, querida, mas precisa confiar em mim. Há uma razão pra eles terem pegado você.

As lágrimas de Flora não paravam de cair. O nariz começou a escorrer.

— Não entendo por que estou aqui.

Charlie encontrou lenços na bolsa. Enquanto esperava a menina assoar o nariz, ela notou que as mãos dela estavam limpas. Pelo visto, o sargento havia permitido que Flora limpasse a tinta preta depois de colher as impressões digitais.

— Tem alguma ideia de por que eles podem ter prendido você?

— Não, senhora.

— Oliver está envolvido em algo que não deveria?

— Não que eu saiba. — Ela olhou por cima do ombro de Charlie, pensativa. — Quero dizer, ele saiu para caçar na primavera passada, mas não pegou nada, isso conta?

Charlie balançou a cabeça diante da ingenuidade da menina.

— Ele não está vendendo drogas ou andando com gente errada?

— Não, senhora, não que eu tenha visto. Em geral ele joga videogame, fuma cigarro e bebe cerveja nos fins de semana. — Flora enxugou os olhos e perguntou: — O que vai acontecer comigo agora?

Charlie sentou-se na cadeira. Precisava controlar suas emoções, caso contrário ela seria praticamente inútil quando Ken Coin fizesse sua aparição.

— O promotor vai entrar aqui e fazer perguntas, mas lembre-se, você não deve responder nada, nem mesmo fazer um comentário se eu não mandar, tudo bem? E caso fale seja muito, muito sucinta. Apenas responda à pergunta que ele fizer. Não tente ser prestativa nem explique demais.

— Tenho que responder alguma coisa? — perguntou a garota. — Quero dizer, eu não tenho o direito de ficar calada? Permanecer em silêncio?

— Você tem, com certeza, se essa for a sua escolha, mas você deve seguir sua consciência. O que vai acontecer é que você vai dizer que não quer falar e eles vão embora, e você vai ser levada de volta para a cela.

Flora suspirou.

— E se for do seu jeito?

— Como sua advogada, acho que o melhor é deixar o promotor falar, e nós vamos ouvir, e talvez a gente não dê muitas respostas, mas as perguntas vão nos ajudar a descobrir como você acabou envolvida nessa confusão. — Depois acrescentou: — Não posso prometer nada, mas pode ser que eu consiga persuadi-los a te soltar. Mas você deve saber que, se eu não convencê-los disso, você será levada de volta à cela de qualquer maneira.

Ela assentiu.

— Parece que do seu jeito eu tenho uma chance, pelo menos.

— Não posso prometer nada — precaveu-se Charlie, porque às vezes Ken Coin era mais esperto do que ela queria admitir. — Agora, escute, sua avó falou que Oliver tem ficha criminal. Sei que você disse antes que ele não estava envolvido em nada, mas agora eu realmente preciso saber a verdade. Não vou te criticar, nem dar um sermão ou julgar. Apenas não quero ser surpreendida pelo Sr. Coin quando ele entrar.

Flora apertou os lábios.

— Eu tinha que abrir o restaurante amanhã de manhã. Nancy não pode fazer isso, porque ela tem o curso de verão. — Parou para engolir. — Você disse que eu preciso ter um emprego para provar ao juiz que consigo tomar conta de mim. Não posso ser demitida.

Charlie soltou um suspiro curto. A menina ainda estava preocupada com a emancipação quando deveria estar preocupada com a prisão.

— Há algo que você não me contou?

— Desculpe, Srta. Quinn, mas não posso acusar ninguém. Isso não é certo.

Ela estudou a expressão sincera da garota. Trinta minutos antes, Charlie estava preocupada com o sistema de assistência social de Pikeville. Agora Flora estava prestes a passar uma noite, possivelmente mais de uma, no centro de detenção feminino. Não passaria um dia sem ser irreversivelmente machucada. As outras detentas pulariam nela como chacais.

— Quem você está protegendo? — insistiu Charlie.

Flora não disse nada.

— Não é Oliver, é? — sugeriu a advogada. — Você está protegendo outra pessoa.

A menina desviou o olhar.

— É sua avó? — O Porsche. O dinheiro da cerveja. Maude era a beneficiária mais evidente do dinheiro de Flora. Ela também estava mantendo a garota na linha na base da porrada. — Flora, me escuta. Alguém vai passar esta noite na cadeia. Quer que seja você, ou vai contar ao Sr. Coin o que sua avó está fazendo e talvez dar um jeito para que somente você e seu avô continuem morando no apartamento?

Flora continuava olhando para a mesa.

— Não quero colocar ninguém em…

— Em problemas, eu sei. Mas, se você está levando a culpa no lugar da sua avó, pense onde isso vai acabar.

— Sou menor de idade. — Ela deu de ombros. — Não vou ficar encrencada como ela ficaria.

— Encrencada por qual motivo? — perguntou Charlie. — Hipoteticamente.

Flora lançou um olhar sobre o ombro esquerdo, depois sobre o direito. Ela viu o espelho de duas faces. Então olhou nos olhos de Charlie e moveu os lábios silenciosamente para formar a palavra cristal.

Charlie suprimiu um palavrão. Sabia por meio de Ben que os tiras estavam procurando uma van usada para sintetizar cristais de metanfetamina nos arredores do prédio de blocos de concreto. Maude não parecia a Charlie uma viciada em "tina", mas Leroy tinha todos os sinais. Será que estavam mandando a neta comprar a droga, então Leroy ficava com uma parte e Maude vendia o resto no Shady Ray's, para conseguir dinheiro para comprar cerveja? E Maude espancava Flora sempre que a menina se recusava a fazer as compras? Flora não parecia o tipo que se deleitava com a ideia de infringir a lei.

— Se você for ser enquadrada por um crime que sua avó cometeu — disse Charlie —, quero que saiba que provavelmente vai enfrentar tempos bem difíceis. Não estou falando só de cadeia. Estou falando de prisão para meninas crescidas.

A garganta de Flora fez um barulho quando ela engoliu.

— Mas eu sou só uma menina.

— Tem um monte de adolescentes na prisão para adultos que acharam que iam pegar uma sentença leve por causa da idade e que vão ter cabelos grisalhos quando saírem.

Flora pareceu titubear.

— Eu quero que você pense em uma coisa — disse Charlie. — A forma como a polícia prendeu você, com aquela equipe da SWAT e todos os policiais: meu palpite é que eles queriam te assustar. E você deve ter medo, mas não precisa ser estúpida. É óbvio que estão tentando intimidá-la para fazê-la entregar quem quer que tenha vendido as drogas para você em troca da sua liberdade. Foi por isso que te algemaram pelas costas em vez de na frente do corpo. Foi por isso que te pegaram na frente dos seus amigos, nos fundos do seu local de trabalho.

A menina mordeu o lábio.

— Você pode entregar o nome do motorista da van e fazer tudo isso acabar.

— Srta. Quinn, são pessoas ruins. Eles vão me matar.

Charlie suspeitou que ela diria aquilo.

— Então você pode entregar para eles o nome da pessoa que mandou você comprar as drogas, para começo de conversa. A pessoa que tirou parte pra ela e passou o resto para a frente.

Flora parecia chocada.

— Não posso fazer isso. Entregar gente do meu próprio sangue. Ela me acolheu quando minha mãe morreu. Ela é tudo o que eu tenho, além de Leroy.

Charlie colocou os cabelos da menina atrás da orelha. Partia-lhe o coração vê-la proteger a própria agressora.

— Flora, eu sei que você ama sua avó, e sei que quer fazer a coisa certa, mas você tem que se perguntar se a sua lealdade vale o preço dos próximos cinco ou dez anos da sua vida. — Depois acrescentou: — E, por falar nisso, o que você acha se sua avó te deixar ser presa para poder ficar livre?

— Ela não faria isso — defendeu-a Flora. — Ela me ama muito.

— Ela bate em você.

— Às vezes ela fica brava, só isso. — Depois continuou: — Às vezes eu também bato nela.

— Ela tem medo de você quando você revida? Medo igual ao que você tem dela?

Flora pensou a respeito. A resposta era evidente em seu rosto.

— Ela não faz isso de propósito. Ela fica bem arrependida depois. Chora e fica chateada e para por um tempo.

— Só por um tempo?

— Como eu disse, eu aguentei até agora. Posso aguentar mais dois anos. — Ela fungou. — Só acontece uma ou duas vezes por mês. Vão ser mais 48 vezes, no máximo, antes de eu ir para a faculdade. E a maioria nem é tão ruim assim. Talvez três ou quatro bem ruins, é só nisso que estou pensando e…

— Flora…

— Você sabe como é não ter mãe. — A garota estava chorando abertamente agora. — Você sabe como é não ter ninguém que te ame, que se importe com você mais do que qualquer um no mundo. — Sua voz falhou na parte final. — Ela não é perfeita, mas é isso que minha avó é para mim. Ela é mais mãe do que qualquer outra pessoa que eu tenha na vida. Você não pode tirar isso de mim. De novo não.

Charlie sentiu lágrimas em seus próprios olhos. Quantas vezes ao longo dos anos ela tivera vontade de colocar a cabeça no colo da mãe só mais uma vez e ouvi-la dizer que tudo ia ficar bem?

— Por favor — implorou Flora. — Não posso perdê-la. Você precisa nos tirar disso.

— Flora… — Charlie interrompeu o resto da resposta quando a porta se abriu.

Ken Coin entrou na salinha exibindo arrogância, isto é, tanto quanto um homem do porte de um louva-a-deus em miniatura consegue exibir alguma coisa. Ele bateu uma pasta grossa sobre a mesa. Ajustou as calças folgadas demais. Seu cabelo tingido de preto estava emplastrado para trás. O terno era tão brilhante que a luz fluorescente transformava a padronagem espinha de peixe em um estroboscópio.

Coin tinha começado a vida profissional como sub-xerife, depois se formou em uma faculdade de Direito que ficava em um shopping. Nenhum dos imbecis que votaram nele para assumir o cargo parecia ligar para o fato de que ele conhecia tanto de Direito quanto Flora provavelmente sabia, ou de que estivesse tão à vontade com a força policial que a independência do judiciário, assegurada pela constituição, tinha virado motivo de piada nos tribunais.

— Charlotte. — Coin lhe fez um aceno contido com a cabeça. Ele aguardou a entrada de Roland Hawley, um detetive antigo da força policial.

Roland era um cara alto. Teve que baixar a cabeça para passar pela porta. Não sobrou muito espaço na sala depois que ele a fechou.

Coin sentou-se em frente a Charlie. Ele tamborilava os dedos sobre a pasta como se mistérios inéditos estivessem prestes a ser revelados. Roland pegou a cadeira em frente a Flora. Espalmou as mãos, do tamanho de uma bola de futebol americano, sobre a mesa. Os joelhos provavelmente estavam tocando os de Flora.

Charlie segurou a cadeira da menina e puxou-a quinze centímetros para trás.

Roland sorriu. Já haviam feito esses jogos antes. Ele tirou um pequeno minigravador do bolso.

— Se importa se deixarmos isto às claras?

Charlie fez uma careta.

— Você não deixa sempre?

Roland riu do sarcasmo. Apesar disso, esperou pelo sinal dela antes de ligar o gravador.

— Quer me dizer por que estamos aqui? — perguntou Charlie.

— Ela não contou? — Roland piscou para Flora. — Ora, garota, vamos começar a contar esta história para que eu possa voltar para casa e para a minha esposa.

Flora abriu a boca, mas Charlie pegou a mão dela por baixo da mesa para que ela ficasse quieta.

— Por gentileza — disse Charlie para Coin —, diga ao detetive para não se dirigir diretamente à minha cliente.

Coin suspirou pesadamente. Em vez de instruir Roland, falou:

— Florabama Lee Faulkner, você vai ser indiciada por fabricação e distribuição de metanfetamina, uma substância ilegal, em quantidades superiores a quinhentos gramas.

O queixo de Charlie quase bateu na mesa. A quantidade exigia uma sentença mínima de 25 anos.

— Tráfico de drogas?

— Sim, de fato. — O sorriso no rosto de Coin estava entre satisfeito e convencido.

— Ela tem quinze anos — disse Charlie. — É preciso provar que ela estava conscientemente envolvida em…

— Venda, entrega ou posse — Coin terminou. — Sim, Charlotte, estou ciente da lei.

Charlie engoliu uma observação ácida sobre ele ter comprado o diploma.

— Que provas você tem?

— Deixaremos isso para o tribunal.

— Vão levar isso para o tribunal? — Charlie tinha consciência de que sua voz estava elevada demais. Tentou recuperar o controle de seu tom antes de Coin fazer algum comentário sobre histeria. Então continuou: — Flora não tinha drogas com ela, muito menos meio quilo de metanfetamina. Eu vi quando a revistaram.

— Não estava nos bolsos dela — disse Coin. — Encontramos as drogas no porta-malas do carro.

— Ela ainda usa uma permissão de aprendiz para dirigir. Legalmente, não pode ser dona de um carro.

Coin mexeu em sua papelada.

— Um Porsche Boxter 2004, azul safira. Porta-malas pequeno, mas foi onde encontramos. — Ele deslizou o documento sobre a mesa. — O carro está em nome do Fundo Fiduciário de Florabama Faulkner.

Charlie não podia acreditar que ele realmente fosse tão ignorante. Até mesmo Direito por correspondência cobria o básico sobre aquele assunto.

— São os avós dela que controlam o dinheiro. Ela não pode acessá-lo até ser maior de idade.

— De acordo com o depoimento do vendedor da concessionária — explicou o promotor —, Flora escolheu todos os atributos do carro. Ela não conseguia decidir entre o Boxter e o 911.

— Se fosse eu, teria escolhido o 911 — disse Roland.

A boca de Flora se abriu para responder.

— Não — alertou Charlie. — Deixe-me responder às perguntas.

— É assim que você quer jogar? — perguntou Roland para Flora. — Deixar a advogada falar tudo? Pensei que fosse mais corajosa do que isso.

A boca de Flora se abriu de novo.

Charlie estendeu o braço, como se precisasse bloquear fisicamente todas as respostas.

— Flora não é traficante. — disse para Coin. — Ela é uma estudante com honras. É escoteira, pelo amor de Deus. Trabalha em um restaurante em troca de gorjetas, não coordenando uma operação de metanfetamina.

— Conte a ela que você sabe fazer as duas coisas, Flora — sugeriu Roland.

Ela olhou para Charlie, desesperada.

— Você não tinha dito que eles queriam um nome?

— Nós temos um nome — disse o detetive. — Florabama Faulkner.

Charlie balançou a cabeça. Aquilo tinha que ser um dos lendários e estúpidos jogos de poder de Ken Coin.

— Você sabe que a palavra de um vendedor de carros não importa. Flora não pode movimentar esse dinheiro.

— Ela manipulou o vovozinho para movimentar o dinheiro por ela. — Coin fez um estranho gesto de aranha com a mão. — Como uma marionete.

— Isso é maluquice, Ken. Até para você.

— Acha que é maluquice? — Ele puxou uma pilha de fotografias do arquivo e começou a jogá-las na mesa. — Flora dirigindo o Porsche para o trabalho. Flora no Porsche à beira do lago. Flora passando no drive-thru do McDonald’s na interestadual 15. É evidente que o automóvel pertence a ela.

Charlie verificou as fotos e viu na hora a falha no raciocínio de Coin.

— De acordo com as restrições da habilitação de aprendiz, ela tem um adulto com ela em todas as fotos. Este é Leroy Faulkner, o avô, no banco do passageiro.

— Ela o obrigou a ir com ela. Olhe para isto. — Coin lançou outra fotografia. Flora ainda estava atrás do volante, mas Leroy passava algo pela janela para um homem de óculos escuros. Charlie imediatamente reconheceu o cliente: Dexter Black.

Então por que Dexter tinha entregado Flora em vez de Leroy?

Nada daquilo fazia sentido.

— Temos gravações detalhadas em áudio e vídeo da compra da droga — prosseguiu Coin. — Esse camarada aqui comprou vinte gramas de metanfetamina.

— De Leroy Faulkner, não da neta dele.

— Flora estava conduzindo o negócio atrás do volante do carro.

— Você tem isso no áudio?

Coin não respondeu, o que significava que ele estava confiando no testemunho de Dexter, o que significava que o caso estava fundamentado em um castelo de cartas.

— Onde está a van, querida? — Roland perguntou para Flora.

A menina mordeu o lábio inferior.

Ele se dirigiu a Charlie:

— Ela colocou o namorado para dirigir pela cidade, fabricando metanfetamina nos fundos de uma van de carga. Estava estacionada a vinte metros da escola hoje de tarde. Vendendo essa merda como se fosse o cara do sorvete.

— Então, por que você não enviou a equipe da SWAT atrás da van? — perguntou Charlie. — Ou precisava de todos os seus homens para derrubar uma adolescente de 45 quilos?

— Ela é mais forte do que parece. — Roland deu outra piscadela para Flora. — Não é, docinho?

— Você ainda não respondeu à pergunta — insistiu Charlie. — Por que não cercou a van?

— Nós a vimos na câmera de segurança após o fato — admitiu Coin.

Roland se inclinou sobre a mesa. Ele falou para Flora:

— Não pense que não vamos encontrar aquela van uma hora ou outra, menina. E aposto que está cheia das suas impressões digitais.

— Parece mais que vai ter as impressões do Oliver. — Charlie cruzou os braços, transmitindo a mensagem de que já estava farta daquela encenação. — O que você quer, Ken?

— Queremos prender essa criminosa muito perigosa. Os avós são verdadeiros prisioneiros dentro da própria casa.

— Isso é ridículo. — Charlie tentou decifrar Coin. Ele não estava falando como um homem que queria fazer um acordo. — Se tem alguém aqui puxando as cordinhas é Maude Faulkner.

Flora inspirou de repente. Charlie estendeu a mão para acalmá-la.

Foi a vez de Coin cruzar os braços sobre o peito e se recostar na cadeira.

— Eu não faço joguinhos, Charlotte. Você deveria me conhecer melhor do que isso.

O desgraçado tinha mais truques do que uma prostituta de Las Vegas.

— Você está achando que Leroy e Maude não vão deixar a neta ir para a cadeia, que simplesmente vão se manifestar e confessar…

— Eles não vão. — A voz de Flora falhou, aterrorizada. — Eu sei que eles não vão me ajudar. — As lágrimas corriam tão rápido que se acumulavam no colarinho do macacão. — O que eu vou fazer?

— Fica quieta, querida. Deixe que eu cuido disso. — Charlie segurou a mão trêmula da menina e disse a Coin: — Escute, os avós dela andam secando o dinheiro da Flora há anos.

Flora endureceu ao lado dela.

— Me desculpe — disse Charlie à menina. — Isso é sério. Sua avó…

— Não é a executora — interrompeu Roland. — O avô dela, Leroy Benjamin Faulkner, é o executor do fundo fiduciário. Ele toma todas as decisões financeiras. Ou pelo menos ele repassa as decisões que Flora faz em troca de uma pequena amostra do ótimo produto que ela vende.

— Para que fique claro — disse Coin —, ela está controlando o avô, Leroy Faulkner, um homem que ficou aleijado depois de um acidente horrível, que costumava ser um homem trabalhador, um bom homem, até que ela, Florabama Faulkner, fez o próprio avô se viciar em metanfetamina, a mesma metanfetamina que ela faz o namorado vender na van.

— Sim, Ken, obrigada, isso já estava claro. — Charlie tentou argumentar. Eles obviamente tinham cometido um erro. — Estou trabalhando com Flora na emancipação legal dela. Ela está tentando fugir disso.

— De quê? Da boa vida? — questionou Coin. — Você parece aquelas mães que dizem: “Meu bebezinho se apaixonou por um mau elemento.” Escute, querida, essa menina aqui, ela é a líder dos maus elementos. É dela que todos têm medo.

Charlie não disse nada. Sua cabeça estava girando com todas as teorias conspiratórias absurdas.

— Por que você quer ser emancipada? — Roland perguntou a Flora. — Você é dona daquele prédio de apartamentos. Pode expulsar todo mundo e ter o lugar todo para você.

— O fundo é dono dos apartamentos — palpitou Charlie, mas estava se perguntando por que diabos Leroy compraria o complexo todo. Se ele queria droga, havia maneiras mais fáceis de conseguir. Ela acrescentou para Roland: — Você mesmo falou: Leroy controla o fundo. Flora não tem nenhum poder de decisão.

— Você conheceu Leroy? — perguntou o homem. — Ele por acaso lhe parece um mago das finanças?

Maude, pensou Charlie. A avó de Flora poderia estar puxando as cordinhas financeiras. Ela é que estava dirigindo o Porsche no mês anterior. Era ela quem montava acampamento no Shady Ray’s toda noite. Era ela quem estava espancando Flora.

Por outro lado, Oliver estava dirigindo o Porsche naquela mesma tarde.

E havia todas as fotografias de Flora conduzindo o carro.

E sobre a van de carga?

— Por que você acha que o tribunal não permitiu que Maude supervisionasse o fundo? — perguntou Coin. — Ela foi à falência seis vezes antes de a filha morrer. Passou um tempo na prisão por desviar dinheiro do Burger King onde trabalhava.

Roland deu uma risada.

— Aquela puta velha não vale o papel higiênico que você usaria para limpá-la do seu sapato.

Charlie abriu a boca para responder, mas fechou em seguida, porque tudo o que eles estavam dizendo *soava* como mentira, mas não *cheirava* como se fosse.

E Deus sabia que Charlie tinha sentido cheiro de muita mentira.

Roland pareceu notar uma abertura. Falou para Charlie:

— A pequena Flora aqui, ela é muito boa em conseguir exatamente o que quer.

Debaixo da mesa, Charlie sentiu a mão de Flora apertar mais forte a sua. Ela olhou para a menina, viu as lágrimas brilhando em seus olhos, os lábios tremendo, e ficou se perguntando com quem exatamente estava lidando.

— Assim, o que você está fazendo aqui, doutorazinha? — continuou Roland. — Como é que uma advogada metidinha como você calha de estar no restaurante, no lugar certo e na hora certa, e agora está aqui assumindo esse caso com unhas e dentes para uma menina que mal conhece. Provavelmente de graça. Estou certo?

Charlie não tinha uma resposta para ele, mas seu instinto lhe dizia que algo estava muito errado ali.

— O fundo é dono da van branca de carga. O mesmo tipo de van que foi vista do lado de fora da escola vendendo cristal. — Roland sorriu para Flora. — Só que comunicaram à polícia que a van tinha sido roubada nesta tarde, dez minutos depois de o oficial encarregado da escola atravessar a rua para confrontar o motorista. Não é uma coincidência engraçada, Srta. Flora?

Flora o encarou de volta.

— *Você* comunicou à polícia o roubo da van — disse ele.

— Ela não fez isso — tentou Charlie, mas então Roland deslizou um papel sobre a mesa. Charlie tinha visto tantos boletins de ocorrência em seu tempo que provavelmente poderia fazer uma pilha própria. Foi direto para o que importava. Às 15h15, Florabama Faulkner havia feito um boletim de ocorrência relatando que uma van branca havia sido roubada do estacionamento do prédio onde ela mora, na manhã do mesmo dia.

A mesma van que alguém usava para fabricar metanfetamina. A mesma van em nome do Fundo Fiduciário de Florabama Faulkner. A mesma van que estava

vendendo metanfetamina para crianças na porta da escola.

O que era necessário para gerenciar esse tipo de operação? Para iludir a polícia consistentemente? Fidelização de clientes. Planejamento de negócios. Marketing. Educação financeira. Melhor vendedora.

Era o sonho de Juliette Gordon Low, a fundadora do movimento escotista feminino. Cada habilidade que Flora tinha aprendido com as escoteiras encontrou uma aplicação no mundo real.

Charlie sentiu como se seu coração estivesse despencando do peito.

Ela estava começando a acreditar em parte da história de Roland e Coin.

E, se uma parte daquilo era verdade, o que dizer da outra?

Ela olhou para a garota. Flora piscou, no melhor estilo Bambi. Tinha encolhido os ombros. Estava tentando se fazer parecer menor, mais delicada, necessitando ser salva por qualquer um em que colocasse os olhos.

Uma sequência de palavrões encheu a cabeça de Charlie. Precisava dar o fora dali. A sala de repente era muito pequena. Ela estava suando novamente.

— Sua advogada chique *pro bono* sabe sobre suas negociações imobiliárias? — Roland perguntou para Flora.

Charlie se esforçou para manter a expressão neutra. Não podia ir embora. Ainda era a advogada de Flora, e se levantar e gritar *Que porra de negociações imobiliárias?* provavelmente a levaria para o conselho de ética.

— Qualquer compra de imóveis que Leroy tenha feito em nome do fundo tinha que estar de acordo com as diretrizes legais iniciais do fundo fiduciário. — disse para Coin.

Roland gargalhou.

— Eles todos saíram da bela casa na beira do lago para viver naquela espelunca porque Leroy Faulkner entende das flutuações do mercado imobiliário?

— Você acha que Flora entende? — Charlie estava se apegando a coisas sem fundamento. — Por que uma merda daquelas valeria mais do que uma casa no lago? São doze apartamentos no total. Eles não podem render mais do que trezentos dólares por mês cada um. Você acha que trocar por uma renda menor do que quatro mil, sem contar manutenção, sem contar seja lá que hipoteca eles estejam carregando…

— Ela deixou Patterson ilhado — explicou Coin. — Mark está com todo o dinheiro amarrado em 250 metros quadrados de terreno baldio, fez um supermercado e todos aqueles restaurantes se interessarem em construir, mas ele não tem acesso à rodovia sem o lote dela.

— Não é o prédio — disse Roland. — É o acesso direto que faz aquele terreno valioso.

Charlie se esforçou para não deixar o queixo cair de espanto. Ela havia crescido em Pikeville, visto o afluxo de construtores da cidade, até mesmo ouvira a ladainha de Jo Patterson sobre Olive Garden e Red Lobster, mas nunca lhe ocorrera que o Ponderosa valesse alguma coisa.

— A ética ali convenceu a velha Sra. Piper a vender a terra dela sem passar por um corretor — continuou Coin.

Charlie revirou os olhos, mas podia sentir as últimas migalhas de descrença se esvaindo.

— Ludibriou a viúva para convencê-la a se desfazer de um acesso à rodovia no valor de 2 milhões de dólares. — afirmou Roland. — Conte para ela o que você pagou, menina Flora.

Flora não respondeu, mas ameaçou um sorriso com os cantos da boca.

— Ela dedilhou as cordinhas do coração da velha — Coin falou para Clarlie —, disse que tinha a obrigação moral de manter aquele tipo de terra numa família de Pikeville, impedir as incorporadoras de mandar na cidade.

Roland retomou a palavra.

— E então a Srta. Escoteira foi e usou de chantagem com um dos incorporadores mais gananciosos. — Ele perguntou para Flora: — Você pagou a viúva em moedas de chocolate ou em pão de mel?

Flora deu uma risadinha com a piada.

Charlie queria sacudi-la como uma Polaroid.

O cheiro da mentira agora impregnava suas narinas.

— Flora conhecia a Sra. Piper de sua rota de venda de biscoitos — continuou Roland. — Convenceu a viúva a vender terra por menos de meio milhão de dólares.

— Trezentos e setenta e cinco mil dólares, para ser exato. — Coin deslizou uma pilha de páginas sobre a mesa. A escritura do Ponderosa estava por cima. Ele perguntou para Flora: — Eles dão insígnias por enganar velhinhas?

— Algo com uma menina arrancando o andador de uma velhinha no meio da rua, por exemplo — sugeriu Roland.

— Você vai responder ou só ficar aí sentada como se o gato tivesse comido sua língua? — perguntou Coin.

Flora ergueu a sobrancelha. Lentamente, virou a cabeça em direção a Charlie, aquela conhecida expressão angelical no rosto, como se esperasse que a advogada metidinha e idiota fosse usar a lábia para tirá-la daquela confusão.

— Jesus — foi a única palavra que Charlie conseguiu pronunciar.

Houve um lampejo dos dentes brancos de Flora antes que ela conseguisse controlar o sorriso.

— O que foi isso, Charlotte? — questionou Coin. — Precisa de um momento para falar com Jesus?

Roland deu uma risada pelo nariz.

— Parece mais que ela acabou de ter um encontro interno com Jesus.

Charlie sentiu calor e frio ao mesmo tempo. Ela tentou engolir, mas acabou tossindo. Sua garganta estava seca. Havia um estranho zumbido em seus ouvidos.

— Charlotte? — disse Coin, fingindo preocupação.

— Eu preciso… Eu tenho que olhar… — Charlie ergueu um dedo, pedindo um momento. Ela fingiu ler os documentos de compra e venda do Ponderosa. O número continuava rondando sua linha de visão: trezentos e setenta e cinco mil dólares, mais ou menos o que ela e Ben deviam de empréstimo estudantil. Investidos em um pedacinho de nada de terreno, em uma faixa deserta da rodovia que um dia poderia se tornar uma via de passagem importante pela qual transitaria metade do condado.

Charlie chegou à última página. Ela estudou a assinatura trêmula de Leroy Faulkner.

Então finalmente aceitou os fatos que Ken e Roland tinham colocado diante dela: Leroy controlava o dinheiro, mas também era um viciado. Flora fornecia a droga na qual Leroy era viciado. Não era necessário ser um economista renomado para compreender como operava a oferta e a demanda. Leroy fazia o que Flora demandasse, contanto que ela lhe ofertasse a droga. O que significava que Charlie tinha passado a maior parte do seu dia perseguindo o próprio rabo em prol de uma psicopata em miniatura.

Ainda assim, tinha obrigação de defender a pequena cretina.

Precisou limpar a garganta antes de falar.

— De acordo com a sua própria papelada, a viúva Piper vendeu a terra para o fundo fiduciário, não para Flora Faulkner.

Coin sorriu.

— É assim que você quer jogar?

— Não é um jogo, e eu não estou jogando — respondeu a advogada, porque ele sabia tão bem quanto ela que Charlie não poderia simplesmente se levantar e largar Flora para trás. Agora que estavam ali, ela tinha uma obrigação profissional de ficar pelo menos até o final da oitiva. — Você não tem provas de que a minha cliente teve alguma coisa a ver com essa transação nem com nada mais. Flora é menor de idade. Legalmente, ela não pode celebrar nenhum contrato, imobiliário ou de qualquer natureza. O nome dela não está em nenhum destes documentos. — Ela jogou os papéis de volta à pilha. — Leroy Faulkner assinou tudo. As únicas outras assinaturas são a do tabelião, a do diretor de

relacionamento com fundos fiduciários do banco e da Sra. Edna Piper. Não vejo o nome de Flora em lugar nenhum.

— Aqui. — Coin cravou o dedo no topo da primeira página, onde se lia COMPRADOR: FUNDO FIDUCIÁRIO DE FLORABAMA FAULKNER.

Charlie respondeu o sorriso convencido dele com outro semelhante.

— Por acaso preciso explicar a diferença entre uma entidade financeira fundamentada em direito jurisprudencial e uma menor de idade?

A expressão do promotor permaneceu inalterada.

— Eu preciso explicar sobre conluio para cometer fraude?

— Creio que você quer dizer conspiração civil, o que você conheceria se tivesse cursado Direito em uma faculdade que não ficasse localizada entre uma casa de massagem e um restaurante de comida chinesa.

Coin se levantou, punhos cerrados, e saiu porta afora.

Charlie sabia que ele estava andando de um lado para o outro no corredor. Ela já o vira fazer isso antes. Coin tinha pavio curto, mas as explosões tendiam a ser do tipo prematuro.

Roland ignorou o chilique e perguntou para Flora:

— Você viu um mapa ou um desenho na mesa do Mark? Foi assim que você chegou a essa conclusão?

— Não. — Flora sabia que tinha perdido Charlie, então não havia sentido em continuar fingindo. — *Se* eu fiz o que você está dizendo, o que eu não fiz, eu responderia que tenho dois olhos na cara. Qualquer um pode ver que aquela terra precisa de uma rota de passagem.

Roland tinha a expressão satisfeita de um homem que entendia que criminosos adoravam se vangloriar de suas más ações.

— Como você descobriu quem é o dono da propriedade?

— Está tudo no tribunal. Qualquer um poderia ter descoberto. *Se* a pessoa desejasse, quero dizer. Não que eu desejasse. Mas *se*.

— E você reconheceu o nome da velha viúva?

— A Sra. Piper? — Flora deu de ombros. — Eu poderia vender a lua para ela *se* eu quisesse.

— E? — Roland deu-lhe um segundo antes de insistir: — Continue, pequena. Conte como você fez. Quero dizer, *se* você fez.

— Não — disse Charlie, porque a menina parecia pensar que seus *se* eram algum tipo de criptonita legal. — Flora, meu conselho como sua advogada é calar a boca.

Flora a interrompeu com um olhar brilhante como o de uma serpente.

Charlie suprimiu um tremor que poderia tê-la derrubado da cadeira.

— Charlotte, vamos resolver isso juntos. — Coin parou na porta. Tinha uma das mãos enfiada no cós da calça social brilhante. Sua raiva havia sido amortecida pela crença idiota de que Charlie poderia ser persuadida a jogar sua cliente para os lobos. — Você precisa convencer sua cliente a fazer um acordo ou ela vai estar acabada demais para qualquer coisa quando respirar ar puro novamente.

Charlie não disse nada.

Coin tentou outra rota, e começou a falar com Roland:

— Tenho que admitir, a menina tem faro para imóveis.

Roland assentiu.

— Que pena ela não saber que Mark Patterson estava falido. Ele não tem como pagar o valor de mercado pelo acesso à rodovia, e ninguém quer os apartamentos sem as terras de Mark atreladas ao negócio.

Flora não conseguiu reprimir o sorriso.

— Ainda bem que tenho o dinheiro para comprar o terreno de Mark quando ele entrar em execução hipotecária.

— Flora — tentou Charlie, literalmente o menor esforço que ela poderia fazer. — Você precisa parar de falar.

— Eu vou, Srta. Charlie, mas você pode ver que eles não têm nada contra mim. — Flora cruzou os braços. Ela falou para Coin: — Você ouviu a minha advogada. Falei tudo o que eu tinha para falar.

— Bom, porque estou cansado de pisar em ovos com você. — Ele se inclinou sobre a mesa e disse a ela: — Te pegamos com a mão na massa do tráfico, menina. Abra o jogo e talvez a gente possa livrar um pouco de tempo na sua sentença.

— Conheço os meus direitos — retrucou Flora. — Tem que formalizar a denúncia contra mim ou me soltar.

Charlie sentiu sua cabeça girar tão forte que o pescoço estalou.

— O que você disse? — Flora começou a falar, mas Charlie ergueu a mão para detê-la. — Você não está algemada. Eles colheram suas impressões digitais? — A menina balançou a cabeça, negando. — Eles tiraram sua fotografia? — Balançou outra vez. — Te deram voz de prisão alguma vez? Leram seus direitos?

Roland suspirou. Ele desligou o gravador.

— Flora? — questionou Charlie.

— Não. Nada disso.

Ela lhe perguntou:

— Por que você vestiu roupa de presa?

— Eles me disseram para vestir porque a minha roupa estava suja de quando eu deitei no chão.

— Mas te deixaram ficar de tênis e colar. — Charlie lançou um olhar furioso para Ken Coin. — Seu maldito.

Coin deu de ombros.

Ela se lembrou da primeira frase completa que tinha saído da boca dele.

— *Você vai ser indiciada…*

Ele não disse que já estava formalizando a denúncia de Flora. Charlie havia ficado tão atordoada pela possível sentença que não tinha notado, mas agora entendia que o promotor a havia manipulado quase tão bem quanto Flora.

— Você foi parte disso — falou para Roland. — Não pense que vou esquecer.

O policial suspirou novamente.

— Detesto homens que suspiram em vez de me mandar para o inferno. — Virou-se para Flora: — Levante-se. — Como Flora não se levantou, Charlie a puxou. Praticamente arrastou a menina para a porta, falando para Coin: — Isto é um golpe imundo, até mesmo para você.

— Ela não vai continuar livre por muito tempo — disse Coin. — É só uma questão de tempo até ela dar algum mole.

— Inacreditável — murmurou Charlie. Continuou puxando Flora pelo corredor. Então socou a campainha para o sargento no balcão abrir a porta do saguão de entrada.

— Não entendo — disse Flora. — O que aconteceu?

— Você nunca esteve presa. Não há a menor possibilidade de um juiz aceitar essas provas frágeis, então eles pegaram você e usaram vinte homens para escoltá-la para a delegacia. Esperavam que você ficasse com tanto medo que confessasse.

— Confessar o quê? — Flora usou seu olhar inocente de bebê abandonado na floresta. — Srta. Quinn, eu não fiz nada.

Charlie deu um murro na campainha novamente.

— Cala a sua boca mentirosa.

A porta apitou de volta antes de se abrir lentamente.

Maude Faulkner estava na sala de espera. Ela saltou de uma das cadeiras de plástico.

— Que porra está acontecendo?

Charlie abriu com força a porta da rua. Estava farta de falar com qualquer pessoa conectada àquela gente vil. Uma coisa era um cliente mentir. Isso acontecia todos os dias, quase todas as horas. Flora Faulkner não havia apenas mentido: ela havia manipulado Charlie. Brincado com a memória de sua mãe falecida, uma ferida ainda tão aberta que ela sentia lágrimas nos olhos sempre

que se lembrava do último dia juntas, do dia em que sua mãe foi levada. Ela estava sentada a centímetros da espingarda. Se pensasse sobre aquilo o bastante, poderia sentir o jorro quente de sangue provocado pelo chumbo grosso que rasgou sua mãe em duas.

E Flora tinha usado essa tragédia não como uma alavanca, mas como uma arma bruta. Um porrete. Um taco de beisebol. Um coquetel Molotov lançado diretamente no coração de Charlie.

Avistou seu Subaru parado no fundo do estacionamento. Suas mãos tremiam enquanto ela procurava as chaves. O frio e o calor estavam de volta, o zumbido nos ouvidos. Ela não se importava com os *porquês* de nada. Só queria se libertar daquela situação horrorosa. Havia perdido tempo suficiente naquela palhaçada maluca. Tinha coisas mais importantes com que se preocupar, como sua vida inteira, que estava prestes a mudar, e precisava passar na farmácia para comprar o teste e depois contar para o marido, que poderia não ficar tão feliz com a notícia como ela estava.

Ela parou a um metro e meio do estacionamento.

Seu desejo ardente de ir embora explodiu com a visão do Porsche Boxter azul safira estacionado em uma das vagas para deficientes.

O carro devia ter custado pelo menos cinquenta mil dólares, mais ou menos a metade do empréstimo estudantil de Charlie. Interior preto. Teto azul-marinho. Reluzindo sob a iluminação do estacionamento. A rua já estava iluminada porque já estava escuro do lado de fora e, em vez de estar em casa com Ben, contando a ele o quanto a vida iria se tornar enormemente maravilhosa dali a nove meses, ela estava na porta de uma delegacia, enfrentando a vontade avassaladora de estrangular um monstrinho de quinze anos.

Ela se virou.

Flora estava bem atrás dela.

Maude tinha juízo suficiente para manter distância.

— Belo carro — disse Charlie.

— É, não é? — Flora desferia o sorriso deslumbrante de um boneco assassino. — Posso abrir a boca agora?

— Há uma coisa que você queira dizer?

— É sigiloso, né? Estritamente entre nós duas?

Charlie cruzou os braços.

— Claro.

— Primeiro — disse Flora —, obrigada por me tirar de lá.

— Boa sorte em continuar fora, sua criança estúpida. — Charlie viu o lampejo familiar de raiva nos olhos da menina. — Você ouviu o homem lá dentro. Eles

vão atrás de você, Flora. Você vai ter quarenta anos quando sair da prisão. Sua vida vai acabar.

— Merda, espere até você ter cinquenta! — grunhiu Maude.

— Não é uma piada — disse Charlie. — Flora está em sérios apuros. Eles encontraram mais de meio quilo de metanfetamina no porta-malas do Porsche.

Maude franziu os lábios.

— Bastante coisa.

Charlie queria bater na mulher.

— O promotor de justiça e a polícia não vão largar esse caso. Eles vão atrás dela por tráfico. — Ela apontou o dedo na cara de Flora. — E você não é inteligente o bastante para se livrar dessa confusão.

— Ainda bem que tenho uma advogada que pode ser inteligente por mim.

— Não esta advogada — retrucou Charlie. — Eu parei com você.

— Srta. Quinn, você não pode me abandonar. — Ela usou o tom cadenciado que funcionara como mágica algumas horas antes. — Eu preciso de sua ajuda.

— Ajuda com o quê? — Charlie se lembrou da forma como Flora tinha cruzado os braços na sala de interrogatório. Os dedos da menina tinham se encaixado sobre três pontos de hematomas no bíceps quase exatamente. — Você fez essas coisas sozinha, não foi? Os hematomas no seu braço?

Flora olhou para o bíceps. Ela respondeu à pergunta pressionando os dedos profundamente nos hematomas. Encaixavam perfeitamente.

— Pensei que precisaria de uma ajuda visual para tirar você de cima do muro. Às vezes as histórias tristes de “perdi a mamãe” só fazem metade do trabalho.

Charlie pensou no que a menina dissera sobre colocar a cabeça no colo da mãe e sentiu gosto da bile no fundo da boca.

— Como conseguiu o roxo no quadril?

Flora não disse nada, mas Maude se manifestou:

— Ela bateu o quadril em uma das mesas do restaurante. O que ela te contou?

— Disse que você estava abusando dela.

Maude recuou.

— Eu nunca trepei com uma menina na minha vida.

Charlie se perguntava o que pensar de uma mulher mais preocupada em ser chamada de homossexual do que de pedófila.

— Ela me disse que você estava batendo nela. Culpou você pelos machucados.

— Florabama Faulkner. — Maude colocou as mãos nos quadris. — Porque você diria isso a ela?

Flora deu de ombros.

— As pessoas lutam mais quando acham que a gente é indefesa.

— Eu teria lutado por você! — gritou Charlie. — Se você tivesse sido honesta sobre o seu problema, eu ainda assim teria ajudado.

— Não como você fez — explicou Flora. — Você tentaria descolar um acordo, não me ajudar a sair. Você tem o seu código. Como disse, não vai querer sofrer as ramificações de ser uma advogada suja como o seu pai.

Charlie deixou o insulto ao pai passar.

— Foi por isso que você me contou sobre a morte da sua mãe? Para me manipular? Você sabe que minha mãe foi assassinada. O que aconteceu com a minha irmã. Eram pessoas reais. Significam algo para mim. E tudo que você enxergou nessa tragédia foi um jeito de me usar. A minha vida é só uma brincadeira para você?

Flora olhou para baixo. Esfregou o tênis na calçada de concreto.

— Eu sinto muito, Srta. Quinn. Eu sei que deveria ter sido honesta. Eu prometo que não…

— Você também estava manipulando os Patterson, não estava? Enganando Mark o tempo todo, deixando-o pensar que você lhe venderia o terreno quando ele te deixasse ir morar na casa?

— Ele não ia segurar a terra dele por muito tempo. E eu tenho trabalhado com o banco para conseguir aquela casa. Pensei que poderia cobrar aluguel deles se chegasse a isso. — Ela deu de ombros. — Pode pensar que sou uma má pessoa, mas não estou no ramo de expulsar as pessoas das suas casas.

Charlie não estava interessada em negociações imobiliárias ou acordos de aluguel. Ela queria que Flora dissesse o verdadeiro motivo de tê-la arrastado para aquela confusão.

— Seu avô disse que iria para a reabilitação. Ele é o executor do fundo. Se ele ficar sóbrio, você não vai mais poder suborná-lo com metanfetamina.

— Filho da mãe — sibilou Maude. — Aquele desgraçado saiu para a clínica há uma hora.

— Isso não importa, vovó — disse Flora. — A questão com o meu avô é que ele sempre está querendo alguma coisa. — Ela lançou um olhar afiado para Charlie. — Todo mundo tem um preço. Pode ser metanfetamina ou biscoitos, ou um acesso aprovado pelo estado a uma rodovia, tudo o que você precisa fazer é balançar na frente deles e eles vão pular tão alto quanto você mandar.

Charlie sentiu a alfinetada implícita. Seu preço tinha sido exatamente zero.

— Eu tentei fazer do jeito fácil — continuou Flora. — Estava sendo honesta quando falei que não queria colocar meus avós em encrenca. Preciso do dinheiro agora. Não daqui a dois anos. Não enquanto eu estiver esperando meu avô ter uma recaída. Esta cidade está prestes a decolar. Mais pessoas estão vindo de

Atlanta. Mais dia, menos dia, vai ser aprovada a venda de bebidas alcoólicas. A economia está em alta. Agora é a hora de comprar.

— Você é bem convincente, exceto a parte em que virou traficante de drogas — disse Charlie.

— Três milhões de dólares — respondeu Flora. — É o dinheiro que ficou no fundo depois que os advogados foram pagos. Havia menos de novecentos mil da última vez que eu vi. Colocar esse dinheiro em propriedades é o único investimento que faz sentido. Terreno não perde valor.

— Sua mãe não iria querer isso.

— Você não conhecia a minha mãe.

— Não, mas eu sei como são as mães — disse Charlie. — Minha mãe me amou até o último suspiro dela, Flora. O último suspiro. Você estava com sua mãe quando ela morreu, igual a mim. Eu sei que ela era da mesma maneira com você. Ela queria que você fizesse coisas boas.

— Ela queria que eu sobrevivesse — revidou Flora. — Foi isso que ela me disse em seu último suspiro, logo antes de o caminhão praticamente arrancar a cabeça dela. Ela estava gritando comigo, me dizendo para sair dessa porcaria de lugar e fazer algo por mim, não importava por cima de quem eu tivesse de pisar para chegar lá. Não dá para fazer isso com novecentos mil.

— Dá sim, se você não dirigir um Porsche de cinquenta mil dólares.

— Custou sessenta e oito mil — rebateu Flora. — E foi financiado, porque é melhor para os impostos. Andar em um belo carro é parte do custo de fazer negócios. A gente tem que fazer o show completo para as pessoas. Sucesso gera sucesso.

— Vendeu droga para crianças. Você viciou seu próprio avô… — Charlie ficou sem palavras. Falar para aquela mentirosa de merda que ela estava prejudicando as pessoas era uma tremenda perda de tempo. Flora sabia que prejudicava as pessoas. Era parte da diversão.

Charlie estava com suas chaves na mão.

— Nunca mais tente entrar em contato comigo novamente. Nem pense em pedir a minha ajuda. Ou a do meu pai. Parei com você.

— Não se preocupe comigo, Srta. Quinn. Vou pensar em alguma coisa.

— Aposto que vai. — Charlie queria partir, mas não podia deixar isso passar. Fazia tempo que não se sentia tão zangada, tão usada. — Eu fiquei realmente preocupada com você. Passei meu dia inteiro tentando descobrir como ajudar.

— Você me *ajudou*. Me tirou daquela encrenca lá dentro. E estava certa sobre deixá-los falar, porque eles me disseram muita coisa com as perguntas que fizeram.

— O que eles te disseram?

— Eles não têm realmente tudo o que precisam para me incriminar. Pensando bem, meu avô e Oliver parecem mais culpados do que eu, exatamente como eu queria que fosse. Assim posso sair um pouco de cena, deixar o interesse do Sr. Coin passar, e recomeçar quando eu estiver pronta. — Ela deu de ombros. — Como eu disse, não importa o que eu estou vendendo. As pessoas querem o que elas querem e, se você está disposta a entregar, há lucro para ser explorado.

— Você é inacreditável.

— E você é uma pessoa boa, Srta. Quinn. Não deixe que ninguém diga o contrário. — Flora sorriu, mostrando os dentes. — Você é honesta e justa. Amigável e prestativa. Tem consideração e…

— Cala essa maldita boca. — Charlie caminhou em direção a seu carro, antes que acabasse acusada de agredir uma menor.

Nem ferrando que deixaria uma rainha adolescente da metanfetamina humilhá-la com o juramento das escoteiras.

CAPÍTULO SETE

CHARLIE ESTAVA SENTADA À mesa da cozinha com um último pãozinho de canela e um refrigerante de gengibre. Não sabia de qual dos dois seu estômago mais precisava. Francamente, não importava. Estava exausta demais para levantar os braços e pegar qualquer um deles. Só conseguia ficar sentada na cadeira, olhando fixamente para o saleiro e o pimenteiro sobre a mesa.

Ben os tinha comprado quando eles foram morar juntos. Um tinha a forma de Pepe Le Gambá, o outro era a gata Penélope.

— Entendeu? — Ben tinha perguntado. — Pepe é o pimenteiro, porque parece *pepper*.

Ela deixou seus olhos encontrarem o relógio na parede. Ben estava demorando a chegar do trabalho. Era uma de suas noites de plantão. Os assistentes de promotoria se revezavam para pegar os casos fora do expediente. Ele geralmente ligava para Charlie e avisava quando ia se atrasar. Talvez fosse esse o motivo de o celular dela ter tocado fora do restaurante.

Ela se forçou a se levantar. Era mais barato verificar as mensagens no telefone fixo. Encontrou o telefone sem fio ao lado da geladeira, onde o havia deixado naquela tarde. Ainda havia marcas de dedo com Doritos sujando os números. Ela ouviu o celular tocar na bolsa e no ouvido. Então digitou o código numérico para a caixa postal.

— *Ei, querida* — disse Ben na mensagem. — *Você viu aquela ligação da Visa? Nosso número de cartão foi clonado hoje de manhã. Alguém gastou uma fortuna na Spencer's. Você acredita que aquele lugar ainda existe?*

Charlie desligou o telefone.

O banheiro da ACM. Sua bolsa aberta no chão.

Flora devia ter copiado o número do cartão antes de devolvê-lo ao lugar errado.

— Meu Deus. — Charlie afundou de novo na cadeira.

O que diabos tinha acontecido com ela naquele dia?

Aos treze anos, Charlie tinha parado de confiar nas pessoas. A pessoa não vê a mãe morrer diante dos olhos sem se tornar uma cética. Florabama Faulkner de alguma forma conseguira passar sorrateiramente por seu detector de mentiras. A

garota era obviamente boa em enganar as pessoas. Maude tinha sido enganada. Ou pelo menos deixara muita coisa passar batido. Por outro lado, Ken Coin tinha enxergado a encenação.

O que a ofendia em muitos níveis.

Charlie era mesmo assim tão manipulável? Ou Flora era mesmo tão boa?

O carro de Ben estacionou na garagem. O rádio estava tão alto que ela podia ouvir Bruce Springsteen cantando claramente sobre a Filadélfia. Ou tão claramente quanto Bruce Springsteen era capaz de cantar.

Ela fechou os olhos. Ouviu a porta do carro se abrir e fechar. Depois a porta da cozinha abrir e fechar. Não abriu os olhos até as chaves serem penduradas no gancho ao lado das suas.

— Oi, amor. — Ben beijou-a na cabeça e se sentou à mesa na frente dela. — Fiquei sabendo que você esteve na delegacia hoje.

— Você soube o motivo?

— O chefe anda estranhamente silencioso, mas descobri que tem a ver com aqueles apartamentos.

Ela assentiu, sabendo que não podia fornecer os detalhes. Flora era uma minipsicopata, mas Charlie não podia quebrar o sigilo advogado-cliente. Mesmo que a menina merecesse.

— Coin não estava muito feliz quando voltou da delegacia, então imagino que você fez um bom trabalho — disse Ben, e depois pegou o pãozinho de canela e mordeu. Ficou observando Charlie enquanto mastigava. — Achei que você não iria para aquele prédio sozinha porque era perigoso.

— Desculpa por ter mentido.

— Eu sabia que você estava mentindo, mas tinha que manifestar minha objeção para que pudesse falar “eu te disse” no final.

— E você conseguiu.

— Eu te disse! — Ele ofereceu a Charlie o resto do pãozinho.

Ela balançou a cabeça.

— Pode me dizer qual é o problema? — quis saber ele. — Sem detalhes, só um panorama geral?

— Eu… — Charlie parou. Seu cérebro estava cansado demais para fazer todas as acrobacias necessárias para dizer algo sem contar tudo. — Você acha que a Belinda e o Ryan são felizes?

— Nem ferrando.

— Por causa das crianças? Quero dizer, o bebê e o que está a caminho?

Ben enrugou a testa.

— Acho que não. Eles meio que tiveram os filhos porque acharam que iria consertar o casamento, não é?

— Foi isso o que Ryan disse?

Ben fez uma cara engraçada.

— Você não ouviu isso de mim.

— É culpa dele ser infeliz? — perguntou ela. — Às vezes a Belinda é uma vaca. Eu a amo, mas…

— Isso não é justo. — Ben colocou o pãozinho na mesa. — Ela não está tão diferente assim do que sempre foi. Ryan sabia onde estava pisando. Se não estivesse funcionando, ele deveria ter contado para ela e dado a chance de resolver. E a mesma coisa com ele. A gente tem que resolver os problemas, não pular na jugular do outro tentando vencer.

— Agora é tarde demais. Eles estão presos um ao outro. — Depois acrescentou: — Pelo menos Belinda está. Ela disse que tudo muda quando a pessoa tem filhos. Que ela fica presa. Que o marido a trata diferente, olha diferente.

— Bem… — Ben parecia na dúvida, embora claramente pensasse que era uma conversa filosófica, porque sabia que Charlie sempre tomava o anticoncepcional. — Antes eu pensava que Ryan era um homem macho porque ia para a guerra e tudo o mais, mas a questão é que um homem não pode tratar a esposa daquele jeito. Nem os filhos.

— O que você quer dizer?

— Ele está sempre criticando a Belinda. Você ouviu no último fim de semana. Na frente da filha, ele estava gritando com a Belinda como se ela fosse uma imbecil.

Charlie se lembrava. Belinda só ficou lá sentada, humilhada publicamente, enquanto Ryan estufava o peito para cima dela. Por mais que ela tivesse língua afiada, parecia nunca o enfrentar. Talvez porque ele passasse tanto tempo brigando com ela.

— Se eles estão com problemas, eu entendo — continuou Ben. — Todo mundo tem problemas. Mas não se pode falar assim na frente dos filhos. Ainda mais se for uma menina, porque você está passando a mensagem de que não tem problema um homem falar com uma mulher daquele jeito, mas tem.

Charlie queria jogar os braços ao redor do pescoço dele e beijá-lo.

— Quer saber? Apague isso. É a mesma coisa se for um menino. Ele vai aprender com o pai que não tem problema tratar as mulheres como lixo. — Ben se levantou e foi para a geladeira buscar uma cerveja. — E outra coisa: olha só como o Ryan fala com ela quando eles estão em público. Dá para imaginar o que acontece quando eles estão em casa?

Charlie o viu abrir a garrafa. Ben nunca havia gritado com ela. Tinha levantado a voz várias vezes, mas nunca gritado com ninguém, muito menos

com ela. Mesmo quando eles brigavam, o que não acontecia com frequência, mas acontecia, ele não tentava deixá-la arrasada. Ele passava a mensagem. Dizia que ela estava errada, ou não estava sendo racional, ou estava louca, e ela dizia que ele estava errado, ou não estava sendo racional, ou estava louco, e eles continuavam assim até acabarem na cama ou assistindo a um filme.

— Eu não sabia que você tinha uma opinião tão forte sobre esse assunto — disse Charlie.

— Digamos que meu pai foi um exemplo perfeito de como não tratar a esposa e os filhos.

Como Belinda, Ben queria fazer as coisas de forma diferente.

Charlie dava ao marido mais chances de alcançar o objetivo do que sua amiga.

— Eu tive uma cliente hoje — começou ela. — Não posso falar o nome.

Ben ouvia enquanto bebia a cerveja.

— Ela é adolescente, mas me fez cair direitinho. É sério. Não sou enganada assim desde que minha irmã me convenceu de que nosso vizinho do outro lado da rua trabalhava para a CIA.

— Para a CIA? Havia uma conexão com a Rússia?

— Foco, amor.

Ele esperou.

— Lidar com essa menina me fez refletir sobre que tipo de mãe eu seria.

Charlie pensou na caixinha branca dentro da bolsa. Tinha seguido com o plano. Em parte. No caminho de casa, havia passado pela farmácia e comprado o teste. Tinha feito xixi no palito no banheiro público sujo. E então tinha perdido a coragem e enfiado o negócio de volta na caixa antes que o sinal de mais ou de menos pudesse aparecer.

Ela falou para Ben:

— Essa cliente de hoje, que provavelmente é uma psicopata total, eu acreditei em cada palavra que saiu da boca da menina. Ela me manipulou como uma marionete de merda. E isso me fez pensar, se uma estranha pode me enganar desse jeito, o que aconteceria se fosse minha própria filha?

— Bem, provavelmente seria pior. — Ben sentou-se à mesa. — Pense em todos os pais com que você e eu já falamos no nosso trabalho que disseram: “Meu filho não.” A gente pode mostrar a filmagem do filho deles furtando uma bicicleta, depois quebrando-a em quatro partes, e ainda vão dizer: “Ah, vai ver ele achou que era a bicicleta dele”, ou “Alguém deve tê-lo enganado para fazer aquilo”. O cérebro dos pais automaticamente inventa uma explicação alternativa. Eles não conseguem aceitar que seus bebês podem fazer algo errado. Caramba, até os caras no corredor da morte recebem visita das mães. Elas não desistem deles. Acho que é assim. Os pais nunca desistem. — Ben sorriu. — Então, se

esse for o critério, que os pais nunca desistem, você foi preparada para a maternidade durante sua vida inteira.

Charlie estendeu a mão para pegar a dele. Uma hora antes, Ken Coin tinha usado o mesmo tipo de exemplo para dizer a Charlie que ela era estúpida, e agora seu marido maravilhoso usava para mostrar como ela seria uma mãe excelente.

— E quanto a você? Está preparado? — perguntou ela.

— Eu? — Ele riu. — Eu era o maior nerd no colégio e agora tenho uma esposa gostosa.

— Essa é sua referência de caráter para ser um pai?

— Amor, se um cara como eu consegue faturar você, o que ele não pode fazer?

Charlie não conseguia devolver a brincadeira.

— E se eu for muito ruim nisso?

— Você não é ruim em nada. — Ele apertou a mão dela. — Você é perfeita.

— Você não achou isso na sexta-feira.

— Bem, exceto na sexta-feira, quando você estava sendo chata, você é perfeita. — Apertou a mão dela novamente. — Por que está preocupada com que tipo de pais nós vamos ser? Porque Belinda e Ryan são os piores exemplos no mundo?

— Acho que sim.

— Temos muitos amigos que são bons pais. Ou pelo menos que tentam ser.

Ele não estava errado. Então por que Charlie tinha passado tanto tempo focada em seus amigos mais infelizes e não nos outros, que são felizes?

— É por isso que preciso de você, para me lembrar que existem coisas boas no mundo — disse ela.

Ele estendeu a mão e acariciou o cabelo dela.

— Se algum dia tivermos filhos, não posso prometer que não vou cometer erros, mas não vou me omitir, o que é tudo que se pode fazer. Comparecer é metade da batalha.

Charlie enxugou os olhos.

— O que está acontecendo, amor? Você está estranha desde hoje de manhã.

Ela sentiu o lábio inferior começar a tremer. Tinha evitado dizer as palavras durante todo o dia, mas agora era hora. Mesmo se o teste desse negativo, tinha certeza de que estavam prontos para quando fossem trazer um bebê ao mundo e à sua família. Ben era sua alma gêmea. O amor da sua vida. Ela queria vê-lo ser um bom pai para seus filhos. Queria ser a boba que insistia que seu bebê nunca morderia outra criança, nem jogaria um tijolo pela janela, nem traficaria

metanfetaminas, se fosse o caso. Mas que Deus não permitisse que chegasse a isso.

— Amor — disse Ben. — Você está chorando.

Charlie enxugou os olhos. Não estava apenas chorando. Dali a pouco começaria a soluçar. Podia contar nos dedos de uma das mãos o número de vezes que tinha chorado assim na frente do marido, e geralmente tinham a ver com uma derrota humilhante dos Duke Blue Devils na quadra de basquete.

— Chuck? — Ele se ajoelhou ao lado da cadeira dela. — Você está bem?

Ela não estava bem. Estava se debulhando em lágrimas. Os olhos ardiam. O nariz escorria.

— Quer um lenço? — perguntou ele.

— Tem um pacote na minha bolsa.

Ele se levantou para pegar a bolsa perto da porta.

O coração de Charlie deu um salto.

A caixinha branca.

O plano já havia ido por água abaixo.

Não era assim que ela havia planejado contar, mas era assim que iria acontecer. Estaria chorando, e ele iria abrir a bolsa, onde encontraria o teste de gravidez, e depois olharia de volta para ela e…

O telefone tocou.

Charlie quase saltou da cadeira.

Ben lhe entregou-lhe a bolsa enquanto ia até o telefone.

— Alô?

Ela fechou os olhos. Ouviu o lado de Ben da ligação.

— Quando? — perguntou Ben. — Quantos? — Depois: — Certo.

Ele encerrou a chamada.

Charlie abriu os olhos.

Ben tinha colocado o telefone sobre o balcão. Ele manteve a mão ali como se precisasse segurar alguma coisa.

Charlie supôs pela expressão séria dele que havia surgido um caso de assassinato.

O que significava que agora era a pior hora possível para dar a notícia.

— Você precisa ir? — perguntou.

— Tenho que esperar os bombeiros isolarem a estrutura. Eles ainda não têm todos os detalhes. — Ben sentou-se à mesa de novo. Segurou a mão de Charlie de novo. — O prédio de blocos de concreto.

Ela sentiu o coração parar de repente.

— Os blocos de concreto eram só do lado de fora. O resto é madeira.

— O que você está dizendo?

— Houve um incêndio — disse Ben. — O lugar inteiro pegou fogo. Seis pessoas morreram.

Charlie cobriu a boca com a mão. Flora. Maude. Leroy.

— Um rapaz chamado Oliver Reynolds foi pego deixando o local. Ele estava dirigindo a van de metanfetamina que estavam procurando. Os tiras encontraram uma garrafa na carroceria igual à que foi arremessada pela janela.

Charlie sentiu cada músculo do seu corpo contrair.

— Garrafa?

— Sim, houve uma testemunha. Ela estava fora, nas mesas de piquenique, fumando, quando viu Oliver parar o carro. Ela o viu acender o trapo na garrafa de gasolina e arremessá-lo em uma das unidades do primeiro andar. Isso se chama…

— Coquetel Molotov. — Charlie tinha falado para Flora sobre o artefato incendiário menos de três horas antes. — Qual é o nome da testemunha?

— Como eu disse, os detalhes ainda estão chegando. Não peguei um nome, mas ela é a namorada, ou ex-namorada, do garoto que fez aquilo. Eles acham que foi algum tipo de briga de casal. Ela não para de falar daquele filme…

— *Amor sem fim*.

— É — disse Ben, mas ele não fez a pergunta óbvia: *Como ela sabia?*

— Meu Deus. — Charlie cobriu a boca com a mão. Estava com medo demais para falar. Flora tinha que ser a testemunha. Flora provavelmente dissera a Oliver para jogar a garrafa pela janela. Merda, Flora provavelmente tinha chamado a polícia para que Oliver fosse pego com a mão na massa.

E então ela contou aos policiais a mesma coisa que tinha dito para Charlie sobre o incêndio na casa dos Quinn: foi exatamente como em *Amor sem fim*.

— Quem estava no apartamento em que a bomba incendiária foi lançada? — perguntou para Ben.

— Os avós da testemunha. Morreram quase instantaneamente. Não tenho o nome deles.

Charlie tinha os nomes, mas não podia dizer a Ben, pois tinha feito um juramento de proteger a cliente.

A cliente que agora estava livre para ser emancipada.

Cujos avós tinham sido queimados vivos em sua própria casa.

Cujo namorado iria morrer na prisão condenado por incêndio criminoso e assassinato.

Cuja melhor amiga e seus pais iriam perder a casa.

Que tinha descoberto como neutralizar a investigação da polícia.

Que ganharia milhões com uma transação imobiliária.

Que tinha alcançado o coração de Charlie falando sobre o sentimento de segurança quando se deita a cabeça no colo da mãe.

Charlie fechou os olhos.

Pensou sobre o toque suave da mãe acariciando seu cabelo. A voz que acalmava. Os encorajamentos gentis. O raciocínio lógico de que, não importava quanto as coisas ficassem ruins, elas sempre, sempre iriam melhorar. O jorro quente de sangue de quando o gatilho da espingarda foi acionado.

Charlie abriu os olhos.

Ainda bem que não tinha contado aquela parte da história para Flora.

Não se preocupe comigo, Srta. Quinn. Vou pensar em alguma coisa.

— Chuck? — Ben estava olhando fixamente para ela, preocupado. — O incêndio tem alguma coisa a ver com o que aconteceu com você hoje?

Charlie fez que sim. Estava chorando de novo, embora desta vez não de esperança, mas de desespero.

Em que medida ela era cúmplice da morte de Maude e Leroy Faulkner? Oliver já tinha ficha criminal. Passaria o resto da vida na prisão. Flora não só havia conseguido se livrar, mas embrulhara o caso de tráfico de metanfetamina com um belo laço. Qualquer advogado que se prezasse iria persuadir o júri de que a pobre menina era uma vítima de seus avós traficantes e do namorado incendiário.

E Charlie praticamente tinha escrito um guia para a menina conseguir tudo isso.

— Chuck. — Ben pressionou os lábios no topo da cabeça dela. — O que foi?

— Sou uma pessoa terrível.

— Ora, não diga isso.

— Eu sou — gemeu ela. Como tinha sido tão cega? — Vou ser uma mãe horrível.

— Não vou deixar você falar assim. — Ben afastou-lhe as mãos do rosto. — Olhe para mim, Chuck. Eu sei que você não pode me contar o que aconteceu hoje, mas estou aqui. Estou sempre aqui. Seja lá o que for, vamos enfrentar juntos. Você e eu. Sempre.

— Você promete?

— É claro que prometo. — Ben apertou firme as mãos dela. — Amo você.

— Eu também amo você. — Ela beijou as mãos dele. Pensou no que estava crescendo dentro da sua barriga. — Até meu último suspiro.

Outra frase cafona, mas verdadeira.

Ben lhe deu seu sorriso sem jeito. Enxugou as lágrimas dos olhos dela.

— Tenho pelo menos uma hora antes deles aprontarem tudo para mim. O que você quer jantar?

Ela balançou a cabeça. Não podia pensar em comida.

— Certo, escolha do chefe. — Ele se levantou e foi para a geladeira. — Frango? Hum… esse frango parece uma boa pedida.

Charlie colocou a mão na bolsa. Encontrou a caixa de papel.

— Eu poderia fazer assado, mas não tenho certeza sobre os legumes. Posso fazer espaguete. Ah, ainda tem comida chinesa. Você quer…

— Ben?

Ele olhou Charlie por cima do ombro.

— Fala.

— Estou grávida.

SINOPSE: A BOA FILHA

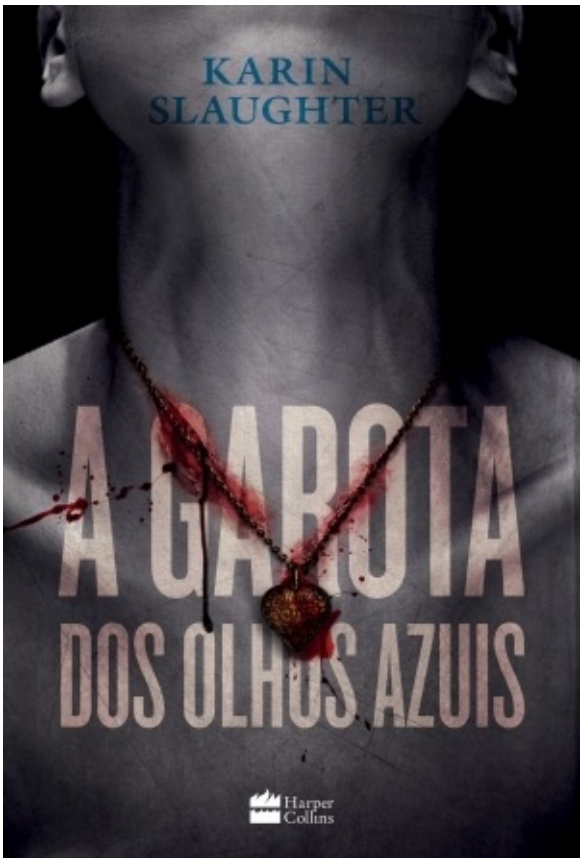
Último suspiro antecede o novo e aguardado romance de Karin Slaughter, *A boa filha*.

Treze anos depois de a conhecermos em *Último suspiro*, Charlie Quinn ainda é advogada em Pikeville. Ela acredita que deixou o horror de seu passado para trás, mas a violência retorna à cidadezinha, e ela se vê mergulhada em um pesadelo. Não apenas é testemunha ocular de um crime, mas de um caso que invariavelmente desperta lembranças terríveis que ela durante tanto tempo tentou suprimir. Porque a verdade chocante sobre o crime que destruiu sua família quase trinta anos antes não vai ficar enterrada para sempre…

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Alice Mello

REVISÃO
Manoela Alves
Lucas Bandeira


KARIN
SLAUGHTER
A GAROTA
DOS OLHOS AZUIS
Harper
Collins

A garota dos olhos azuis

Slaughter, Karin

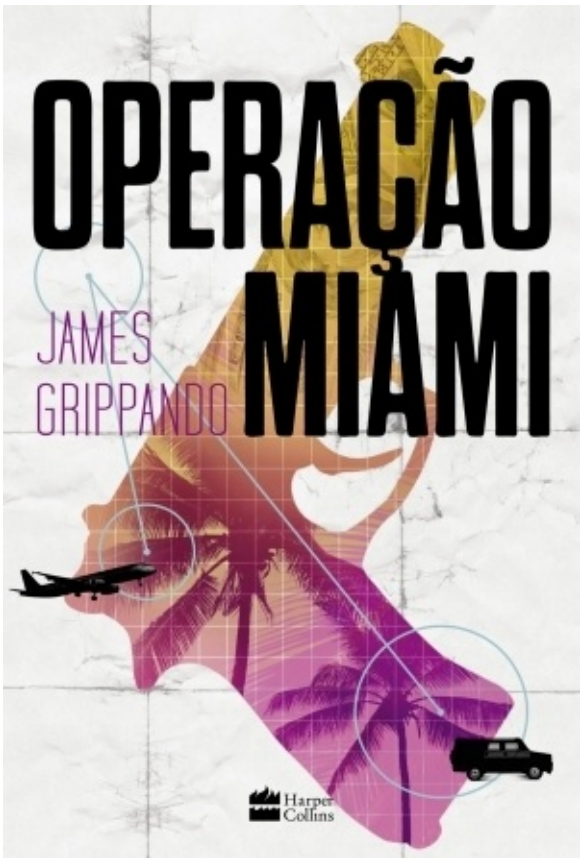
9788569809616

80 páginas

Compre agora e leia

EXCLUSIVO EM EBOOK!Uma linda garota caminha pela rua quando, de repente...Julia Carroll sabe que muitas histórias começam assim. Bonita, inteligente, dezenove anos e recém-chegada à faculdade, ela deve tomar cuidado. Mas, mesmo com todo cuidado, ainda está apavorada, porque várias meninas estão desaparecendo.Uma colega sua, Beatrice Oliver, desapareceu. Assim como uma moradora de rua chamada Mona-Sem-Nome. As duas sumiram no meio da rua, sem deixar vestígios.Julia não quer ser a próxima... Sua única saída é descobrir as razões por trás desses mistérios. A garota dos olhos azuis é um emocionante e inesquecível prequel do best-seller da autora Karin Slaughter, Flores partidas.

Compre agora e leia


OPERAÇÃO
MIAMI
JAMES
GRIPPANDO
Harper
Collins

Operação Miami

Grippando, James

9788569514831

336 páginas

Compre agora e leia

" Operação Miami é a mais nova obra de suspense do autor que criou os eletrizantes romances de tribunal protagonizados por Jack Swyteck. Grippando escreve uma história intensa e labiríntica que nos prende a cada página num ritmo frenético."BOOKLIST " Emocionante! Grippando sabe como manter o leitor sob altíssima tensão do início ao fim."PUBLISHERS WEEKLYJAMES GRIPPANDO, autor best-seller do The New York Times, nos presenteia com um thriller envolvente e misterioso inspirado em fatos reais. Neste livro, uma gangue de ladrões amadores engendra um dos maiores assaltos a aeroporto da história, com consequências potencialmente fatais. Todas as semanas, centenas de milhões de dólares em espécie chegam ao Aeroporto Internacional de Miami e tem como destino o Banco Central. Um seleto grupo de guardas de alta confiança é responsável por passar com o dinheiro pela alfândega e, em seguida, conduzir uma série de carros-fortes com os malotes. Rubano Betancourt sempre andou na linha e respeitou todas as regras, mas quando o banco confisca a sua casa e seu restaurante vai à falência, ele atinge o limite. Com a ajuda de um informante dentro do aeroporto, do cunhado viciado em drogas e de dois ex-presidiários, Rubano aborda os guardas durante a transferência dos malotes, consegue roubar parte do dinheiro e fugir a toda velocidade com US$7,4 milhões no banco de trás de uma caminhonete. A agente do FBI Andie Henning é a responsável pela investigação e sabe que a melhor maneira de encontrar os

ladrões é seguindo o dinheiro. Porém, ela não é a única atrás deles. Mergulhados no submundo de Miami, eles se envolvem em uma série de confusões e problemas que podem afundá-los muito mais rápido do que imaginam...

Compre agora e leia


AAAaaAAAAaAAAA

Aaahhh!

Karsten, Guilherme

9788595084728

40 páginas

Compre agora e leia

Um grande barulho ecoou ao redor do mundo, trazendo caos e confusão. O que será?Um ataque extraterrestre? Um meteoro que caiu bem em cima da fábrica de buzinas?Um saxofonista muito desafinado?E de onde vem esse barulho? Uma verdade a ser descoberta que surpreenderá a todos!

Compre agora e leia


Sri Prem Baba
AMAR
E SER
LIVRE
AS BASES PARA UMA NOVA SOCIEDADE
Harper Collins
Editora Edummar

Amar e ser livre

Baba, Sri Prem

9788595082182

176 páginas

Compre agora e leia

O imenso e invisível mundo dos afetosSe alguém busca os fundamentos para um mundo melhor, certamente há de passar pela questão dos relacionamentos, e o maior desafio é encontrar o caminho para vivê-los da maneira mais leve, plena e feliz. Com sabedoria e ponderação, Sri Prem Baba leva os leitores de Amar e ser livre a refletir não só sobre a qualidade e a saúde de nossos relacionamentos em todos os seus níveis – como interações sociais, espirituais etc. –, mas também sobre a forma como eles são elaborados, compreendidos e nutridos.Por meio das palavras iluminadas do mestre, o leitor aprende como germinar os afetos com mais apuro e sensibilidade. Neste livro, Prem Baba proporciona a serenidade e o equilíbrio necessários para o entendimento amplo de uma realidade para a qual a vida moderna parece obstruir a visão: a descoberta da generosidade e da simplicidade do que há de mais humano e divino nas pessoas."Neste livro, Prem Baba se dedica ao tema de amplo interesse da qualidade amorosa e do desenvolvimento possível do sentido das relações amorosas, desde uma necessidade de verdade entre os casais e na família até o efeito dessa virtual verdade amorosa sobre o mundo inteiro."Tales Ab'saber"Prem Baba mostra que a importância de um relacionamento feliz ultrapassa as fronteiras das pessoas envolvidas, vai além da realização pessoal e se torna uma questão de suprema importância para um mundo melhor. Amar, diz ele, requer uma grande coragem. E afirma que, se pudéssemos ter relacionamentos amorosos, saudáveis e

construtivos, certamente não haveria tanta maldade no mundo. Para ajudar a iluminar o mundo, precisamos tentar primeiro iluminar a nós mesmos. Quem sabe aqui comece a sua jornada."Bruna Lombardi

Compre agora e leia

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor



O pequeno príncipe (original)

Saint-Exupéry, Antoine de

9788522014743

96 páginas

Compre agora e leia

Livro de criança? Com certeza.Livro de adulto também, pois todo homem traz dentro de si o menino que foi.Como explicar a adoção deste livro por povos tão variados, em tantos países de todos os continentes? Como explicar que ele seja lido sempre por tantos milhões e milhões de pessoas? Como explicar a atualidade deste livro traduzido em oitenta línguas diferentes?Como compreender que uma história aparentemente tão ingênua seja comovente para tantas pessoas?O pequeno príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia a dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino.

Compre agora e leia